



1958: O ANO QUE O MUNDO DESCOBRIU O BRASIL

Jefferson Soares Freire¹, Ademir Luiz da Silva²

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Goiás, (CSEH). Email: jeffersonnkj@gmail.com

² Professor Dr. do TECCER e do curso de História do campus CSEH e do curso de Arquitetura e Urbanismo do campus CET, da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: O presente artigo busca tecer reflexões a respeito da obra cinematográfica *1958: o ano que o mundo descobriu o Brasil*, dirigida por José Carlos Asbeg, jornalista e cineasta brasileiro, no qual vamos estabelecer relações com as crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues que narram as passagens do Brasil na copa de 1950, 1954 e 1958, para entender como a partir da conquista da e uma copa do mundo, o Brasil passa a ter um destaque internacional e a perda de seu complexo de vira latas diante as outras nações.

Palavras-chave: Brasil. Crônicas. Complexo de vira latas.

Introdução

José Carlos Asbeg é um consagrado jornalista e cineasta brasileiro, trabalhou em jornais como O diário associados, Correio da manhã e Folha de São Paulo. Trabalhou na TV Globo como correspondente internacional, é, em 2002, inicia o projeto do filme 1958 o ano que o mundo descobriu o Brasil. No qual o jornalista tem a preferência de trabalhar com obras cinematográfica que discutem a memória do Brasil, como o documentário em que o cineasta traz uma visão do contexto na década de 50, a partir do futebol, uma paixão nacional que abriu portas para uma estande internacional do país.

Por outro lado, Nelson Falcão Rodrigues, brasileiro e carioca de coração foi jornalista e dramaturgo desde os 13 anos até sua morte em 1980, no qual suas crônicas futebolísticas perpassam a década de 50 desde a doída derrota para o Uruguai na final da copa de 50 até a exuberante vitória diante da Suécia em 1958.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





Vamos analisar o filme documentário a partir das visões da época contida nas crônicas de Nelson Rodrigues e outros autores que falam acerca do futebol.

Material e Métodos

Realizamos a análise de 1958 – o ano que o mundo descobriu o Brasil com o apoio da pesquisa bibliográfica e entrevistas com teóricos especializados, também serão utilizados materiais produzidos nos cursos de graduação em História e Arquitetura e Urbanismo da UEG, além da disciplina “Literatura, História audiovisuais no cerrado”, do Mestrado TECCER da UEG, onde leciona o pesquisador sênior dessa pesquisa, e do LUPPA, Laboratório Universitário de Pesquisa e Produção Audiovisual, que o pesquisador proponente da pesquisa principal é o atual coordenador.

Resultados e Discussão

O Brasil na década de 40 tinha jogadores maravilhosos que não puderam jogar uma copa do mundo devido a segunda guerra mundial, não houve copa do mundo de futebol depois de 1938 na França.

Em 1950 a FIFA realizou a quarta edição da copa do mundo, que foi sediada no Brasil, pois vários países da Europa estavam ainda se reestruturando devido a Segunda guerra mundial, e o Brasil estava pronto para sediar a copa pois a prática do esporte estava sendo difundida pelo governo de Getúlio Vargas e o futebol foi sempre uma paixão nacional. Então a quarta edição da copa do mundo de futebol e o Brasil anfitrião chegará pela primeira vez na final contra os uruguaios que já haviam conquistado a primeira copa em 1930.

No documentário José Carlos Asbeg, é mostrado que o Brasil já se achava campeão, no qual os jogadores tiravam fotos antes da final contra o Uruguai com faixas de campeões mundial de 1950, faziam parte de comícios para deputados, como dito no documentário, o repórter político vilas boas Corrêa:

REALIZAÇÃO



perdeu o campeonato no momento que deixou a concentração as regras do jogo e foi para São Januário fazer a festa política a candidatos a deputados Flávio Costa Candido a deputado. (14:58 a 15:11).

A fatídica derrota para a seleção uruguaia mostra como o brasileiro não aguenta perder no futebol, que passará a ser seu maior símbolo de nacionalismo a partir de 1958, após a primeira conquista de uma copa, pois o brasileiro antes não tinha um sentimento pela sua nação e o futebol preenche esse sentimento nacionalista no Brasil e em outros países como o Uruguai e a Argentina como diz Giulianotti:

No Uruguai o futebol tornou-se veículo altamente perigoso para a formação da identidade nacional. Como na Argentina, o futebol Uruguaio foi inicialmente controlado pela elite britânica e por profissionais locais. Ao mesmo tempo, enormes ondas de imigrantes europeus estavam chegando e instalando-se em Montevideo. Os novos uruguaios tinham poucos símbolos culturais para uni-los enquanto nação, mas o futebol preenche esse vácuo” (Giulianotti, 2010, p.50-51)

Em 1954 o Brasil teve a chance de disputar a copa do mundo na Suécia, mas acabou caindo nas quartas de final para a seleção da Hungria que venceu por 4x2. No documentário vemos que o Brasil ainda estava sentindo a dor da derrota para os uruguaios e que a seleção estava toda desorganizada, que nem sabia as regras do campeonato pois precisavam empatar o último jogo da fase classificatória mas estavam se desgastando muito contra a seleção da Iugoslávia pois um empate classificaria os dois times.

Após a derrota na copa do mundo de 54 o Brasil sofreria outra derrota. Como diz no documentário:

Em menos de dois meses o Brasil choraria a derrota na copa do mundo e a morte do presidente Getúlio Vargas, parecia que o mundo vinha abaixo uma notícia dramática emocionou mesmo os corações mais frios pozera trabalho vida o presidente Vargas o povo estava destroçado sem esperança, sem força sem autoestima, o brasileiro se sentiu um perdedor (19:28 a 20:05 parte 1)

Após a morte do presidente Vargas o país passou por uma instabilidade política até Juscelino Kubitschek assumiu a presidência da República em à normalidade política e restabelecida no país. Juscelino sonha grande com sua política de 50 anos

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





em 5 traz a industrialização para o país e o futebol sonha em ser grande novamente com ele no comando do país e fala o futebol é uma porta de entrada para o paraíso.

Em 1957 o Brasil se classifica para a copa com dois jogos muito duros contra o Peru, que tinha uma seleção fortíssima na época. O primeiro jogo no Peru a seleção empatou com um gol de índio no segundo tempo e o jogo terminou 1x1, e no segundo jogo no Brasil a seleção ganhou de 1x0. Um ano antes o brasileiro mesmo ainda não acreditava na seleção pois o complexo de vira-lata ainda estava encarnado em nossas veias como diz Nelson Rodrigues em um amistoso entre Brasil e Inglaterra em Wembley:

Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os” maiores é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, loiro e sargento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50 éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem:- nós perdermos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples:- porque obdulio no tratou a pontapés, como se vira latas fôssemos. (Rodrigues, 1993, pág. 61.)

O Brasil em 58 não seria favorito como em 50, e não desorganizado como em 54 em 1958 a seleção montou uma comissão técnica para os jogadores como diz Mendes e Rossi:

Para a copa de 58 na Suécia, o Brasil montou uma estrutura inédita fora de campo, com chefe de delegação, cozinheiro, preparador físico, nutricionista, dentista e psicólogo. Uma proposta de aliar a técnica do jogador brasileiro a aspectos científicos poucos aplicados no futebol nacional daquela época. A base provinha de um relatório encomendado pelo presidente da confederação brasileira de desportos (CDB A CBF DA época), João Havelange, ao comandante da escola de educação física do exército, coronel Antônio Pereira Lima. (Mendes Júnior, Rossi, p15, pág.58)

O Brasil fez sua preparação para a copa do mundo na Suécia em duas cidades mineiras que são poços de Caldas e Araxá no qual cada uma teve um pouco da seleção brasileira em que a preparação física matava os jogadores de cansaço:

Era uma preparação física completamente diferente que nenhum jogador tinha praticado com exceção dos jogadores do Botafogo então o pessoal de São Paulo eles sentiam muito. “o professor eu tô todo duido” eu falei assim

REALIZAÇÃO



que ótimo isso é sinal que você está fazendo tudo direitinho “(46:00 a 46:25 parte1)

O Brasil ia desacreditado para a copa do mundo, muitos diziam que após o fracasso de 50 e 54 o Brasil era um time sem raça e sem vontade que chegava na final e não conseguia vencer:

24 de maio de 1958 a seleção partia em rumo ao desconhecido dos Campos da Suécia poderia voltar consagrado ou afundar mais uma vez o país em uma mãe de lágrimas (...)

Não eram só os brasileiros que não acreditavam na seleção na lista de favoritos na lista feita pelos jornalistas estrangeiros não havia lugar para o Brasil (48: 29 a 48:54 parte1)

O Brasil estreia contra a Áustria dia 8 de junho de 1958, em um grupo da morte no qual estavam a atual seleção campeão olímpica a Rússia e a Inglaterra, que entra sempre como favorita e havia ganhado um amistoso contra a seleção em 56, e vinha toda confiante para a copa. O jogo de estreia em qualquer competição é sempre o mais nervoso, mas a seleção brasileira parecia alegre como diz o centroavante da Áustria, Johan Buzek “a chegada dos brasileiros no estádio me impressionou eles chegaram cantando e batucando e nos olhávamos para eles nervoso e os brasileiros cantando, fazendo samba” (33:45 a 34:06 parte 2).

O Brasil ganhou o jogo por 3 a 0 dos austríacos em que a comemoração vinha um pouco moderada por parte dos brasileiros pois os fracassos na copa de 50 e 54 ainda estavam recentes.

O próximo jogo do Brasil era contra a seleção inglesa, que era uma das favoritas a ganhar a copa. Pois bem, como é normal de todos os times ter espiões para verem jogos de seus adversários a Inglaterra não fez diferente como diz no documentário o lateral esquerdo da seleção inglesa de 58, Tomy Banks:

e nós tínhamos um espião, Billy Nicholson. Ele costumava assisti os jogos de times que enfrentaríamos, é ele assistiu a Brasil x Áustria e ele disse marquem o Didi é ele quem começa todas as jogadas. Isso estava certo, não é? Didi era um bom jogador. (42: 10 a 42: 19 parte 2)



O Brasil jogará um jogo duro contra a Inglaterra que vinha de um empate contra a poderosíssima Rússia no placar de 2 a 2 e sabia que uma derrota contra o Brasil seria uma eliminação antecipada para eles. Pois bem, os ingleses não saíram para o jogo pois o Brasil gostava de jogar no contra-ataque como fez contra a Áustria. Os ingleses viram que a seleção não era mais aquela que eles haviam vencido há dois anos atrás em Wembley, e dificultaram o jogo que acabará em um empate sem gols, o primeiro 0x0 de uma copa do mundo.

O Brasil estava com medo de não conseguir se classificar para as quartas de finais e da mais um vexame para os brasileiros. Então, o técnico da seleção fez alterações para o jogo contra a Rússia, colocou garrincha e Pelé para jogar por pedido dos outros jogadores da seleção, pois o jogo contra a Rússia uma seleção de treinamento científicos, com bom preparo físico e que tinha jogadores que vinham jogando junto a bastante tempo. O Brasil e a Rússia se preparavam para seus jogos um a o lado do outro em que a seleção brasileira fazia seus treinamentos pela manhã e a Rússia fazia os treinamento de manhã e à tarde tanto que os treinadores russos tinha uma equipe de cinegrafistas que filmavam o treino da seleção como diz no documentário Victor tsarev volante russo da copa de 58:

Os nossos treinadores assistiram o treinamento do Brasil, particularmente Mikhail yakushin sempre falava depois de nossos treinos “esses dois devem aparecer no time titular”, ele estava falando do Pelé e garrincha. Esse menino apesar de ser muito jovem, faz tudo o que quer e entende o jogo. E garrincha é explosivo nos treinos, ninguém consegue pará-lo e alcança-lo. (5:53 a 6:31 parte3).

Com Pelé e Garrincha, o Brasil jogou contra a Rússia que ficaram atordoados com garrincha o jogador com pernas tortas que driblava todos seus marcadores pela frente deixando seus companheiros sem nenhuma marcação para fazer os gols é também Pelé com sua genialidade por fazer jogadas antológicas frente aos adversários russos. Garrincha havia sido poupado contra a Inglaterra por eles com entradas duras e machucarem seus adversários e Pelé estava contundido e havia se recuperado para o terceiro jogo no qual os dois jogadores foram decisivos para a

REALIZAÇÃO



classificação da seleção brasileira na Vitória por 2 a 0 conta a Rússia. O jornalista Mário de morais diz no documentário:

No momento em que aquela coisa monstruosa da garrincha aquele fenômeno de perna torta que põe todo mundo na roda e o outro com aquela visão de jogo do Pelé ali nos começamos a ganhar o jogo e isso foi dito por uma pessoa que entendia de futebol chamasse Didi. Didi me disse começamos a ganhar a copa hoje.” (32:45 a 33: 10 parte 3).

No jogo seguinte a seleção pegaria a seleção de país de Gales nas quartas de final no qual essa seleção do país de Gales é considerada a melhor seleção que o país já teve. Os jogadores galeses eram grandes e fortes fisicamente e bons no jogo a aéreo o Brasil tinha dificuldades de adentra a defesa galesa como diz o jornalista Mário de morais no documentário:

Mas aquele jogo não pode ser levado em conta porque aquilo não foi futebol aquilo foi onze craques jogando contra onze muralhas ai era difícil porque nunca vi um preparo físico assim quando um brasileiro pegava a bola tinha três do país de Gales junto era impressionante.”(44:45 a 45:05 parte 3).

O jogo no tempo normal terminou empatado pelo placar de 0 a 0 e o jogo foi para a prorrogação em que o jogo parecia ser encaminhada para o jogo extra pois não havia pênaltis se terminasse empatado mas aos 20 minutos da prorrogação Pelé em uma jogada de genialidade e sorte driblava o jogador galês com um chapéu adaptado, e faz o gol e o Brasil se classifica para a semifinal da copa de 58.

O adversário da semifinal era a seleção francesa, a sensação da copa que tinha o melhor ataque da competição e o Brasil era a melhor defesa da competição os brasileiros estavam ainda não acreditando na seleção por lembranças de campanhas passadas como diz Luiz Carlos Barreto diretor cinematográfico” esse descrédito da opinião pública era inteiramente justificado porque era descrédito pelas grandes decepções de 50 e 54 ne então não havia porque ter uma atitude otimista por parte da opinião pública (13:00 a 13:20 parte3).

O jogo contra a seleção francesa foi duro, mas o Brasil estava com sorte na partida o principal zagueiro da seleção francesa e capitão do time havia se contundido e como naquela época não poderia haver substituição nas equipes durante a partida

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





o Brasil ficava com um a mais em campo o jogo que estava no segundo tempo 1x1 dois minutos após a contusão do jogador francês o Brasil virava o jogo e fizera uma goleada contra a equipe francesa com uma atuação brilhante de Pelé que fez 3 gols na partida o jogo terminará 5x2 para o Brasil que chegará pela segunda vez a uma final de copa do mundo.

A final da copa do mundo de futebol de 58 seria contra a seleção anfitriã, a Suécia que havia vencido a campeã da copa de 54 a Alemanha. A Suécia estava em festa pois nunca havia chegado à final da copa e nem acreditaram que estava ali eles comemoravam como se tivessem vencido a copa tanto que em vez de pegarem um avião para Estocolmo que duraria uma hora de viagem os jogadores foram de trem em uma viagem de um dia que desgastou muito os jogadores.

Já o Brasil, apesar de ter vencido a França na semifinal estava ainda com desconfiança se poderia ganhar e tudo que se falavam nos jornais da imprensa brasileira segundo o jornalista Mário de morais era:

A imprensa brasileira toda a imprensa brasileira quem “disse que não é mentira toda imprensa brasileira só tinha um comentário Brasil x Uruguai copa de 50, Brasil x Hungria copa de 54 nós vamos repetir o vexame estamos na terra deles então quando começou a chover o Brasil não joga na chuva Didi não sabe driblar na água e não sei mais que.”(4:15 a 4: 53 parte 5).

Pois bem, o Brasil jogou a final contra a Suécia em um campo molhado e passado que dificultava o jogo da a seleção, e favorecia a seleção sueca tanto que o jogo estava não querendo pender para a seleção que no sorteio antes do jogo da final para decidir quem jogaria com a camisa amarela o Brasil perdeu e teve que fazer as pressas uma camisa de outra cor então a comissão brasileira comprou várias camisas azuis e costuraram o brasão da seleção no peito a mão. Certo o jogo começou e a Suécia abre 1x0 no placar e o pesadelo das outras copas assombram novamente os brasileiros, mas o Brasil tinha garrincha, Didi e Pelé que faziam a diferença na seleção “as imagens da televisão do brilho dos brasileiros na Suécia foram radiantes. O “O jogo bonito” de seus cinco ilustres jogadores de frente Didi, garrincha, Vavá, Pelé, e Zagallo era sem igual na Europa e deixou o reino unido como nunca se pensara.

REALIZAÇÃO



(GIULIANOTTI, 2010, P.45). Pois bem o Brasil venceria o jogo de virada antológica por 5 x 2 e se tornaria pela primeira vez campeão mundial de futebol. Pepe ponta esquerda da seleção fala "a gente se sentia nossa senhora nós somos campeões do mundo hoje nós somos campeões hoje nós somos donos do mundo." (38:56 a 39: 01 parte 5). Paulo Planet jornalista fala: foi o primeiro momento de exaltação da alma nacional, o primeiro instante que o brasileiro o povo brasileiro pode expandir sua sensação de vitorioso" (41:34 a 41:48 parte5). Bo hansson jornalista Sueco disse: "os brasileiros e o Brasil viraram referência não somente no futebol, mas também como pessoas alegres, agradáveis e bons vencedores. Uma nação popular até hoje." (42:33 a 42:47, parte5).

A conquista de uma copa do mundo mudou o brasileiro com o símbolo de nacionalismo dentro de um esporte de massas o povo brasileiro se sentiu superior a outras nações podemos ver isso acontecendo de quatro em quatro anos uma copa após outra em que o brasileiro enfeita suas ruas em busca de mais uma conquista e geralmente quando a seleção vai mal a nação brasileira também vai mal mas desde a primeira conquista o brasileiro tem um sentimento de superioridade podendo se igualar ou até mesmo se melhor que outras nações como diz Nelson Rodrigues:

Vejam como tudo mudou. A Vitória passará a fluir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto:- quem éramos nós? O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito:- "Eu sou humilde! Eu sou sujeito mais humilde do mundo!". Vivia desfraldando essa sua humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E, se alguém punha em dúvida a sua humildade, eis o fulano esbravejante e querendo parti as caras. Assim era o brasileiro. Servil como a namorada, com a mulher, com credores mal comparado, um São Francisco de Assis, de camisola e alpercatas. (RODRIGUES, 1993 PAG. 73.)

Com uma conquista importante para o país o Brasil mudou de patamar no mundo e passou a ser reconhecido.

Considerações Finais

O documentário 1958 o ano que o mundo descobriu o Brasil dirigido por José Carlos Asbeg traz uma importante fase brasileira para entendemos de como o

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





nacionalismo se expressa através do futebol e mostra que a cultura futebolísticas está relacionada a política brasileira desde de Getúlio Vargas com a primeira copa até nos dias atuais e também com as analise das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues podemos saber como era o sentimento do povo brasileiro na década de 50.

Referências

- 1958: **O ANO que o mundo descobriu o Brasil**. Direção: José Carlos Asbeg. São Paulo: Palmares Produções e Jornalismo, 2008. 1 DVD (85 minutos).
- FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIULIABOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensão históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova alexandria, 2012.
- ROSSI, Jones; JÚNIOR, Leonardo Mendes. **Guia Politicamente Incorreto do Futebol**. Leya, 2014.
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – conceitos e metodologia(s)**. In: VI CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. Anais da SOPCOM. Lisboa, 2009.
- RODRIGUES, Nelson. **As sombras das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



A ancestralidade mitológica: Memória do mito nas efabulações narrativas de Italo Calvino e Hiromu Arakawa.

Lucas Tavares Teixeira* (IC)¹ , Juliano de Almeida Pirajá (PQ)²

tavarx@icloud.com

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Formosa

Resumo: O trabalho que aqui se apresenta corresponde à descrição das atividades que foram desenvolvidas pelo bolsista Lucas Tavares Teixeira, estudante do quarto semestre de História do Campus Universitário de Formosa. Seu trabalho está vinculado ao GPTEC – Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas, e tem como centro de investigações as possíveis aproximações dos universos narrativos de Italo Calvino na Trilogia Nossos Ancestrais (O Visconde Partido ao meio de 1952 e O Barão nas árvores de 1957 e O Cavaleiro Inexistente de 1959) e o mangá Fullmetal Alchemist (2001 a 2010) de Hiromu Arakawa e suas versões em anime. A tentativa de encontrar uma ligação entre os autores e seus universos, pensando por meio da semiótica e uma inserção de cultura para o indivíduo para a construção de contos fantásticos e suas intertextualidades. O ponto principal que fez ambos produtores se encontrarem, são seus personagens de armaduras vazias, que não possuem corpos para vesti-las, vivem por suas particularidades ou motivos próprios.

Palavras-chave: Fullmetal; Alchemist; Cavaleiro; Inexistente;

Introdução

Um autor clássico, Italo Calvino, e uma autora contemporânea, Hiromu Arakawa, ambos possuem um personagem em comum que desperta a curiosidade pela proximidade que possuem. O objetivo central é por quais motivos e com que ferramentas linguísticas, explicações podem ser feitas para as coincidências geradas entre tais escritores de diferentes culturas em diferentes tempos, podem ser tão próximas em suas obras. Por meio de leituras, compreensões e discussões, essas produções tornassem tão distintas e tão próximas.

Material e Métodos

No que diz respeito à teoria, primeiramente procuraremos as noções de mito e as remissões que as narrativas selecionadas e a historiografia a ela fazem. Para enfrentar as noções de mito e suas relações com a história dialogaremos com Jean-Pierre Vernant, Marcel Detienne e François Hartog que em conjunto compõe aquela que se convencionou chamar de Escola de Paris. Para memória e intertextualidade, Paul Ricouer, Umberto Eco e Georges Didi-Huberman.

Munidos de todas estas ideias, iniciou-se o trabalho de articulação destas para a elaboração do texto. A etapa de conclusão da pesquisa tem como princípio metodológico a articulação entre as análises das narrativas e as leituras teóricas. Para fins de conclusão da pesquisa, o objetivo de produzir um texto final, que visa publicações e/ou comunicações em eventos científicos especializados.

□

Resultados e Discussão

Resultados: Foram feitos os levantamentos, leituras e a análises bibliográficas para o desenvolvimento e construção da pesquisa, a afirmação da teoria narrativa por meio das mais variadas áreas de conhecimento e fontes além do texto escrito.

A inserção do bolsista na área da pesquisa, para que o mesmo conheça seus métodos, técnicas e conceitos, com a finalidade de ampliar o conhecimento próprio e da comunidade acadêmica.

Discussão: A relação entre as escritas da História e da Literatura têm sido um tema recorrente na reflexão de historiadores, filósofos, teóricos e críticos da Literatura há muitos séculos, pelo menos desde a aceitação da presença da subjetividade do narrador e da imaginação no relato histórico. Tais esferas se conjugam num tecido de relações teóricas que ao mesmo tempo convergem e divergem, uma vez que a narrativa, ou tropos discursivo, se encerra na vinculação desses dois campos de estudos que permanecem em conflito desde que Aristóteles

anunciou na Poética que a História narra sobre o que aconteceu e a Literatura sobre o que poderia ter acontecido.

As aproximações feitas a partir da literatura de Italo Calvino e Hiromu Arakawa partiram de um denominador comum em seus contos, as armaduras e os mistérios que as cercam. No livro O Cavaleiro Inexistente, é apresentado Agilulfo:

O rei chegara a frente de um cavaleiro com a armadura toda branca; só uma tirinha negra fazia volta pelas bordas; no mais era alva, bem conservada, sem um risco, bem-acabada em todas as juntas, encimada no elmo por um penacho de sabe-se lá que raça de galo oriental, cambiante em cada nuance do arco-íris.¹

O personagem é uma armadura que não possui cavaleiro. Sua existência parte do princípio da força de vontade e na fé da guerra santa em que se passa o conto. Um cavaleiro que serve apenas por querer servir, que mesmo não possuindo um corpo físico, mantém suas características baseadas no seu senso de justiça e benevolência em meio a um ambiente cercado de hostilidade.

Na obra de Hiromu Arakawa, Fullmetal Alchemist², Alphonse Elric é um personagem que perdeu seu corpo inteiro em meio a uma transmutação humana de alquimia e seu irmão Edward Elric sela seu corpo em uma armadura. Então, Al passa a ser, assim como Agilulfo, uma armadura, vazia, sem corpo. Mesmo possuindo uma aparência hostil, é uma criança de personalidade doce e amável.



¹ CALVINO, Italo. O Cavaleiro Inexistente. São Paulo, Companhia de Bolso, 2014. Pág. 318

² HIROMU, A. Fullmetal Alchemist – Brotherhood, Japão. 2009 – 2010, anime.

O elo entre os dois autores está nesses personagens, que por mais que possuam seus princípios, origens e tempos diferentes, é inegável a sua proximidade. Mesmo estando próximos nessas construções literárias, mantêm-se distantes devido à territorialidade e cultura. Como essas produções possuem tal similaridade? Pensando por meio da semiótica e as armaduras como um signo, talvez seja possível ter um entendimento para o questionamento proposto, fazendo com que ambos não precisem de um contato direto para que haja essa aproximação das obras.

Para melhor compreensão do funcionamento da semiótica, partindo-se de Valsiner³, seria a ciência que estuda os signos. Os signos medeiam a relação entre o indivíduo e o mundo, a relação com objetos concretos. Empregam um conjunto de construtos e representações que permitem a compreensão, abstração e a atribuição de sentido do mundo pelo sujeito. A cultura humana se desenvolve de acordo com essa lógica de funcionamento do indivíduo em sociedade. Tanto na cultura oriental de Hiromu quanto na cultura ocidental de Calvino há armaduras, a diferenciação está justamente na contextualização em que ambos personagens se encontram, sendo narrativas fantásticas, deixando aberta para a criatividade e a imaginação dos criadores.

Os personagens principais não são a única similaridade presente nos universos das obras, talvez pela produção de Hiromu ser mais abrangente e mais recente na cultura pop, trazendo diversos pontos, temporalidades e conexões com a realidade. Agilulfo e Alphonse possuem destinos e anseios totalmente diferentes. Um busca lutar por seus princípios, e o outro, a retomada de seu corpo perdido.

Considerações Finais

A partir do exposto, entende-se que para uma aproximação de obras, literárias ou audiovisuais, não se necessita que ambas precisem estar em um mesmo contexto social, cultural ou territorial. Por meio de intertextualidades e semiótica, as semelhanças podem ser encontradas em qualquer aspecto, para

³ VALSINER, J. Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da Mente, Mundos da Vida. São Paulo. 2012, Artmed.



serem feitos paralelos e análises de uma particularidade em questão.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao professor Juliano Pirajá pela oportunidade de poder estar fazendo parte deste projeto organizado por ele. Agradeço também aos meus amigos que sempre me dão forças para continuar e a minha família que me apoia em tudo que me proporciona a fazer.

Referências

Livros

- CALVINO, Italo.** Os Nossos Antepassados. São Paulo, Companhia de Bolso, 2014
- CALVINO, Italo.** O Cavaleiro Inexistente. São Paulo, Companhia de Bolso, 2005.
- CALVINO, Italo.** O Barão nas Árvores. São Paulo, Companhia de Bolso, 2009.
- CALVINO, Italo.** O Visconde Partido ao Meio. São Paulo, Companhia de Bolso, 2011.
- ARAKAWA, Hiromu.** Fullmetal Alchemist. São Paulo, Editora JBC, 2001 – 2010.
- ARENDT, Hannah.** Entre o passado e o futuro. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio.** O que é contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BLANCHOT, Maurice.** O Espaço Literário. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOURDIEU, Pierre.** O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DETIENE, Marcel.** A invenção da mitologia. Rio de Janeiro / Brasília, José Olympio, UnB, 1992.
- ECO, Umberto.** A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica. Tradução Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FLUSSER, Vilém.** Filosofia da caixa-preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FLUSSER, Vilém.** O mundo codificado. São Paulo: CosacNaify, 2007.



HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte, UFMG, 1999.

LIMA, Luiz Costa. História, ficção, literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e sociedade na Grécia Antiga. Brasília, EdUNB, 1992.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução Alípio Correia de Franco Neto. São Paulo: EdUSP, 1994.

ZIZEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real! São Paulo: Boitempo, 2003.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VALSINER, J. Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da Mente, Mundos da Vida. São Paulo. 2012, Artmed.

Anime

Fullmetal Alchemist: Brotherhood (Yasuhiro Irie, Japão, 2009 - 2010)

AGROECOLOGIA E QUESTÃO DA ÁGUA: dinâmica hídrica em processos produtivos de experiências agroecológicas no município de Goiás/GO

Hygor Rafael Brandão Silva (IC)¹, Murilo Mendonça Oliveira de Souza (PQ)²

1. Geografia, VIC/UEG, Campus Cora Coralina, hygorrbs@gmail.com

2. Docente e Pesquisador, Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás/GO

Resumo: O que temos chamado de crise hídrica, em verdade, tem se desenhado muito mais como estresse hídrico, pois é resultado em primeiro lugar do modelo de desenvolvimento consolidado como agronegócio. A agricultura de larga escala, mas principalmente a pecuária extensiva tem representado um intenso processo de degradação de nascentes e outros mananciais. Acreditamos que a agroecologia tem a possibilidade de pensar de forma mais equilibrada a utilização de água na agricultura. Com isso, este trabalho teve como objetivo geral compreender a dinâmica hídrica em experiências agroecológicas desenvolvidas no município de Goiás. Como resultado temos que há um intenso consumo de água nas atividades relacionadas à pecuária extensiva, enquanto as experiências agroecológicas pesquisadas apresentam-se mais equilibradas em termos de utilização da água.

Palavras-chave: agricultura familiar, reforma agrária, alimentação, questão hídrica.

Introdução

A questão da água tem representado um desafio para a humanidade, não somente em termos de conservação, mas principalmente em termos do uso racional e democrático deste bem natural. A água vem sendo utilizada em atividades diversas, mas tem sua maior parte consumida na indústria, mineração e agricultura. A população, em suas necessidades básicas, utiliza uma porcentagem insignificante com relação ao total. Há, por outro lado, uma perspectiva produtiva agroecológica, que propõe a utilização mais equilibrada do meio ambiente, incluído aí o uso racional da água. Neste trabalho procuramos entender estes processos. No sentido de pensar esta problemática, este trabalho tem como objetivo geral compreender a dinâmica hídrica em experiências agroecológicas desenvolvidas no município de Goiás.

Material e Métodos

Na primeira etapa buscando autores que discutem a questão hídrica e a agroecologia, para nos dar base para a realização efetiva do plano de trabalho.

REALIZAÇÃO



Metodologicamente, além da busca de referências adequadas para esta pesquisa temos trabalhado com imagens de satélite para identificação de nascentes e delimitação de bacias situadas ou que influenciem as experiências em estudo neste trabalho. Esta parte tem sido lenta, em especial, pela necessidade de apropriação de técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento. A seguir apresentamos alguns resultados, especialmente traduzidos no referencial teórico estudados até o momento.

Na escolha de um local para análise e colheita de dados, foi escolhido a experiência agroecológica da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO): A Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) está situada no sítio Paciência – Arraial do Ferreiro, a 7 Km do município de Goiás e tem como Entidade Mantenedora a Associação de Pais e Alunos da EFAGO (PINTO et al, 21--). Foi realizado acompanhamento com os alunos no dia a dia para compreender a dinâmica deles para com a escola e vice-versa. Utilizamos fotos como recurso para o leitor compreender melhor o espaço de produção agroecológica dos alunos.

Resultados e Discussão

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em disponibilidade hídrica. No território brasileiro está 12% das águas doces do planeta (BRASIL, 1983). O estado de Goiás é a unidade da federação com maior quantidade de províncias hidrogeológicas (GOIÁS, 2006), o que situa no estado uma relativamente ampla disponibilidade hídrica. Por outro lado, considerando o avanço do agronegócio, entre outras formas de utilização intensiva da água industrialmente, vivenciamos um período crítico na disponibilidade hídrica.

De forma geral, de acordo com Moraes (2004), a elevação da demanda de consumo de água tem sido provocada pela dinâmica do Regime de Acumulação Capitalista em sua fase globalizada, com foco no Brasil para o Agronegócio.

A chamada modernização conservadora, oriunda da Revolução Verde, caracterizou as terras cerradeiras como área privilegiada da expansão de commodities e desencadeou nas últimas décadas um intenso processo de degradação ambiental. Como consequência houve uma significativa retirada

REALIZAÇÃO



da cobertura vegetal nativa, a ampliação dos fenômenos erosivos, com consequente [...] assoreamento dos cursos de água, alteração na dinâmica de precipitação, entre outros desequilíbrios. (MORAES et al, 2018, p. 66)

Existe, portanto, um processo de degradação intenso às nascentes e bacias hidrográficas pelo modelo de produção baseado no Agronegócio. O desequilíbrio ecológico provocado pelo agronegócio no país requer um conjunto de ações para seu êxito, pois, sua contradição com a natureza requer um auxílio humano. Antes, o solo em conjunto da natureza era um local de vida o qual exigia do homem apenas o plantar e o cuidar. Com a revolução verde e o desequilíbrio ecológico, provocado pelo desmatamento e a produção em larga escala de um só cultivo, desestabilizando a pirâmide ecológica, o solo deixa de ser um sistema vivo e dinâmico para ser apenas uma base produtiva do agronegócio. Com a perda de vidas na implantação desse sistema de produção em larga escala, o uso de químicos para a produção e controle de pragas, e a modificação genética (transgênicos), é extremamente necessário. Segundo o Atlas do Agronegócio:

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Em 2002, a comercialização desses produtos era de 2,7 quilos por hectare. Em 2012, o número chegou a 6,9 kg/há, segundo dados do IBGE. As commodities soja, milho, cana e algodão concentram 85% do total de agrotóxicos utilizados. E entre 2000 e 2012 no Brasil, período de maior expansão das áreas de soja, e milho transgênicos, esse número cresceu 160%, sendo que na soja aumentou 3 vezes. Só a soja, predominante entre as culturas geneticamente modificadas, utiliza 71% desse volume. Os herbicidas à base de glifosato, usado nas lavouras transgênicas, respondem por mais da metade de todo veneno usado na agricultura brasileira. Contrariando alegações de que essa disparada no uso de agrotóxicos seria “consequência inexorável” do aumento de produtividade ou da expansão da área cultivada, estudos e dados oficiais evidenciam que, entre 2007 e 2013 o uso de agrotóxicos dobrou, enquanto a área cultivada cresceu apenas 20%. No mesmo período, também dobraram os casos de intoxicação. (SANTOS; GLASS, 2018, p. 22).

O discurso de erradicação da fome metamorfoseou-se em produção de morte. Os venenos que o agronegócio requer para produzir “alimentos” são extremamente prejudiciais à saúde. Esses venenos são relacionados a problemas prejudiciais à saúde humana. Agrotóxicos como: Abamectina (toxicidade aguda e suspeita de toxicidade reprodutiva); Acefato (neurotoxicidade, suspeita de carcinogenicidade e de toxicidade reprodutiva); Carbofurano (alta toxicidade aguda,

REALIZAÇÃO

suspeita de desregulação endócrina); Cihexatina (alta toxicidade aguda, carcinogenicidade, toxicidade reprodutiva e neurotoxicidade); Endossulfam (alta toxicidade aguda, suspeita de desregulação endócrina e toxicidade reprodutiva); Forato (alta toxicidade e neurotoxicidade); Fosmete (neurotoxicidade); Glifosato (efeitos toxicológicos adversos); Lactofem (carcinogênico); Metamidofós, (alta toxicidade aguda e neurotoxicidade); Tiran (mutagenicidade, toxicidade reprodutiva e suspeita de desregulação endócrina); tricloform, (neurotoxicidade, potencial carcinogênico e toxicidade reprodutiva); são proibidos em países como União Europeia, América do Norte e outros, outrora, são utilizados livremente no Brasil (ABRASCO, 2015). No primeiro semestre do ano de 2019, o congresso brasileiro aprovou 169 agrotóxicos sendo 48% de alta ou extremamente tóxicos (G1, 2019).

Esses venenos chegam em nossos organismos pelo alimento, ar e água. A contaminação de reservatórios e rios tem não só mostrado a destruição do veneno em contato com outros seres da natureza, mas, com a parcialidade dos congressistas brasileiros em apoiar o uso de veneno no Brasil. As leis brasileiras têm por objetivo validar a destruição e espoliação da burguesia brasileira. Os parâmetros de potabilidade da água no Brasil foram revistos várias vezes para se encaixar na necessidade do agronegócio. Segundo dossiê ABRASCO (2015):

Na **primeira norma** de potabilidade da água no Brasil, a Portaria n. 56/1977, era permitida a presença de 12 tipos de agrotóxicos, dez produtos químicos inorgânicos (metais pesados), nenhum produto químico orgânico (solvente) e nenhum produto químico secundário da desinfecção domiciliar. Na **segunda norma** de potabilidade da água do Brasil, a portaria MS n. 36/1990, era permitida a presença de 13 tipos de agrotóxicos, 11 produtos químicos inorgânicos (metais pesados), sete produtos químicos orgânicos (solventes) e dois produtos químicos da desinfecção domiciliar. Na **terceira norma** de potabilidade da água no Brasil, [...], a portaria MS n. 518/2004, era permitida a presença de 22 agrotóxicos, 13 produtos químicos inorgânicos (metais pesados), 13 produtos químicos orgânicos (solventes) e seis produtos químicos secundários de desinfecção domiciliar. Na **quarta e recente portaria** de potabilidade da água brasileira, a de n. 2.914/2011, é permitida a presença de 27 tipos de agrotóxicos, 15 produtos químicos inorgânicos (metais pesados), 15 produtos químicos orgânicos (solventes), sete produtos químicos secundários da desinfecção domiciliar, além do uso de algicidas nos mananciais e estações de tratamento. (ABRASCO, 2015, p. 68).

Os agrotóxicos estão presente na vida dos brasileiros cotidianamente seja na comida, no ar e na água, portanto, a morte está nos bens mais preciosos que deu vida ao planeta terra. O que era sinônimo de vida agora passa a ser sinônimo de

morte. A água não só é poluída diariamente, mas, também, deparamos com a busca de sua privatização que tem sido a pauta das últimas décadas, tornando o bem extremamente precioso para vida escasso, com objetivo único de produzir riqueza, um simples minério (MORAES; SILVA; VENÇÃO, 2018).

Isso torna urgente pensarmos outro modelo de produção, que entendemos seja a Agroecologia. A Agroecologia pode também com relação à questão hídrica, contribuir com a recuperação de cursos de água, nascentes, etc. Para isto, é importante que possamos analisar como na Agroecologia a água tem sido utilizada. Sobre a utilização da água na agricultura, Petersen, Weid e Fernandes (2018, p. 233) destacam que:

[...] a agricultura consome atualmente por volta de 70% da água bombeada de rios, lagos, e aquíferos do mundo. As áreas irrigadas no planeta triplicaram entre 1950 e 2003 e respondem hoje por cerca de 1/3 do total dos grãos produzidos. Apesar de levarem à rápida deterioração dos corpos d'água e apresentarem baixos níveis de eficiência na conversão de água em alimentos, os sistemas intensivos de irrigação continuam a ser empregados.

No sentido de garantirmos a conservação das bacias hidrográficas, mas ao mesmo tempo garantirmos a produção de alimentos, a Agroecologia surge como estratégia produtiva e social muito importante. "Exatamente por articular a produção econômica com a reprodução ecológica em longo prazo é que a agroecologia tem sido designada como a ciência da agricultura sustentável" (PETERSEN; WEID; FERNANDES, 2018, p. 239). A agroecologia é, portanto, uma perspectiva de produção que permite, para além da produção de alimentos saudáveis, a preservação da natureza, dos solos e da água.

O aumento da eficiência do uso da água, ou seja, do total de biomassa produzida por unidade de água disponível, é uma característica essencial para a construção de estilos de agricultura mais sustentáveis. O emprego intensivo da biodiversidade por meio do manejo conservacionista dos solos, os cultivos de cobertura, as variedades locais, os espaçamentos adensados e os sistemas agroflorestais estão entre as práticas que ajudam a regular os ciclos hidrológicos locais, ao favorecer a infiltração da água e a penetração profunda das raízes dos cultivos, ao reter maiores teores de umidade nos solos e ao reduzir as perdas por escoamento superficial e evaporação. (PETERSEN; WEID; FERNANDES, 2018, p. 242).

É necessário, portanto, pensar na agroecologia para que a água e a vida humana estejam garantidas. A produção e reprodução humana no decorrer da história se deu da sua interação com a natureza no produzir alimento, arte, cultura, língua, história e histórias (lendas, mitos, contos) as quais foram frutos da abstração



do real dado pela interação homem-natureza. “O processo de trabalho é ponte dessa relação de interioridade-exterioridade do homem com a natureza” (MOREIRA, 2014, p. 169). Essa mediação produzida pelo trabalho, da vida e forma para o homem, sendo ele um produto da paisagem e um criador, por sua vez, de paisagens. Sujeito a leis objetivas da natureza para sua produção e reprodução dadas pelas determinações naturais:

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda história, é que os homens devem estar em condições de viver para o poder fazer história. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas as horas, simplesmente para manter os homens vivos (MARX E ENGELS, 1998. *Apud*, Ibidem, p. 170).

Isso deixa claro que toda alienação do homem começa pelo seu desligamento da natureza negando seu produto ontológico de produção existencial. O século XVIII iniciou-se uma nova fase do capitalismo: industrial. Dentre outros fatores históricos problemáticos que evidencia a não liberdade do homem, a revolução industrial foi um passo de crescimento das cidades, aumento da pauperização e alienação dos homens perante seu trabalho. Negados de seu espaço pelo processo de mercantilização das coisas, dado pela sociedade burguesa, o homem deixa o trabalho ontologicamente produtor e reproduzidor de sua vida para se render ao trabalho manufaturado da industrial (MARX, 2017), em troca do salário que garantiria suas condições materiais mínimas de reprodução da sua força de trabalho (ALTHUSSER, 1970). Mas como diria MARX, em seu *Manifesto*, já em 1848, que a burguesia necessita de novos mercados: “Impelido pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX E ENGELS, 2010, p. 43). Dada essa afirmação, a partir do pós-guerra (1939-1945), vai-se implantar novas relações capitalistas pelo mundo, e no Brasil, historicamente perturbado pela colonização, vai inerir novos processos/formas produtivos/as que colocará em cheque o homem e a natureza para atender as demandas do capital.

Não é tema deste relatório a divisão internacional do trabalho, mas, neste cenário, o Brasil tomou o posto global de abastecimento, como outros países da



América Latina, tendo a finalidade de erradicar a fome e ser fornecedor de matéria prima para indústria de países “desenvolvidos” industrial e tecnologicamente. Com a ditadura dos governos militares (1964-1985), uma drástica transformação se dará no Brasil com a inserção das sementes de Variedades de Alto Rendimento (VAR) e as produções de larga escala também conhecidas como monoculturas (SHIVA, 2013), provocando uma ruptura na produção e vivência ontologicamente formada pela relação homem-natureza a qual será inserido, agora com mais agressividade. “O advento de uma agricultura monocultura, voltada exclusivamente para o mercado, tem sido responsável pela dissociação entre agricultura, pecuária e extrativismo” (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 213), realizado historicamente pelo homem, agora, jogado nas cidades para realização a reprodução do capital e deste ser dependente. A partir de 1970, o bum das cidades brasileiras se dará por essa industrialização do campo (SANTOS, 2005). Se dará também a mecanização/alienação do homem, dado a seu desligamento da natureza e inserção de forma mais aprofundada no mundo capitalista.

A perda de autonomia dada a sua perda ou desligamento da natureza desencadeará sua dependência diante do único fornecedor o qual o homem terá acesso: o capitalista. Esse (o capitalista) responsável por garantir a “soberania alimentar”, terá como objetivo, ainda mais aprofundado diante os de 1492, de se apropriar da natureza no sentido demasiado da palavra. Em 2017, o Fórum Alternativo Mundial das Águas (FAMA) se reuniu em Brasília com uma diversidade de povos tradicionais de âmbito nacional e internacional para se oporem a privatização da água. Nesse mesmo local, estavam um conjunto de povos (homens e mulheres) que reivindicavam a natureza não como propriedade, mas como bem comum, baseado na teoria do bem viver inspirado nos povos indígenas, caminhando contra a lógica capitalista. Alberto ACOSTA (2016) explica que:

O bem viver se afirma no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todo os seus seres [...]. Somente a partir dessas três harmonias é que conseguimos estabelecer uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte. (p. 15).

A necessidade do homem com seu meio natural começa a gerar conflitos internos e externos produzindo a negação da modernidade. O conceito dessa

categoria (modernidade),

refere-se única ou fundamentalmente às ideias de novidades, do avanço, do racional-científico, laico, secular, que são as ideias e experiências normalmente associadas a esse conceito, não cabe dúvida de que é necessário admitir que é um fenômeno possível em todas as culturas e em todas as épocas históricas. (QUIJANO, 2005, p. 282).

Mas, a modernidade-eurocêntrica-patriarcal-militarista-capitalista (GROSFOGUEL, 2008) imposta pelos colonizadores se sobressai provocando a contradição de ideias como o Bem comum e do Bem Viver, se colocando como modernidade hegemônica. Portanto, a modernização tão exaltada pelo meio capitalista se torna nosso limite, impedi-nos de sermos aquilo que deveríamos ser, mas, para manter-se o controle da riqueza e da força de trabalho, instaura-se a alienação, fruto da separação do homem e da natureza.

Em meio a esse dilema de instaurar harmonia e buscar nossa verdadeira modernização sem os limites da modernização capitalista, surge a agroecologia em resposta e contradição ao capital. Ainda muito discutido pela sua complexidade, a agroecologia está ligada a bases ecológicas e é discutida desde os anos de 1930 com base na ecologia aplicada a agricultura (GUHUR; TONÁ, 2012), e aparece no Brasil em 1989 no livro *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa* de Miguel Altieri. Sua complexidade se constitui por motivos quais dela, no decorrer da história, fazer discussões que levaram além do plantio. Em contraposição a revolução verde,

a agroecologia exige que o camponês passe a assumir uma posição ativa, de pesquisador das especificidades de seu agroecossistema, para desenvolver tecnologias apropriadas não só às condições locais de solo, relevo, clima e vegetação, mas também às interações ecológicas, sociais, econômicas e culturais. Na perspectiva da agroecologia, essa não pode ser tarefa de especialistas isolados. A agroecologia exige conhecer a dinâmica da natureza e, ao mesmo tempo, agir para sua transformação. (Ibidem, p. 62).

Ela é, portanto, a busca do equilíbrio natural, dá não alienação do homem, sendo este último um ator na interação com a natureza, produtor de conhecimento, alimento, cultura, artes, músicas, histórias e história; um produtor e reproduzidor de harmonia com a natureza e sua existência. A agroecologia é o anti-neoliberalismo - que na essência nada mais é que o liberalismo revisto e colocado em prática - que não cria, mas, resgata a relação homem-natureza historicamente estabelecida.

Neste plano, o caso estudado foi a Escola Família Agrícola de Goiás

(EFAGO). A escola família agrícola nasceu em um momento histórico conturbado nas proximidades do município de Goiás para atender à necessidade dos filhos e filhas de camponeses das localidades:

No município de Goiás, o problema da terra era visível, pois eram fortes as famílias oligárquicas. O problema se agravou quando o município de Goiás começou a receber os Projetos de Assentamentos. A UDR era a força dos grandes fazendeiros e a os pequenos agricultores/as sem-terra tinham o apoio da CPT (Comissão Pastoral da Terra) ligado a Diocese de Goiás. Com a implantação dos Projetos de assentamentos na região crescia e as necessidades de uma educação que viesse valorizar o trabalhador rural, sua cultura e seus anseios. As escolas rurais mantinham uma concepção pedagógica de mundo urbano, centralizada na história de que a elite sempre vence e uma pedagogia sem nenhuma ligação com a luta pela Terra e, muito menos, com a realidade do campo. Daí surge a ideia de uma Escola que tivesse como princípio a valorização do homem e da mulher do campo, bem como, a busca de fixar e dar condições para que os jovens, filhos e filhas dos camponeses/as, não viessem fazer, novamente, êxodo rural, inchando as periferias das cidades. Assim, começa a história da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO. (PINTO et al, 21--., p. 1).

A escola possui uma grade de ensino contra hegemônica a qual transmite para os seus alunos o saber do campo, reconhecendo sua história e suas práticas sem as imposições do capitalismo monopolista. Com a junção de sala de aula e atividades práticas voltadas para o campo - para a vida - a agroecologia se encontra presente no cotidiano desses alunos. Amparados de uma estufa e uma horta, os próprios alunos produzem o alimento da própria escola (ver imagens 1 e 2).

Imagem 1: Revitalização da Estufa.



Fonte: Gwatá.

Imagem 2: Plantio da horta



Fonte: Gwatá.

A dinâmica utilizada pelos alunos e completamente ecológica, possuindo uma variedade de cultivos. O adubo utilizado para o plantio é produto da compostagem realizada pela variedade orgânica de matéria prima produzida na própria fazenda/escola como folhas, bananeiras, cascas de frutas, esterco de gado, galinha

e porco. O uso da água, de forma equilibrada e cuidado com o solo, garantido a presença de vários seres vivos (fungos, bactérias) e uma rica matéria orgânica, não havendo lixiviação do solo. SOUZA et al (2018) afirma que solo rico em matéria orgânica tende a conservar a humidade nele presente. Com alguns minutos de irrigação no período da manhã e à tarde, o solo de produção agroecológico está sempre húmido não requerendo grandes quantidades de água, se contrapondo aos grandes pivôs do agronegócio que exigem mais 700 m³ de outorga de água (MORAES et al, 2018).

Considerações Finais

O desenvolvimento deste plano de trabalho mostrou a necessidade de estabelecermos um processo de uso mais equilibrado dos bens naturais, entre os quais a água é central. Ainda, que a Agroecologia é um instrumento importante neste processo, desde que prevê o uso de água em sistema mais equilibrado. Acreditamos ser possível estabelecer padrões de consumo de água que atendam a produção de alimentos sem comprometer os demais usos.

Referências

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) Repensando a pesquisa participante. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 7-14.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Mapa Hidrogeológico do Brasil**. (Escala 1:5.000.000). Brasília: DNPM/CPRM, 1983.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Indústria e Comércio. Superintendência de Geologia e Mineração. **Hidrogeologia do Estado de Goiás**. Goiânia, 2006.

MORAES, R. S. **A Câmara escura**: gestão territorial e novas territorialidades do capital em Goiás. Dissertação de Mestrado, Goiânia: UFG, 2004.

MORAES, R. S.; SOUZA, M. M. O.; FRANCO, A. C. S.; BONTEMPO, M.; SANTOS JÚNIOR, L. R. **A microbacia do rio bacalhau no município de Goiás (GO):** parâmetros morfométricos. In: NASCIMENTO, D. T; GONÇALVES, R. J. A. F. Águas do Cerrado: gestão, usos e conflitos. Goiânia: Kelps, 2018.

PETERSEN, P.; WEID, J. M. V.; FERNANDES, G. Agroecologia: reconciliando agricultura e natureza. In: SOUZA, M. M. O.; FOLGADO, C. A. R. **Agrotóxicos e agroecologia**: enfrentamentos científicos, jurídicos, políticos e socioambientais. Anápolis/GO: Editora UEG, 2018. p. 229-250.

AGROFLORESTA E QUINTAIS AGROECOLÓGICOS: análise conceitual e de experiências práticas nos Assentamentos Dom Fernando Gomes e Marighela, Itaberaí/GO

Nayara Carolina Alves Rodrigues (IC)¹, Murilo Mendonça Oliveira de Souza (PQ)²

1. Geografia, PVIC/UEG, Campus Cora Coralina, nayara.carolina.alvesrodrigues@gmail.com

2. Docente e Pesquisador, Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás/GO

Resumo: A agroecologia tem ganhado espaço produtivo no campo brasileiro, contando com diferentes possibilidades para estabelecer a transição agroecológica. Os sistemas agrofloretais representam uma destas possibilidades, assim como os tradicionais quintais agroecológicos. O objetivo geral deste texto foi entender o processo de produção de alimentos, para autoconsumo ou comercialização, realizados em áreas de quintais e/ou agroflorestras, tendo como locais de análise os Assentamentos Dom Fernando Gomes e Marighela, no município de Itaberaí/GO, entre 2018 e 2019. Os resultados indicaram que a produção nos quintais agroecológicos permite tanto a disponibilização de alimentos para consumo quanto alguns excedentes para a comercialização. Os sistemas agrofloretais mais amplos, no entanto, estão ainda em fase de organização.

Palavras-chave: soberania alimentar, campesinato, agroecologia.

Introdução

O debate sobre o modelo de produção agropecuária e os diferentes processos produtivos tem se ampliado nos últimos anos. A hegemonia do agronegócio, como paradigma produtivo, vem sendo questionada, assim como novas ou renovadas perspectivas produtivas têm sido apresentadas como alternativas social e ambientalmente mais equilibrada. Entre tais alternativas, destacamos como proposta mais abrangente a Agroecologia, e como exemplo de técnicas produtivas os Quintais Agroecológicos e/ou a Agrofloresta. Enquanto o primeiro tem uma relação histórica na territorialização dos camponeses, a segunda considera elementos históricos mas tem base também no conhecimento acadêmico científico.

No Estado de Goiás, inserido no bioma Cerrado, temos culturalmente um histórico de instalação de Quintais, onde plantam-se frutas, hortaliças, cria-se



pequenos animais. Este é o espaço da fartura. E embora o conceito de Agroecologia seja mais recente, muitos elementos considerados na estruturação dos Quintais são importantes para discutirmos os Quintais Agroecológicos atualmente. A Agrofloresta, por sua vez, é mais recente e sofre influência determinante de instituições de pesquisa, como das Universidades e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). A Agrofloresta tem buscado espaço em áreas de Cerrado, sendo que não é tão simples uma adaptação desta perspectiva às características ambientais deste bioma.

O desenvolvimento de Quintais Agroecológicos e/ou de Agroflorestas tem ocorrido entre produtores independentes, mas também em áreas de predominância de agricultura familiar camponesa ou de Assentamentos Rurais. Os Assentamentos Rurais, especificamente, têm tido nestas técnicas produtivas uma alternativa para geração de renda e de produção de alimentos para consumo direto. O entendimento dos processos produtivos nos assentamentos rurais é essencial para apoiar o desenvolvimento de tais áreas, especialmente, em territórios dominados pelo modelo químico dependente do agronegócio. O município de Itaberaí está inserido nesta perspectiva e seus assentamentos tem o desafio de buscar diferentes alternativas produtivas.

O objetivo geral deste texto foi entender o processo de produção de alimentos, para autoconsumo ou comercialização, realizados em áreas de quintais e/ou agroflorestas, tendo como locais de análise os Assentamentos Dom Fernando Gomes e Marighela, no município de Itaberaí/GO, entre 2018 e 2019. Especificamente, tivemos ainda como objetivos os seguintes: a) Identificar e sistematizar as características socioeconômicas e produtivas dos agricultores camponeses nos Assentamento Dom Fernando Gomes e Marighela; b) Levantar os produtos alimentares cultivados em quintais e/ou agroflorestas situadas nas parcelas de agricultores camponeses dos Assentamentos Dom Fernando Gomes e Marighela, em Itaberaí/GO; c) Caracterizar e conceituar participativamente os sistemas de produção alimentar (Quintais e/ou Agroflorestas) entre agricultores camponeses dos Assentamentos Dom Fernando Gomes e Marighela em Itaberaí/GO.

Material e Métodos

Metodologicamente, o desenvolvimento deste trabalho teve como base a discussão conceitual realizada em grupo de estudo e pesquisa. Por outro lado, também teve forte influência nas ações práticas desenvolvidas nas áreas de pesquisa, quando também foram realizados os trabalhos de campo para coleta de informações. O estudo da base conceitual permitiu entender as diferentes construções teóricas que têm sido realizadas em torno da Agrofloresta, principalmente, e residualmente sobre os Quintais Agroecológicos.

Além do estudo de referências importantes para o plano de trabalho, realizamos pesquisa em fontes secundárias, como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para entender os assentamentos no município estudado. Na pesquisa de campo utilizamos principalmente a observação e registro das informações visualizadas ou repassadas pelas famílias assentadas. Realizaremos ainda algumas práticas de Diagnóstico Rural Participativo (DRP), com atividades coletivas para conceituar popularmente os Sistemas Agroflorestais e os Quintais Agroecológicos.

O município de Itaberaí, área de estudo do plano de trabalho, possui 6 Projetos de Assentamento Rural, totalizando 223 famílias assentadas. Os 2 assentamentos incluídos neste trabalho são o Dom Fernando Gomes (58 famílias) e o Marighela (12 famílias) (INCRA, 2019). Estes assentamentos possuem tanto agricultores inseridos na lógica do agronegócio como no desenvolvimento da agroecologia, incluindo experiências com Quintais Agroecológicos e Agroflorestas. A partir destas duas áreas que o plano de trabalho foi desenvolvido, para o qual apresentamos os resultados a seguir.

Resultados e Discussão

O desenvolvimento da agricultura é um processo dialético no qual as mudanças ocorrem cotidianamente. A base de formação das práticas agropecuárias está situada nas raízes da agricultura como forma de relação da sociedade com a

natureza. Neste contexto, diferentes formas de se relacionar com o ambiente natural, como também relações sociais e políticas diversas se estabeleceram. Foram recorrentes, no entanto, a realização de plantios e cultivos no entorno dos espaços de moradias, o que facilitava, entre outras questões, o acesso facilitado e direto ao alimento. Foram sendo desenhados a partir desta lógica o que conceituamos atualmente, no campo, como quintais ou quintais produtivos. Estes quintais, no Brasil, têm como base tanto árvores frutíferas (laranja, manga, goiaba, limão, etc.) como espécies de hortaliças/tubérculos (alface, couve, batata doce, etc.).

O resultado alimentar dos quintais são, via de regra, muito importantes para as famílias camponesas e, por vezes, também para famílias que vivem em pequenas cidades. Em alguns casos, contudo, a produção do quintal alcança também uma função de comercialização, que gera renda extra para a família camponesa. O quintal cumpre, desta forma, função importante na resistência no campo, produzindo alimentos e possibilitando complementos na renda familiar geral.

Nos últimos anos, contudo, os Sistemas Agroflorestais, que ampliam quantitativamente a ideia do Quintal, tornando este um instrumento mais direto de geração de renda, tem alcançado espaço bastante amplo no território brasileiro. Os Sistemas Agroflorestais buscam efetivar a utilização produtiva de determinada área, como conceituado a seguir.

Através dos SAFs criam-se diferentes estratos ou andares vegetais, procurando imitar uma floresta natural, onde as árvores e/ou arbustos, pela influência que exercem no processo de ciclagem de nutrientes e no aproveitamento da energia solar são considerados os elementos estruturais básicos e principais para a estabilidade do sistema. (PALUDO; COSTABEBER, 2012, p. 67).

Estes sistemas produtivos, no Estado de Goiás, têm buscado espaço, embora seu desenvolvimento em áreas de Cerrado encontre mais dificuldades do que na região amazônica, por exemplo. A dificuldade de identificação e utilização de espécies arbóreas nativas do Cerrado, além da resistência dos próprios agricultores com o sistema, estão entre as principais dificuldades para sua implantação.

Por outro lado, o próprio processo de conceituação da Agrofloresta e, paralelamente do Quintal Produtivo Agroecológico na relação com aquela, é já um



desafio. Entendemos, nesse sentido, a necessidade de buscar, a partir do estudo em Assentamentos Rurais, neste caso no município de Itaberaí/GO, uma compreensão mais apurada e delimitada da relação que une ou separa os conceitos e práticas da Agrofloresta e dos Quintais. Esperamos contribuir, com tal estudo, com o entendimento destas e de outras questões.

A partir dos anos 1980 os sistemas agroflorestais passaram a representar práticas mistas de uso da terra, desenvolvidas principalmente em resposta às necessidades e condições dos países tropicais em desenvolvimento. O termo pode ser utilizado desde referência básica para práticas de cultivo de sistema de pousio, árvores em pasto, até complexos sistemas de elevada densidade e vários estratos (NAIR, 1993; SANTOS, 2018).

Os sistemas agroflorestais têm como princípios básicos as associações e interações, simultâneas ou sequenciais, entre árvores, culturas e/ou animais, em um mesmo espaço de uso da terra, de modo a gerar benefícios socioeconômicos e auxiliar na conservação do meio ambiente. Um ponto chave para compreender tais sistemas é através do entendimento do que Sinclair (1999) afirmou ser a “integração entre pessoas e árvores”, na medida em que é como as pessoas usam árvores que, em última instância, determinam se uma atividade é útilmente descrita como agroflorestal. Deste modo, diferentes formas de inclusão das árvores nos agroecossistemas, onde ocorra a obtenção de produtos diretos (alimentos, remédios, madeira, fibras, forragem, etc.) ou indiretos (sombra, fertilidade do solo, bem-estar animal, etc.) por parte dos agricultores podem ser classificadas como sistemas agroflorestais. (SANTOS, 2018).

Com base nestas e em outras conceituações realizamos alguns trabalhos de campo no Projeto de Assentamento Dom Fernando Gomes e no Projeto de Assentamento Marighela, ambos no município de Itaberaí/GO. Nestas áreas existem uma diversidade de Sistemas Agroflorestais, sejam considerados Agrofloresta ou Quintais Agroecológicos (Fotos 1 e 2).

Fotos 1 e 2 – Agrofloresta e Quintal Agroecológico, Dom Fernando, Itaberaí, 2018.



Autores: Nayara Carolina e Murilo Souza, 2018.

No primeiro caso, do Assentamento Dom Fernando Gomes, devemos considerar que este é o maior, com 58 famílias assentadas. Mas também devemos levar em consideração que está localizado em área de intensa produção do agronegócio, destacadamente de frutas (Cítricos), de grãos (Soja e Milho), entre outros como eucalipto e cana-de-açúcar. Neste sentido, é importante ressaltar que o assentamento recebe influência direta do modelo produtivo do entorno. Nas fotos 1 e 2, podemos observar na primeira a organização de sistema produtivo que pode ser considerado Agrofloresta, enquanto na segunda um característico Quintal. Enquanto no sistema Agroflorestal foram identificadas uma variedade mais ampla de espécies, no Quintal encontramos um menor número de espécies, assim como uma utilização mais voltada ao consumo familiar. No sistema de agrofloresta foram levantadas 20 espécies com capacidade para aproveitamento alimentar plantadas nestes espaços, além de árvores do cerrado e exóticas que podem ter diferentes utilizações. Entre as espécies observadas, destacamos: bananeira (*Musa paradisiaca* L.); mandioca (*Manihot esculenta* Crantz); mamoeiro (*Carica papaya* L.); plantas do gênero *Citrus* sp.; cajuzeiro (*Anacardium occidentale* L.); o quiabo (*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench.); açafrão-da-terra (*Curcuma longa* L.); gueroba (*Syagrus oleracea* (Mart.) Becc.).

No assentamento Marighela, com 12 famílias assentadas, por sua vez, realizamos atividades participativas de pesquisa, tendo participado da implantação direta de sistema agroflorestal em uma das parcelas (Fotos 3 e 4). Nesta área há a

presença de Sistemas Agroflorestais mais voltados para a comercialização, como podemos observar nas fotos, sendo que neste caso as famílias assentadas participam de grupo coletivo e tem na estruturação da Agrofloresta uma alternativa para geração de renda.

Fotos 3 e 4 – Implantação de Agrofloresta, Assentamento Marighela, Itaberaí/GO, 2019.



Fonte: NEEPA, 2019.

Podemos observar, neste caso, que há uma produção mais intensiva de banana, mas com outras espécies inseridas no sistema. As técnicas utilizadas também têm sido acompanhadas por orientações sistematizadas academicamente. Mescla-se aí os conhecimentos tradicionais dos agricultores com elementos técnicos desenvolvidos no âmbito da ciência acadêmica.

Considerações Finais

O desenvolvimento da Agroecologia é um desafio, mas também uma necessidade na construção de sistemas agroalimentares ambientalmente mais equilibrados e socialmente mais justos. Nesse sentido, é importante considerar tanto a produção para consumo alimentar direto quanto a produção com vistas à comercialização e conseqüente geração de renda. Neste processo tanto os Quintais Agroecológicos como as Agroflorestas podem cumprir papel importante.

Na pesquisa realizada, pudemos perceber que não há uma definição, por parte dos agricultores, sobre os conceitos de Agrofloresta em sua separação da ideia

do Quintal. Muitos utilizam os quintais também para produção de alimentos que são comercializados, mas na maioria este está direcionado à produção para consumo direto da família. Por outro lado, em alguns poucos casos identificamos a estruturação mais ampla de Sistemas Agroflorestais, com plantio mais intensivo, principalmente de frutíferas, para comercialização. Isto indica, que nos assentamentos estudados, tanto há a utilização de Quintais, como há a implantação produtiva de Agroflorestas.

Referências

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 7-14.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Assentamentos em Goiás**. Disponível em: <https://incragoias.wordpress.com/distribuicao-dos-assentamentos-no-estado-de-goias/>. Acesso em: 29 de março de 2018.

NAIR, P. K. R. An Introduction to Agroforestry. Alphen aan den Rijn: Kluwer Academic Publishers, 1993, 489 p.

PALUDO, R.; COSTABEBER, J. A. Sistemas agroflorestais como estratégia de desenvolvimento rural em diferentes biomas brasileiros. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 7, n. 2. Rio Grande do Sul, 2012.

SINCLAIR, F. L. A general classification of agroforestry practice. **Agroforestry Systems**, v. 46, n. 2, p. 161-180, 1999.

SANTOS, F. M. et al. Modeling the height–diameter relationship and volume of young African mahoganies established in successional agroforestry systems in northeastern Brazil. **New Forests**, v. 49, n. 3, 2018.



SOUZA, M. M. O. **Metodologias participativas em extensão universitária: o diagnóstico rural participativo (DRP)**. In: SOUZA, M. M. O.; CARVALHO, G. O. (Org.). Extensão Universitária: metodologia e experiências. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2016. p. 4766.

A Horticultura Goiana na Mídia Impressa Regional no século XIX

Pedro Henrique Hilário¹ (IC)*, Mário Roberto Ferraro² (PQ). Pedrohilario617@gmail.com

Universidade Estadual De Goiás, Avenida Juscelino Kubitschek, nº 146

Universidade Estadual De Goiás, Avenida Juscelino Kubitschek, nº 146

Resumo: Esse trabalho visa mostrar para o público que no Estado de Goiás já se existia o comércio de gêneros agrícolas desde o século XIX. E como era importante o papel da mídia em jornais impressos, conseguimos mostrar por meio do trabalho que em grande parte destes produtos eram divulgados nos jornais da época, e havia uma demanda significativa por parte da população na compra de produtos de gêneros, mostraremos a partir do trabalho os vários relatos encontrados a respeito da horticultura, e conseguimos por meio empírico demonstrar que vários setores da sociedade necessitavam de tais produtos e anunciavam contantemente em jornais anuncios procurando tais produtos hortícolas, esta demanda na maioria das vezes era para o abastecimento de enfermarias e ranchos. Um dos relatos contidos neste trabalho também é o auxílio por parte do governo imperial para subsidiar algumas provincias com o auxílio de sementes. E nossa maior fonte de pesquisa foi a Hemeroteca Nacional, foi lá que encontramos os relatos para dar razão ao nosso material de pesquisar.

Palavras-chave: Horta. Comércio. Goiás. Sementes. Agricultura.

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é verificar nos jornais goianos algumas características da horticultura goiana no século XIX. Nas pesquisas realizadas não encontramos relatos sobre como essas hortas eram cultivadas e nem quais eram as ferramentas utilizadas no processo, portanto, não conseguimos saber se elas eram tradicionais ou modernas. No século XIX em Goiás os jornais relatavam demandas de produtos de hortícolas, e mesmo assim não era informado como essas hortas eram plantadas. Conseguimos, por meio das pesquisas, perceber que o meio militar era o que mais necessitava de produtos agrícolas e também as enfermarias.

Material e Métodos

A principal fonte de pesquisa foram jornais goianos do século XIX disponíveis na Hemeroteca Nacional. Nesses jornais encontramos vários relatos

REALIZAÇÃO

sobre horticultura que serão analisados abaixo. Usamos o trabalho de Ferraro (2005), para a definição de conceitos de agricultura científica e agricultura tradicional.

Resultados e Discussão

Existia no Estado de Goiás a produção para o comércio para abastecer tanto os quartéis quanto as enfermarias. Eram comercializadas grandes quantidades de produtos hortícolas, conforme provam os editais, publicados pelas forças militares. Por exemplo, em 1869 o comandante do 2º corpo de caçadores a cavalo publicou no jornal Correio Oficial publicou um edital para o fornecimento de produtos para o abastecimento das praças do segundo corpo de caçadores a cavalo, como mostra abaixo: “Arroz pillado, assucar crú, café, carne verde, carne secca, feijão, farinha de mandioca, sal, toucinho, lenha, rapaduras, sabão da terra, azeite de mamona, pavios de algodão, temperos e verduras” (PEREIRA, 1869, p. 4). Como podemos observar não está especificado quais eram os temperos e verduras que precisavam para o consumo.

A enfermaria e as tropas precisavam de produtos quase iguais. Esses produtos eram recorrentes nos editais da época. Por exemplo, em 1879 outro edital da companhia de aprendizes militares contratava o fornecimento de:

Ao kilo: Assucar limpo, café, chá, matte paraguay, carne verde de vacca, dita de carneiro, de cabrito, dita secca, de vacca, bacalhão, pães, rosca de trigo, marmelada, manteiga ingleza ou francesa, sagú, sabão rímel e da terra. Ao litro: farinha de mandioca, dita de milho, arroz pillado, polvilho, polvilho, araruta, sal e leite de vacca. Verduras, temperos, lenha (carga) vellas, stiarina (massos) e lavagem de roupa (GONÇALVES, 1879, p. 4)

No rancho, Hemeroteca Nacional (1879):

Ao kilo: Assucar, café, carne verde de vacca, dita secca, bacalhau, e bollo de arroz de 125 grammos. Ao litro: Azeite de carrapato, dito doce de varinha de mandioca, feijão, arroz pillado, cangica e sal. Banana (uma) temperos e verduras vela de sebo (uma) strearina (masso) lenha (carga) e sabão de terra. Previne-se que aos proponentes que os gêneros serão de 1ª qualidade e postos no quartel e enfermaria a custa dos mesmo que suas propostas deverão ser dirigidas em cartas fechadas a secretaria do mesmo batalhão até as 10 horas do dia 21 do corrente (GONÇALVES, 1879, p. 4)

REALIZAÇÃO



O governo fez um pedido para que o comandante do presídio Santa Izabel do Araguaia requisitasse logo as quantidades de sementes, para que ele mesmo plantasse no presídio para o consumo dos que ali residem, para que não seja necessária a compra destes gêneros:

Recommendo-lhe que requizite com tempo as qualidades, e quantidades de sementes para as plantações do Presídio (à que sobre tudo se deve V.M aplicar) especialmente d'aquellas , que no seguinte anno devem servir para alimentação da guarnição do mesmo Presídio; afim de despensar este governo de fazer remessas de grande dispendio e trabalho (PARTE OFFICIAL, 1852, p. 4)

Mas de onde vinham essas sementes fornecidas para o presídio em meados do século XIX? Com certeza existia o comércio de sementes em Goiás no século XIX, entretanto não sabemos a sua origem, pode ser produzida nos arredores da capital de Goiás, ou do Rio de Janeiro.

O governo Imperial também enviava sementes para os municípios visando o enriquecimento das culturas em Goiás.

2ª Sessão – Circular – Rio De Janeiro ministerio dos negócios da agricultura, commercio e obras públicas, em 22 de julho de 1871. – Illm. e Exm. Sr.- Estando o governo resolvido a auxiliar quanto couber em suas forças, a agricultura nacional, facilitando aos lavradores, a aquisição de sementes de mudas de que careção para melhorar as culturas existentes, ou ensaiar novas, cumpre que V. Ex. ouvindo as câmaras municipais dessa provincia remete a esta secretaria de Estado, a relação das sementes ou mudas de plantas que forem requisitadas pelo respectivo minicipes (dos quaes enviará também uma lista nominal) indicando a especie, qualidade e quantidade das mesmas sementes ou mudas, as quaes, lhe serão gratuitamente concedidas pelo governo, mediante a seguinte clausula. Os lavradores a quem forem distribuidas as sementes ou mudas, ficarão obrigados a comunicar a essa precidencia, por intermedio da competente municipalidade [...] (ABREU, 1871, p. 3).

De acordo com o documento mencionado, o governo imperial estava disposto a ajudar os lavradores das províncias a diversificar suas culturas, fornecendo-lhes, o quanto couber em sua força, sementes e mudas. O governo imperial deveria comunicar com os governos provinciais para que as câmaras municipais comuniquem com os lavradores sobre quais as necessidades dos lavradores, para que assim seja repassado de volta e as sementes lhe sejam concedidas.

Essas sementes solicitadas pelos lavradores ao governo imperial de fato



chegavam em suas mãos? De acordo do Ferraro (2016, p. 775) A Colônia Blasiana¹, recebeu sementes do Ministério da Agricultura, quina e eucalipto, e essas mudas prosperaram. O governador da província de Goiás, em 1874 ordenou que as sementes de Eucaliptos Globulos vindas do governo imperial fossem na ocasião mais bem oportuna plantadas nos lugares mais apropriados desta capital e conservada “abaixo de suas vistas” (GOVERNO DE GOIÁS, 1874, p. 2). Também mandou para a Câmara Municipal de Bomfim sementes de eucaliptus e a encarregou “de remmeter parte d’ellas as camaras municipaes de S. Luzia, e Pouso Alto e fazer plantar as restantes naquele municipio”. (GOVERNO DE GOIÁS, 1874, p. 2). Provavelmente essas sementes foram plantadas na Fazenda Conceição, onde mais tarde funcionaria a Colônia Blasiana.

Considerações Finais

Percebemos ao realizar essa pesquisa que havia um pequeno comércio de verduras e demais produtos hortícolas em Goiás. Finalizamos o trabalho com a sensação de dever cumprido, e conseguimos dentro do que foi possível concluir o trabalho com os resultados esperados, através da hemeroteca encontramos vários documentos que comprovam nossas teorias iniciais em relação ao projeto. O trabalho ajuda na compreensão da mídia impressa para o comércio destes produtos, mostramos com muita pesquisa que existia sim este comércio no Estado de Goiás, a todo instante relatamos a compra e venda de produtos hortícolas.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, pela vontade que demonstrou em me orientar, a minha família, que sempre esteve do meu lado, e, por último, mas, não menos importante, aos meus incríveis amigos, que sempre me apoiaram em minhas decisões.

¹ Colônia Blasiana (1881-1885), escola agrícola, situada na atual Luziânia.

Referências

ABREU, Antonio. Camara Municipal Da Capital. **Correio Oficial de Goyaz**, 00388. ed. p. 3, 1871. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/167487/983>>. Acesso em: 17 maio 2019.

Expediente. **Correio Oficial de Goyaz**, 00060. ed. p. 2, 1874. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/167487/1698>>. Acesso em: 20 maio 2019.

FERRARO, Mário Roberto. A agricultura moderna no Planalto Central: a experiência da Colônia Blasiana (1881-1895), na atual Luziânia, Goiás, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 3, p. 769–789, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n3/1981-8122-bgoeldi-11-3-0769.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

FERRARO, Mário Roberto. **A GÊNESE DA AGRICULTURA E DA SILVICULTURA MODERNA NO ESTADO DE SÃO PAULO**. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2005. Disponível em: <<https://www.ipef.br/servicos/teses/arquivos/ferraro,mr.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

GONÇALVES, Manoel. Batalhão D'infantaria N.20. **Correio Oficial de Goyaz**, p. 4, 1879. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/167487/3000>>. Acesso em 17 maio 2019

Parte oficial. **Correio Oficial de Goyaz**, 00009. ed. p. 2, 1852. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/167487/184>>. Acesso em: 17 maio 2019.

PINHEIRO, Jose Ignacio. Para o Rancho. **Correio Oficial de Goyaz**, 00295. ed. p. 4, 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/167487/760>>. Acesso em: 17 maio 2019.

UM ROMEIRO. Mofina. **Correio Oficial de Goyaz**, 00070. ed. p. 4, 1875. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/167487/2034>>. Acesso em: 17 maio 2019.

A INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: um olhar para o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

¹ Marianne Ivana Martins Artiaga Aquino(IC) - mariartiaga@hotmail.com*

² Marlene Barbosa de Freitas Reis(PQ)

¹ Universidade Estadual de Goiás- Campus Inhumas: Av. Araguaia, 400 - Vila Lucimar, Inhumas – GO

² Universidade Estadual de Goiás- Campus Inhumas: Av. Araguaia, 400 - Vila Lucimar, Inhumas - GO

Este trabalho foi vinculado ao projeto de pesquisa “As Políticas de Diversidade e Inclusão no Ensino Superior: Educação Especial e Letramento Digital numa Perspectiva Inclusiva” desenvolvido na UEG Câmpus Inhumas pela Professora Dr^a. Marlene Barbosa de Freitas Reis e objetivou abordar o tema sobre as políticas públicas na diversidade, na perspectiva de verificar a existência da inclusão no ensino superior público, no tocante à modalidade de educação especial numa perspectiva inclusiva, voltando o olhar para o suporte do atendimento educacional especializado sua atuação e articulação com a sala comum. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com coordenadores e professores, na intenção de compreender se as atividades que estão sendo desenvolvidas pela UEG contribuem para o processo de inclusão dos estudantes público-alvo desta pesquisa no ensino superior. Os critérios adotados foram de abordagem qualitativa tendo como referencial teórico autores como Reis (2006), Delou (2009), dentre outros. Os resultados apontaram que o AEE na UEG, está institucionalizado na teoria, porém a prática ainda revela muitos desafios que precisam ser superados para que este atendimento alcance os objetivos proclamados na Política Nacional de Educação numa Perspectiva Inclusiva (2008).

Palavras-chave: Necessidades Especiais. Diversidade. Educação Especial. Ensino Superior.

Introdução

Este trabalho foi vinculado ao projeto de pesquisa “As Políticas de Diversidade e Inclusão no Ensino Superior: Educação Especial e Letramento Digital numa Perspectiva Inclusiva”, desenvolvida na UEG Câmpus Inhumas pela Professora Dr.^a Marlene Barbosa de Freitas Reis, o qual abordou o tema sobre as políticas públicas na diversidade, na perspectiva de verificar a existência da inclusão no ensino superior

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



público, no tocante à modalidade de educação especial numa perspectiva inclusiva, voltando o olhar para o suporte do atendimento educacional especializado.

Na fase inicial, foram realizadas reuniões semanais para estudo, discussão e reflexão sobre a visão de autores, como Mantoan (2003), Reis (2006), Lima (2006), Delou (2009), Glat e Blanco (2009), entre outros, em relação à temática da inclusão. Desse modo, a intenção foi compreender como as atividades de atendimento educacional especializado, estão sendo desenvolvidas pela Universidade Estadual de Goiás, e como contribuem para o processo de inclusão dos estudantes público-alvo desta pesquisa no ensino superior.

Isso fundamentou e justificou a necessidade desse trabalho, que visou contribuir com as políticas públicas e as práticas pedagógicas inclusivas, ajudando a pensar o atendimento educacional especializado nos Câmpus da UEG, como espaços valorizados na lógica do desenho universal.

Material e Métodos

A metodologia utilizada foi qualitativa, onde teve como base um levantamento bibliográfico de autores e documentos que tratam o tema, cujo intuito foi conhecer e interpretar a estrutura e funcionamento do atendimento educacional especializado no ensino superior.

Iniciou-se com um levantamento bibliográfico para dar fundamentação ao estudo quanto ao funcionamento da educação especial no ensino superior.

Conforme previsto no cronograma do projeto de trabalho, a pesquisa empírica foi desenvolvida por meio de observação e entrevistas, com intuito de identificar dados na realidade vivenciada no Atendimento Educacional Especializado na UEG. As mesmas foram realizadas com o coordenador e o psicólogo responsável pelo Núcleo de Acessibilidade Aprender Sem Limites da UEG – NAASLU, com dois professores regentes e um coordenador de curso da UEG- Câmpus Inhumas.

Resultados e Discussão

Da teoria

Segundo Sasaki, no âmbito social a pessoa com limitações foi vista durante muitos anos como incapaz. Por isso, o autor destaca que, a deficiência passou por quatro fases no processo histórico: “a da exclusão, da segregação, da integração e por última inclusão” (SASSAKI, 1997, p. 60), foco deste estudo. As instituições de ensino regular passaram a receber os alunos público-alvo da Educação Especial durante o período de integração, todavia, essas instituições não ofereciam possibilidades para que esses alunos aprimorassem suas capacidades. Desse modo,

A escola não mudava sua rotina nem sua prática pedagógica para atender as crianças da Educação Especial, e, sim, os alunos é quem tinham de mudar para se adaptarem-se à realidade da escola, bem como das exigências de uma educação que não lhes garantia desenvolvimento cognitivo. Assim, não eram oferecidas a esses alunos as mesmas oportunidades de aprendizagem destinadas a seus pares, o que tornava a inclusão, ainda, uma proposta restrita apenas ao direito de acesso as instituições (REIS *et al.*, 2017, p. 257).

Assim com o curso tomado pela história, observamos a busca por uma educação inclusiva para estes indivíduos, desde sua exclusão até os dias atuais, onde é garantido seus direitos através da: Declaração de Salamanca (1994), que representou um marco para as novas políticas de educação inclusiva. Em seguida, no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), trouxe novas direções e fundamentos para a educação brasileira, e em concordância a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), para assegurar a permanência e aprendizagem dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

Sabe-se da importância da inclusão nas universidades, uma vez que a mesma deve ser um ambiente que acolha todos os indivíduos sem discriminação ou distinção. E para que isso aconteça de forma efetiva, foi criado o Atendimento Educacional Especializado transversal a todos os níveis de ensino. De acordo o decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008:

REALIZAÇÃO



§ 1º Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos.

Esse atendimento busca identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Ele deve ser articulado com a proposta da instituição, embora suas atividades se diferenciem das realizadas em salas de aula de ensino comum (BRASIL, 2010).

Em relação ao foco da pesquisa, destacamos que a criação do Núcleo de Acessibilidade Aprender sem Limites (NAASLU), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação da UEG, foi fundamental. Este núcleo foi criado pela Resolução CsU n. 020/2013. O NAASLU atualmente faz parte da Coordenação de Direitos Humanos e Diversidade, a qual está organizada com mais dois outros núcleos: o de Direitos Humanos e o de raça/etnia e diversidade e desde a sua criação institucional oferece serviços de apoio, acompanhamento, formação e assessoria aos discentes com deficiências e demais alunos em momentos de dificuldades e sofrimentos psíquicos, além de oferecer formação e suporte aos professores e gestores com demandas junto a esse público.

Nesse sentido, podemos inferir que a UEG está em consonância com a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, que determina que a utilização das práticas pedagógicas inclusivas com docentes habilitados e ajuda dos profissionais de apoio devem fazer parte de um AEE satisfatório aos estudantes universitários com necessidades educacionais especiais que procuram pelo serviço (LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO, 2015).

Da Universidade

Em relação à pesquisa empírica, nos meses de outubro e novembro de 2018, foram realizadas entrevistas com o coordenador e o psicólogo responsável pelo NAASLU com a finalidade de fazermos uma reflexão sobre o funcionamento do AEE, sua atuação e articulação com a sala comum na perspectiva da inclusão, levando em

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



consideração que o acadêmico com deficiência, assim como qualquer outro, precisa participar de todas as atividades em sala de aula e em outros espaços comuns de seu Câmpus. De acordo com Ludke e André (1986, p.33-34), “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Na entrevista realizada com o coordenador do Naaslu, em outubro de 2018, o mesmo salienta que “na UEG não trabalhamos com o serviço AEE tal qual é conhecido e ofertado no Ensino Fundamental e Médio[...] esse acompanhamento é ofertado nos contraturnos e nas etapas de estágios da graduação”, todavia, há um acompanhamento especializado por parte de docentes de apoio junto ao discente que necessita desse suporte.

Segundo Avelar (ENTREVISTA REALIZADA EM OUTUBRO, 2018), o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem é função dos professores de apoio junto com os professores titulares, bem como dos coordenadores de curso e pedagógicos, mas sempre que solicitados membros da equipe da Coordenação de Direitos Humanos e Diversidade (CDHD), se deslocam até o Câmpus para orientação, suporte psicopedagógico e acadêmico. Quanto a formação continuada dos professores, a mesma é oferecida pela CDHD com seus três Núcleos de Estudo e Assessoria diferentes momentos de formação, sendo um para os professores da disciplina “Diversidade, Cidadania e Direitos”, um para os docentes de apoio/intérpretes de Libras e um Seminário anual de Formação sobre acessibilidade, diversidade e direitos.

De acordo com o psicólogo responsável pelo núcleo em entrevista realizada em outubro de 2018, a maior dificuldade do núcleo seria a realidade multi-Campi da UEG, que hoje conta com 41 campus em 39 cidades, o que acarreta complicação na comunicação, transporte, logística e equipe, além de dificuldades financeiras por não haver ainda um orçamento específico à ações de inclusão e acessibilidade. Em contrapartida, a barreira atitudinal e o preconceito por partes dos outros alunos e de

alguns docentes eram obstáculos reais, mas que tem diminuído de forma significativa nos 5 (cinco) anos de atendimento e funcionamento do Núcleo.

No Câmpus Inhumas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas enviadas por e-mail com professores regentes e coordenadores de curso para uma melhor compreensão das atividades desenvolvidas para com os alunos, pois, temos atualmente dois acadêmicos que possuem laudo, sendo um com deficiência auditiva e uma com déficit de aprendizagem. Isso nos motivou a seguir com a pesquisa empírica dentro do Câmpus, pois tivemos a oportunidade de observar os alunos que constituem o público-alvo da Educação Especial verificando o desenvolvimento destes ao participar das atividades em sala de aula, e também a relação aluno – professor, com o objetivo de refletir sobre o processo de inclusão escolar dos alunos com necessidades educativas especiais no ensino superior.

Observamos que o AEE é de fundamental importância no que se refere a trabalhar as reais necessidades do aluno, respeitando os ritmos de aprendizagem e a singularidade de cada um, desenvolvendo sua autonomia, favorecendo a compreensão de conhecimentos relacionados à aplicação de situações em sua vida diária, não primando somente o conteúdo, mas sim, a evolução do aluno.

Quanto às entrevistas realizadas no Câmpus Inhumas, os dados coletados apontam que tanto os dois professores regentes que responderam às entrevistas (aqui estão identificados como PR1³ e PR2⁴), quanto a Coordenadora do Curso de Pedagogia (C1⁵), não possuem nenhuma formação específica ou complementar na área de inclusão e que enquanto o PR1 desconhece o NAASLU, o PR2 e a C1 conhecem a existência do Núcleo, mas não sabem como o atendimento é feito ou se é oferecido o suporte a alunos do Campus Inhumas, mas o PR2 salienta que a falta de informação é de sua parte pois não procurou saber. Quando questionados sobre

³ PR1- Professor do Curso de Pedagogia, Mestre em Educação, exerce a função de professor regente na UEG há 3 anos;

⁴ PR2- Professora do Curso de Letras, Doutora em Educação, professora regente na UEG há 19 anos.

⁵C1- Coordenadora e Professora do Curso de Pedagogia, Doutora em Educação, exerce a função de coordenadora de curso há 6 meses e atua como professora regente na UEG há 7 anos;

quais os desafios da profissão docente no contexto de inclusão de estudantes com NE no ensino superior e na UEG, o PR1 diz que é “Apoio Institucional”, enquanto PR2, assim pontua:

Penso que os desafios são principalmente na capacitação dos profissionais; que os docentes se interessem em conhecer os projetos de inclusão, de participar e de se capacitar para poderem oferecer um atendimento mais adequado ao acadêmico que seja discente sob sua regência. (PR2, 2019).

Ainda se faz necessário perceber a importância de uma formação continuada voltada para a educação inclusiva, que visa melhorar a qualidade de ensino e que desenvolva um bom trabalho no sentido de que promovam o sucesso educacional de todos os alunos e que este esteja mais preparado para educar na e para a diversidade.

Com relação a observação das atividades desenvolvidas com os alunos público-alvo, aqui identificados por A1⁶ e A2⁷, buscamos verificar como é a integração desses alunos com os professores e com seus colegas. Primamos por escolher dias em que os mesmos tivessem uma participação ativa em sala de aula, portanto, a observação foi feita durante apresentação de seminário com duração de 60 minutos. Assim que se deu início, na sala do aluno A1, tivemos informação pela professora que a mesma procurou por ela com antecedência e disse que não iria apresentar porque os colegas riam e que “ela não queria passar por isso novamente”, pois a mesma tem dificuldades de aprendizado e de fala. Durante os primeiros quarenta minutos a aluna não interagiu com nenhum colega, não demonstrou concentração no que estava sendo apresentado pelos grupos e ignorou todas as oportunidades de integração e participação nos comentários relativos aos trabalhos. Os trabalhos eram em duplas e somente a sua colega fez a apresentação. No final da observação a aluna resolve participar e comentar a atividade e assim como esperado, os colegas riram e foi preciso que a professora interferisse defendendo o ponto exposto pela aluna, mas ela desanima de continuar participando do trabalho e se retira da sala.

⁶A1- Acadêmica do Curso de Letras cursando o 7º período, possui déficit de aprendizagem e na fala;

⁷A2- Acadêmico do Curso de Pedagogia cursando o 1º período, possui deficiência auditiva;

Posto isso, ressaltamos que o objetivo do professor não deve ser que todos aprendam igualmente, mas que todos possam trabalhar reflexivamente e construir o pensamento coletivamente, sem que ninguém seja marginalizado ou deixado de lado, o que corroboramos com o pensamento de que o professor “ainda precisa compreender que faz parte do seu trabalho incitar os alunos a desenvolver relações de solidariedade, respeito, flexibilidade e aceitação” (SANTOS; REIS, 2016, p.334). A professora responsável pela atividade nos informou que a aluna tem um vínculo de confiança com os professores, também têm um diálogo aberto, mas que suas limitações sociais impedem que ela participe ativamente no grupo ao qual está relacionada.

Já com o aluno A2 a dificuldade foi maior, pois sem intérprete de LIBRAS a comunicação era escassa tanto com professores, quanto com os colegas, apesar do aluno usar aparelho auditivo e fazer leitura labial. Com esse aluno a observação só foi possível após duas tentativas, pois o mesmo não participou das primeiras apresentações por não saberem como incluí-lo, o aluno sequer compareceu à apresentação dos outros grupos ou do seu próprio, faltas que eram recorrentes durante todo o semestre.

O aluno A2 se mostrou introvertido pela inacessibilidade comunicacional, não pôde participar dos comentários entre os trabalhos apresentados, tendo acesso apenas às informações contidas nos slides das apresentações. Segundo a C1 (ENTREVISTA REALIZADA EM JUNHO, 2019), a coordenação procura estabelecer uma relação de diálogo e acompanhamento do cotidiano do aluno, todavia “a ausência do intérprete de Libras tem dificultado muito o trabalho dos professores regentes no desenvolvimento das atividades acadêmicas com esse aluno”, afirmou a entrevistada.

Considerações Finais

Acredita-se que tais reflexões, além de contribuir para o desenvolvimento e crescimento na área acadêmica e profissional, leva-nos a buscar práticas

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





pedagógicas diversificadas que possam colaborar para com a efetivação da perspectiva educacional inclusiva, oferecendo aos alunos auxílios que possam contribuir para seu pleno desenvolvimento. Sabe-se da importância de se ter um acompanhamento e orientação de profissionais preparados levando em consideração que o acadêmico com deficiência, assim como qualquer outro, precisa participar de todas as atividades em sala de aula e em outros espaços comuns de seu Câmpus.

Trazemos também o fato de que o AEE na UEG, está institucionalizado na teoria, porém a prática ainda revela muitos desafios que precisam ser superados para que este atendimento alcance os objetivos proclamados na Política Nacional de Educação numa Perspectiva Inclusiva (2008).

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para acreditar na conclusão deste trabalho.

À minha família pelo apoio e suporte em todas as situações.

À minha coordenadora, profa. Dra. Marlene Barbosa de Freitas Reis, pelos ensinamentos.

Ao grupo GEPEDI (Prof.^a Carla, Prof.^a Lilian e Leonor Paniago, Andressa, Yanka, Ketlem, Elizabeth), pela colaboração e amizade.

À UEG por proporcionar incentivo à Iniciação Científica.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





BRASIL. **Decreto nº6.571**, de 17 de setembro de 2008. Ministério da Educação. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm>, Acesso em 25/03/2018.

BRASIL. MEC. UNESCO (Espanha). **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre as necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

BRASIL. **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: SECAD/MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Políticos-Legais de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

LEI Nº 13.146, de 06 de Julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

LÜDKE, Menga; ANDRÉ Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação Inclusiva**: limites e perspectivas. Goiânia: Deescubra, 2006.

REIS, M. B. F.; SANTOS, T. P.; OLIVEIRA, B. F.; TAVARES, A. R.; SILVA, B.T.; CAMPOS, D.R.; LANZONI, T. S. **Inclusão Escolar: Um Olhar Para a Formação Docente e o Atendimento Educacional Especializado (AEE)**. REVELLI- Revista de Educação, Língua e Literatura da UEG-Inhumas. v. 9, p. 225-269, 2017.

SANTOS, T. P; REIS, M. B. F. **A formação docente na perspectiva da educação inclusiva**. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 10 N 02, p. 330-344, 2016.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA EM DEFESA DOS CLUBES AGRÍCOLAS DE GOIÁS NA DÉCADA DE 1930

Victória Marques Bento Corrêa¹ (IC)*, victoriabento2009@hotmail.com, Maria de Fátima Oliveira² (PQ).

Universidade Estadual de Goiás Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas.

Resumo: Esta pesquisa analisa a atuação de Amália Hermano Teixeira em favor da implantação de clubes agrícolas em Goiás. Investiga as ideias e objetivos da criação e funcionamento desses clubes em Goiás, procurando entender o que eram os clubes agrícolas e o contexto em que foram criados. O estudo busca ainda compreender a participação dessa personagem na fundação desses clubes, sua posição sobre essa prática educativa e a importância dos Clubes Agrícolas na educação goiana. Analisa também como os estudos biográficos permitem ao pesquisador, por meio da história de vida de um personagem, compreender o contexto histórico, político, econômico e cultural de uma época e lugar. Por fim, busca compreender de que modo a História de Amália Hermano Teixeira está ligada à História de Goiás, tendo sua imagem associada a diversos campos como o Direito, a História, o meio ambiente, a educação, entre outros, deixando assim, sua contribuição no processo de construção da sociedade goiana.

Palavras-chave: Goiás. História. Educação. Estudos Biográficos.

Introdução

Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo que analisa a vida e obra de Amália Hermano Teixeira, e sua singularidade está na abordagem proposta que é sobre a atuação dessa personagem em prol do ensino rural e da criação de clubes agrícolas no estado. A investigação torna-se importante devido ao pouco que se tem pesquisado sobre a temática em Goiás, e por acreditarmos que por ela ter atuado na formação profissional desta natureza, é um campo que contribui para enriquecer aspectos da História Regional.

A análise se pauta na investigação sobre as ideias e objetivos da criação e funcionamento desses clubes em Goiás, pois até então o estado encontrava-se muito defasado em questões de políticas educacionais, se comparado a outras regiões do país. Apesar de haver certa preocupação com a educação rural desde o século XIX, o surgimento de clubes agrícolas no Brasil data da década de 1920 e 1930, porém somente na década de 1940 é aprovada a Lei Orgânica do Ensino Agrícola pelo Ministério da Educação, que apresentava algumas diretrizes no



sistema educacional voltadas para o meio rural, alavancando a difusão desses clubes (NICOLAU, 2016).

Material e Métodos

Em primeiro lugar, procedeu-se a revisão bibliográfica sobre o tema, ou seja, a leitura de referências sobre o surgimento dos primeiros Clubes Agrícolas no país e particularmente sobre as políticas públicas para a educação na região durante a década de 1930 e décadas posteriores. Em decorrência das medidas educacionais implantadas, foi efetivado o sucesso desse modelo institucional em todos os estados brasileiros. Em seguida, como proposto no plano de trabalho, seguiu-se às leituras teóricas sobre os estudos biográficos e sobre a educação em âmbito nacional, para embasamento da análise do objeto da pesquisa, possibilitando assim o conhecimento dos reflexos dessas transformações educacionais na sociedade goiana. E por último, partiu-se para a análise dos artigos de sua autoria na Revista Oeste e na Revista Educação de Goiás, e também de outros documentos que se encontram no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Todo esse acervo possibilitou uma visão mais completa sobre a implementação desse novo modelo de ensino que se espalhava em um ritmo impressionante de sul a norte do país.

Resultados e Discussão

A pesquisa concentrou-se em leituras de artigos científicos de Amália Hermano Teixeira e na consulta de documentos de seu acervo que se encontram no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Após as visitas ao IHGG foram realizadas as leituras dos textos e análise dos documentos. Procedeu-se também à leitura do livro “O Curioso Caso da Escola Normal Oficial: A História de uma injustiça”, de autoria de Amália Hermano Teixeira.

Os textos sobre os estudos biográficos foram importantes para a pesquisa, não para o fim biográfico em si, pois a intenção não era fazer a biografia de Amália Hermano, mas com base em seus escritos e em outros documentos produzidos



sobre ela, poder compreender melhor o contexto de um momento histórico, por meio de sua atuação em defesa da implantação dos clubes agrícolas em Goiás. De acordo com Schmidt (1997, p.3), “Nos últimos anos, as biografias têm alcançado um grande sucesso editorial no Brasil, igualando até vendas dos manuais de autoajuda e dos livros escritos por magos, anjos e esotéricos em geral”. Desse modo, foi possível perceber que a história de vida de Amália Hermano Teixeira em muito se confunde com a História de Goiás, e conhecer parte da história dessa personagem, como sua atuação na fundação dos clubes agrícolas, ajuda na compreensão de aspectos relevantes desse período histórico.

A análise teve como embasamento também a obra de Carlo Ginzburg (2004), em que o autor, em seu livro *O Queijo e os Vermes*, por meio da biografia de um moleiro, o camponês chamado Domenico Scandela, mais conhecido como Menocchio, toma-o como exemplo para analisar o contexto social do período da Reforma e Contra Reforma, buscando as singularidades do indivíduo, para fazer uma descrição rica e densa da realidade de um todo. Nessa pesquisa, os estudos biográficos foram utilizados para analisar como ocorre o processo de difusão dos novos métodos de ensino em Goiás, com a criação do primeiro Clube Agrícola da região, e através de estudos biográficos de sua principal defensora, Amália Hermano Teixeira, podemos perceber como esse processo educacional aconteceu.

Por meio das pesquisas e leituras que foram realizadas, é perceptível a transformação que os Clubes Agrícolas enfrentaram durante toda a sua existência, sendo que em seus primórdios os interesses econômicos eram bem mais submissos aos desejos da criação de um sentimento de nacionalidade. Porém, com a implementação das ações em prol da melhoria da vida no campo, a partir da década de 1930, e com as influências estrangeiras sofridas e intensificadas, devido a uma tentativa norte-americana de evitar a expansão das ideias comunistas a outros países considerados de terceiro mundo - assim como o Brasil -, era preciso implementar as ideias capitalistas num lugar essencialmente rural.

Esses clubes chegaram no Brasil através de convênios entre o Ministério da Agricultura e os Estados Unidos e se dá no contexto da modernização do

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





Estado na Era Vargas, principalmente no âmbito de preocupações e iniciativas de incremento da produção agrícola brasileira. Havia também, questões internacionais como a ideia de um mundo em crise, guerra eminente e a quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929, que afetou o Brasil na produção do café. Essa situação exigia organização para garantir a segurança alimentar. Coube então à questão rural, consolidar o Brasil, com o abastecimento interno (BARBOSA, Apud, PEREIRA, 2017, p.43).

Embora a sociedade brasileira fosse majoritariamente rural, passava por um momento de transição em que sua população buscava migrar para os centros urbanos, a fim de ter melhores condições de vida e ensino. Segundo Werle:

Na década de 1930, o estado do Rio Grande do Sul persistiu com a política de desenvolvimento baseado em atividade agropecuária e na defesa dos interesses do setor. Nas décadas seguintes, entretanto, o minifúndio colonial entrou em crise, concomitantemente, a agricultura de grandes extensões de terras se expande requerendo maquinários modernos. O êxodo rural originário das zonas de fazendas de criação de gado e da zona colonial em crise manifestou-se notoriamente nos anos 30 e 40. É nesse palco que a educação rural adquiriu particular relevância (WERLE, 2003, p.4).

Buscando sanar com esse movimento de êxodo rural que se inicia no Rio Grande do Sul, maior produtor agropecuário do país, foram implementados os Clubes Agrícolas¹, que depois se espalharam por todo o território nacional. Junto com eles vieram as escolas, que ensinavam questões relativas ao cultivo e manejo da terra, e também hábitos de higiene, e às meninas ainda deviam ensinar cuidados do lar. Além das aulas tradicionais, os sócios, como eram chamados os alunos que ali ingressavam, aprendiam também fora das salas de aulas a lidar com a terra, por meio de atividades lúdicas. Ademais, eram ensinadas técnicas de cultivo, plantação e colheita, sendo que as meninas aprendiam a lidar com o trabalho rural e doméstico simultaneamente.

¹ Os Clubes Agrícolas-células-mães do ruralismo - foram instituições extra escolares destinadas a modificar o ambiente tradicional do ensino, na medida em que forneciam novos assuntos e motivavam as aulas. Foram planejadas com base na filosofia de Alberto Torres, e criada no Rio de Janeiro por seus seguidores, visou, especificamente, desenvolver na criança o amor à terra, às plantas e aos animais, preservando-os da destruição (TEIXEIRA, 1990, em entrevista a NEPOMUCENO, 1994, p. 53, apud MARTINS, 2018, p. 148)



As dificuldades eram incomensuráveis, iam além da implementação de uma infraestrutura que se encontrava totalmente sucateada, despertando o desejo do povo de buscar as tão sonhadas escolas urbanas, que além da superioridade estrutural ainda contava com os melhores profissionais da educação que não queriam migrar para o campo.

Foi necessário também mudar a visão dos pais dessas crianças que por falta de conhecimento ou preconceito, não aceitavam essas transformações instantaneamente, cabendo às professoras. Segundo Nicolau (2015, p.6), “[...] em sua maioria o profissional dedicado a lecionar e tomar conta das atividades dos Clubes Agrícolas eram em sua totalidade mulheres, moradoras da mesma comunidade em que havia a Escola Primária a qual o Clube era vinculado. Assim, elas iam a todas as casas na tentativa de fazer com que essas pessoas mudassem de opinião e permitissem que seus filhos frequentassem as aulas, apontando as melhorias que isso acarretaria para as suas famílias, como o aumento de suas produções e a participação nos avanços de sua terra. Mais que um direito, era dever de todos colaborar para o crescimento da nação.

Sempre houve um esforço gigantesco do governo para que esses clubes não ficassem apenas no papel, mas que de fato transformassem a realidade do país, ganhando cada vez mais adeptos e que aos poucos estivesse presente em todos os estados brasileiros. Com esse intuito é criada a Revista *Brincar e Aprender*, publicada pelo Serviço de Informação Agrícola como uma forma de comunicação entre as professoras e o governo, os alunos e as professoras. Uma espécie de diário que trazia planos de aula e relatos sobre as experiências vividas.

Em alguns volumes podemos ver a exaltação da figura da professora, como uma importante personagem dentro desse espaço educacional. São as professoras, também as responsáveis na maioria das vezes, pelo envio do relatório ao S.I.A. e muitas vezes autoras de alguns artigos que fazem referência as atividades do Clube a que pertence. Sendo assim ela é tida como a figura de intelectual mais próxima da comunidade rural que faz parte e incumbida de uma responsabilidade (NICOLAU, 2015, p. 7).



A partir do momento de sua criação houve certa preocupação com políticas para disseminar esse método de ensino. Prova disso foram as constantes Semanas Ruralistas, que segundo Nicolau (2016, p.26), eram “realizadas pelo Ministério da Agricultura desde o começo da década de 30, interação com a comunidade para divulgar métodos e técnicas ‘modernas’ para a agricultura”. Ou seja, uma forma de fazer propaganda e ganhar ainda mais adeptos.

Sendo Amália Hermano Teixeira uma peça fundamental para a defesa da Escola Nova², disseminou a ideia de que o conhecimento não é construído somente dentro da sala de aula, mas que a junção de diferentes ambientes poderia melhorar de forma expressiva o aprendizado dos alunos, despertando o interesse dos mesmos por outros assuntos e um maior envolvimento no processo de aprendizagem. Amália participou do VIII Congresso Brasileiro de Educação, que acontece em 1942 na cidade de Goiânia, e segundo Lemes:

Amália Hermano foi professora atuante na educação pública e sendo conhecedora dos desafios e dos embates da vida nos meios rurais de sua época, ela ratificou a pungente necessidade de sustentação da vivência do homem do campo. Neste evento, ela fala que a educação primária deve estimular a criança a reconhecer no espaço em que vive sua realidade e compreenda a relevância de um ambiente benéfico para sua formação enquanto cidadão (LEMES, 2018, p.20).

Em sua própria sala de aula, Amália trazia formas diferentes de ensino. Levava, por exemplo, seus alunos para trabalhos de campo, onde o conhecimento dos livros era reforçado com novas formas de conhecimentos práticos que, no âmbito escolar eram comumente deixados de lado, por não serem valorizados no ensino vigente no período.

Verificou-se que uma de suas mais importantes contribuições para o ensino foi a fundação do Clube Agrícola General Couto Magalhães no dia 21 de setembro de 1943, ligado à Escola Normal Oficial, unindo o ensino tradicional ao ensino rural,

² Escola Nova, Escola Ativa ou Escola Progressista: Foi um movimento de renovação do ensino, que se manifestou mais intensamente na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX (HAMZE, s/d, s/p.).



por ser uma de suas paixões, devido a experiência de ter estudado em alguns desses clubes em outros estados (MARTINS, 2018). Como ela sabia que a prática já demonstrava resultados satisfatórios em outras partes do país, buscou incessantemente a criação desse espaço em Goiás.

Estando à frente dos Clubes Agrícolas no estado de Goiás, em seu trabalho neste âmbito, de acordo com Babosa (2017), é possível contemplar a relevância que esta professora e escritora que também se dedicava a produção de material didático, dava tanto aos temas diretamente ligados ao cultivo da terra, quanto a assuntos que versavam sobre economia doméstica, saúde, higiene, empreendedorismo agrícola e também nas partes técnicas e da burocracia dos clubes agrícolas, bem como uma idealização dos valores ecológicos da vida do homem campestre (LEMES, 2018, p.20).

Além de sua influência nos clubes agrícolas, em uma cultura de ensino onde o tradicionalismo prevalecia com aulas teóricas, cansativas e monótonas, Amália Hermano foi peça importante em defesa de que o conhecimento poderia ocorrer em qualquer lugar e de todas as maneiras, de forma divertida e prazerosa, e não apenas com disciplina e rigor dentro de uma sala de aula.

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa foi possível perceber a importância da atuação de Amália Hermano Teixeira tanto para a criação e disseminação dos Clubes Agrícolas, quanto para uma mudança na forma de ensino para a época. Essa prática defendida e experimentada por ela contribuiu para que se questionasse aquele ensino tradicional baseado prioritariamente no quadro negro e nos livros. Desse modo, o ensino foi levado para outros espaços, com o uso de diferentes metodologias, o que favoreceu o processo de ensino/aprendizagem nas escolas de modo geral, e nos Clubes Agrícolas em particular.

Sua estreita ligação com as questões referentes à natureza de modo geral, e à preservação do meio ambiente, também contribuiu para uma mudança no modo



de se ver e estudar o Cerrado, haja vista sua dedicação às orquídeas desse bioma.

Um importante aliado de Amália Hermano na difusão dos Clubes Agrícolas foi justamente o uso da imprensa. Esse meio de comunicação foi fundamental para a publicação de seus textos e artigos em revistas e eventos. É interessante ressaltar que as publicações feitas nesse espaço não eram dedicadas somente aos professores, mas também aos alunos e debatiam diversos temas. Para Werle (2013, p. 3), “os impressos não “produzem fatos”, mas os moldam, rearticule impressos não “produzem fatos”, mas os moldam, rearticulam e modificam enfatizando temas e ignorando outros; fazem circular ideias e, com isto, formam seus leitores”. A Revista Oeste e a Revista de Educação, são alguns exemplos dessa imprensa dedicada a educação que tiveram uma significativa atuação de Amália Hermano, pois assim como em todas as outras regiões do país essas revistas surgem em Goiás para ser uma fonte de comunicação e disseminação dos ideais que estavam surgindo, defendendo a ampliação do ensino e a implementação dos Clubes Agrícolas.

É inegável a sua atuação no campo educacional goiano. Segundo Teixeira (1944, Apud, LEMES, 2018, p.20), “[...] foi uma assídua colaboradora da Revista Oeste, uma revista goiana, que circulou de 1942 a 1945, em 21 de seus artigos ela enaltecia os clubes agrícolas”. Contribuiu também em outras revistas, assim como nos aponta Lemes (2018, p.21), “Amália Hermano Teixeira, foi também diretora da Revista de Educação do Estado de Goiás, onde publicou diversos artigos. Na edição de n. 39, seu texto fala sobre o clube agrícola escolar e a motivação”.

O tema abordado instigou a discussão sobre as transformações que o ensino goiano sofreu e vem sofrendo desde a introdução dos Clubes Agrícolas no estado, apesar de não poder ser considerado uma ruptura total no âmbito educacional, mas sim o início de um longo processo de transformação. Sendo assim, a pesquisa sobre a atuação de Amália Hermano em defesa dos Clubes Agrícolas, demonstrou uma forma de ensino que agregou a educação tradicional já instalada na região.

Agradecimentos

REALIZAÇÃO

Agradeço primeiramente a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PrP) e a minha professora orientadora Maria de Fátima Oliveira, pela oportunidade de desenvolvimento desse estudo. A pesquisa sobre Amália Hermano Teixeira, uma goiana que contribui em muitos aspectos para a História de Goiás e para a educação, possibilitou ampliar meus conhecimentos sobre o processo de construção do ensino em Goiás.

Referências

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela perseguição**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAMZE, Amelia. **Escola Nova e o Movimento de Renovação do Ensino**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestão-educacional/escola-nova.htm>. Acesso em: 05/06/2018

INSTITUTO Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia. Acervo sobre Amália Hermano Teixeira. Goiânia: Praça Cívica, 2017.

LEMES, Rita Castorina Gonçalves Gundim. **O Cerrado na visão de Amália Hermano Teixeira: Meio Ambiente e Cultura**. 2018. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

MARTINS, Luciana da Silva. **A Participação da Intelectual Amália Hermano Teixeira no Movimento Escolanovista em Goiás – 1937 a 1963**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/4011/2/Luciana%20da%20Silva%200Martins.pdf>. Acesso em: 08/03/2019.

NICOLAU, Nathalia dos Santos. **A Educação construída nos Clubes Agrícolas: O Papel da Professora no Ensino de Crianças e Jovens do Meio Rural**. (1945 – 1960). Florianópolis. 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439865340_ARQUIVO_trabalhoAnpuh2015.pdf. Acesso em: 31/05/2019

_____. **Clubes Agrícolas: um projeto de educação, trabalho e**



cooperação para jovens rurais. Dissertação de Mestrado Programa de Pós Graduação em História. Rio de Janeiro. UFF, 2016.

OESTE – Revista Mensal. CD-Rom. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira (AGEPEL). 2001.

PEREIRA, Micaelle Cristina Peixoto. **Amália Hermano Teixeira: Vestígios da História da Educação em Goiás.** 2017. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história.** Topoi, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009., p. 7-16. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%2001%20artigo%201.pdf. Acesso em: 25/08/2017.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Goiânia: Tipografia Popular J. Câmara e Irmãos.

SCHMIDT, Benedito Bisso. **Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos.** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDO/FGV, 1997.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **O curioso “caso” da escola normal oficial.** São Paulo: Revista dos Tribunais. 1946. _____. Reencontro. Goiânia: Líder 1981.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Ensino Rural e legitimação das ações do Estado.** Revista Diálogo Educ. Curitiba, vol.13, n.39, mai/ago, 2013.

Análise do conceito de Cidadania nas turmas de Pedagogia da UEG/Formosa

**Marlon Mendes da Silva Souza^(IC) marlon19862014@gmail.com, Daniel Victor P. G. da Guirra^(IC),
Jadir Gonçalves Rodrigues^(PQ).**

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa.

Resumo: O presente trabalho estabelece uma análise do conceito de Cidadania entre as turmas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás no campus de Formosa. Esta análise visa avaliar a percepção dos acadêmicos quanto ao conceito de Cidadania mesmo munidos dos pressupostos teóricos oferecidos pela disciplina “Diversidade, Cidadania e Direitos”, componente da grade curricular ofertada pelo Campus. A oferta dessa disciplina vai ao encontro da necessidade da formação de professores diante do quadro em que se encontra a sociedade brasileira que busca, ao seu tempo e ritmo, a formação de cidadãos que respeitem os pressupostos da Constituição de 1988 (conhecida como “Constituição Cidadã”) como a pluralidade e a diversidade, ou seja, a prática efetiva da cidadania. Diante dessa necessidade premente, torna-se mais evidente o papel da Educação enquanto o caminho para a formação de indivíduos cômicos dos pressupostos que abarcam o conceito de Cidadania de forma que permita o seu efetivo exercício. Sendo assim, a análise dos dados colhidos foi interpretada à luz da Teoria das Representações Sociais aliada à metodologia das “Redes Semânticas Naturais”.

Palavras-chave: Direitos. Diversidade. Redes Semânticas. Representações Sociais.

Introdução

O que pensam os acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia acerca do conceito de Cidadania? Esse trabalho, através da disciplina de Diversidade, Cidadania e Direitos, visa munir o futuro docente de todos os pressupostos teóricos acerca do exercício legítimo e transformador da Educação enquanto promotora da cidadania humana. A pesquisa se destina a avaliar a formação dos futuros docentes da Educação Básica através da disciplina Diversidade, Cidadania e Direitos à luz da Teoria das Representações Sociais e da metodologia das Redes Semânticas.

Material e Métodos

A pesquisa contou com a participação de 42 acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia. Para o levantamento das representações, ou chamadas de

“evocações livres”, foram elencadas três palavras: Cidadania, Direitos e Diversidade. Os alunos foram instruídos para que escrevessem de cinco a dez palavras que viessem à mente sobre cada uma dessas três evocações livres. Além disso, deveriam estabelecer “notas” de 1 a 10 (sem repetir) de acordo com o nível de importância de cada palavra. A aferição dos dados obtidos foi baseada de acordo com Valdez (1998) e Figueroa, Gonzales e Solis (1981), obtendo assim o valor J, o tamanho da rede. Esse valor corresponde ao número total de palavras definidoras elencadas pelos acadêmicos. O núcleo da rede (NR) é o conjunto de 10 palavras definidoras que obtiveram os maiores pesos semânticos (PS). NR é o indicador do significado psicológico da palavra estímulo. Este indica quais são as palavras definidoras que estão de acordo com o núcleo central da rede. O valor semântico (VS) é a soma dos produtos da frequência pelo respectivo peso semântico da palavra. A distância semântica qualitativa (DSQ) indica a distância semântica entre as 15 diferentes palavras definidoras do núcleo da rede (NR) e é calculada por meio de uma regra de três, tomando como ponto de partida a palavra definidora com o maior valor semântico, a qual representa 100%.

Resultados e Discussão

A tabela abaixo se refere à rede semântica para a evocação do conceito de *Cidadania*:

CIDADANIA		
Núcleo da Rede (NR)	Peso Semântico	Distância Semântica Quantitativa (DSQ)
Direitos	184	100,00%
Deveres	117	63,58%
Sociedade	70	38,00%
Voto	57	30,97%
Respeito	38	20,65%
Leis	35	19,02%
Constituição	32	17,39%

Pessoas	25	13,58%
Igualdade	25	13,58%
Políticas	24	13,04%
Responsabilidade	22	11,95%
Obrigações	22	11,95%
Participação	22	11,95%
Empatia	19	10,32%
Legalidade	19	10,32%

Fontes: Dados organizados pelos pesquisadores.

De acordo com os dados da tabela acima, as representações sociais acerca da cidadania fundamentam-se no aspecto dos direitos (100%). Esse resultado corrobora a noção do que vem a ser a cidadania que nada mais é que o exercício dos direitos civis, políticos e sociais. O aspecto “deveres” (63,58%) insere-se como núcleo periférico dando a entender que o cumprimento de deveres tem relação com o acesso aos direitos. O conceito de cidadania pode ser definido como um conjunto de direitos e deveres atribuídos aos indivíduos de uma nação que compreende direitos políticos, civis e sociais. Um excelente exemplo é a relacionada à Educação. O acesso a esse direito social amparado na Constituição Federal (arts. 205 e 229, CF/ 88), Código Civil (art. 264) e Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90, arts. 4 e 53) é dever que o Estado divide a responsabilidade com a sociedade civil (neste caso, a família), uma prioridade absoluta de fundamental importância para o desenvolvimento individual próprio à condição humana.

Os demais núcleos de rede com percentuais inferiores a 40% enquadram nas evocações que representam opiniões pessoais com definições dispersas e isoladas. Dos discentes entrevistados, observa-se alguns fatos interessantes. Quanto ao gênero, as mulheres foram a maioria das entrevistadas (92,9%) e se observa que no levantamento das palavras que representavam as evocações livres de *diversidade*, *cidadania* e *direitos*; o número de palavras foi 29% maior em relação aos homens. As mulheres, historicamente, lutaram (e ainda lutam) para fazer valer os direitos de cidadania. Esse percentual de 29% é uma clara demonstração das desigualdades



persistentes entre as mulheres brasileiras de acordo com a renda, raça, local de moradia, principalmente para a situação das mulheres negras e indígenas. Soma-se a manutenção de uma educação sexista, racista e discriminatória nas escolas nacionais e a desvalorização salarial tanto nas profissões ditas “femininas” e em comparação aos homens. Daí a importância da Educação para a reversão desse quadro que pendura há séculos na sociedade brasileira.

E por fim, foi constatado que todos os discentes que participaram da pesquisa nasceram entre os anos 1988 e 2000, ou seja, nasceram sob a égide da Constituição de 1988. O pacto social presente na “Constituição Cidadã” fundamentava no anseio de reduzir as desigualdades sociais provocadas pelo padrão de desenvolvimento econômico instaurado pela ditadura militar. A ideologia neoliberal promoveu a inviabilização da construção de um Estado com ampla responsabilidade social e portanto, garantidor dos direitos sociais. Essa inviabilização resultou na agudização da questão social com a redução dos investimentos na educação, saúde, trabalho e o crescimento do desemprego e da violência. Em suma: uma política social ditada não pela Constituição Federal de 1988 e sim, pelo grande capital. O efeito da desresponsabilidade estatal ainda se faz sentir até os dias atuais e está presente na tabela através das palavras *respeito, leis, Constituição, responsabilidade, participação, obrigações, empatia e legalidade*.

Considerações Finais

Diante dos dados levantados e dos argumentos apresentados, o conhecimento dos acadêmicos acerca da cidadania ainda se concentra nas noções de direitos e deveres. Por outro lado, levando em conta que os acadêmicos participantes dessa pesquisa nasceram em sua maioria durante a década de 1990, estão inseridos em um contexto histórico regido por políticas econômicas de caráter neoliberal implementadas a partir da década de 1990 o que dessa forma acaba minimizando tanto a responsabilidade do Estado Brasileiro enquanto garantidor consciente do respeito ao cumprimento das garantias sociais previstas na Constituição de 1988 quanto da perfeita eficácia da Constituição em si.



Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e à minha namorada por me ajudarem durante a pesquisa e elaboração do projeto. Agradeço também ao meu colega de pesquisa, Daniel Guirra, pela paciência, compreensão e por ter “segurado as pontas” durante a coleta dos dados.

E finalmente, ao meu orientador Jadir Gonçalves Rodrigues pela oportunidade de fazer parte dessa importante pesquisa e assim poder contribuir futuramente para o aperfeiçoamento do magistério para que cumpra a sua função revolucionária na formação de cidadãos conscientes.

Referências

ABRIC, J.C. **A Abordagem Estrutural das Representações Sociais**. In: Moreira, A. S. P. & Oliveira, D. C. (Orgs). Estudos Interdisciplinares de Representação Social. 2ª Ed. Goiânia: AB, 2000.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**: Um longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FIGUEROA, J; GONZÁLEZ, E; SOLÍS, V. **Una aproximación al problema del significado**: Las redes semánticas, en Revista Latinoamericana de Psicología, vol. 13, núm. 3, Colombia: Fundación Universitaria Konrad Lorenz. 1981.

LESBAUPIN, Ivo. **O Desmonte da Nação**: balanço do governo FHC.4.ed.Petrópolis: Editora Vozes,1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed.2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VALDEZ, J.L.M. **Las Redes Semânticas Naturales**: Usos y Aplicaciones em Psicologia Social. México Universidade Autonoma Del Estado do México. 1998.

ANÁLISE DOS IMPACTOS SOFRIDOS NA LAGOA FEIA, EM FORMOSA – GOIÁS, COM VISTAS A SEGURANÇA HÍDRICA

*Matheus Santiago Vieira¹ (IC), Elton Souza Oliveira² (PQ);

matheusgeaueg@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Formosa

Resumo: Estudos voltados para a manutenção dos recursos hídricos são importantes no intuito de mitigar possíveis impactos que possam alterar as características físico-químicas da água. Nesse sentido o presente estudo teve por objetivo analisar os parâmetros físico-químicos da água, como, pH, temperatura, condutividade elétrica (CE) e a Concentração de Sólidos em Suspensão (CSS). Foram monitorados cinco pontos na Lagoa Feia, sendo um no exutório do Córrego Josefa Gomes e outros quatro na Lagoa no intuito de compreender possíveis impactos presentes na área de estudo. As coletas ocorreram nos meses de novembro de 2018, janeiro e maio de 2019. Para obtenção dos dados foi utilizado o Multiparâmetro PH-1500 e para determinação da CSS foi utilizado o método de filtração proposto por Carvalho (2000). Foi constatado que a CSS esteve maior próximo ao exutório do afluente, assim como a condutividade elétrica. O pH e a temperatura apresentaram pouca variação entre as campanhas realizadas. E as singelas alterações identificadas nos parâmetros analisados, podem estar associados as características tanto de ordem natural quanto antrópicas do ambiente, como decomposição de matéria orgânica e o uso ocupação do solo da bacia hidrográfica.

Palavras-chave: Dinâmica Hidrossedimentológica; Recursos Hídricos; Bacia Hidrográfica.

Introdução

A água é um importante recurso natural que vem sendo impactada devido as alterações sofridas nas bacias hidrográficas ao longo dos anos. Alterações essas que podem se refletir nos fluxos de transporte de sedimento para dentro do canal fluvial. O transporte de sedimentos em suspensão, ocorrem nas vertentes da bacia hidrográfica, no leito e margens dos canais fluviais, e podem alterar as características físico-químicas da água (Santos et.al, 2001; Carvalho, 2008). Essas partículas são suficientemente pequenas para serem transportadas pelo fluxo da água, onde tendem a se depositar em ambientes ao qual a turbulência da água diminui e o fluxo se torna mais lento.

Os sólidos suspensos podem aumentar a turbidez da água, afetando assim a biota aquática; as partículas suspensas tendem absorver a luz solar e aumentar a temperatura também da água; junto com os sedimentos podem conter nutrientes e pesticidas o que pode provocar a morte de peixes e a alta concentração destes elementos podem ocasionar o assoreamento nos corpos d'água em ambientes de baixo de curso (ANA, 2010)

Portanto, este trabalho visa analisar o comportamento do transporte dos sólidos em suspensão e os parâmetros físico-químicos na Lagoa Feia, localizada na cidade de Formosa – Goiás, importante atrativo ambiental e turístico visto que o espaço é utilizado para o lazer, banho, esportes aquáticos e pesca. Além de sua importância social e econômica a Lagoa Feia está inserida na área do Alto Rio Preto, um dos afluentes do rio São Francisco.

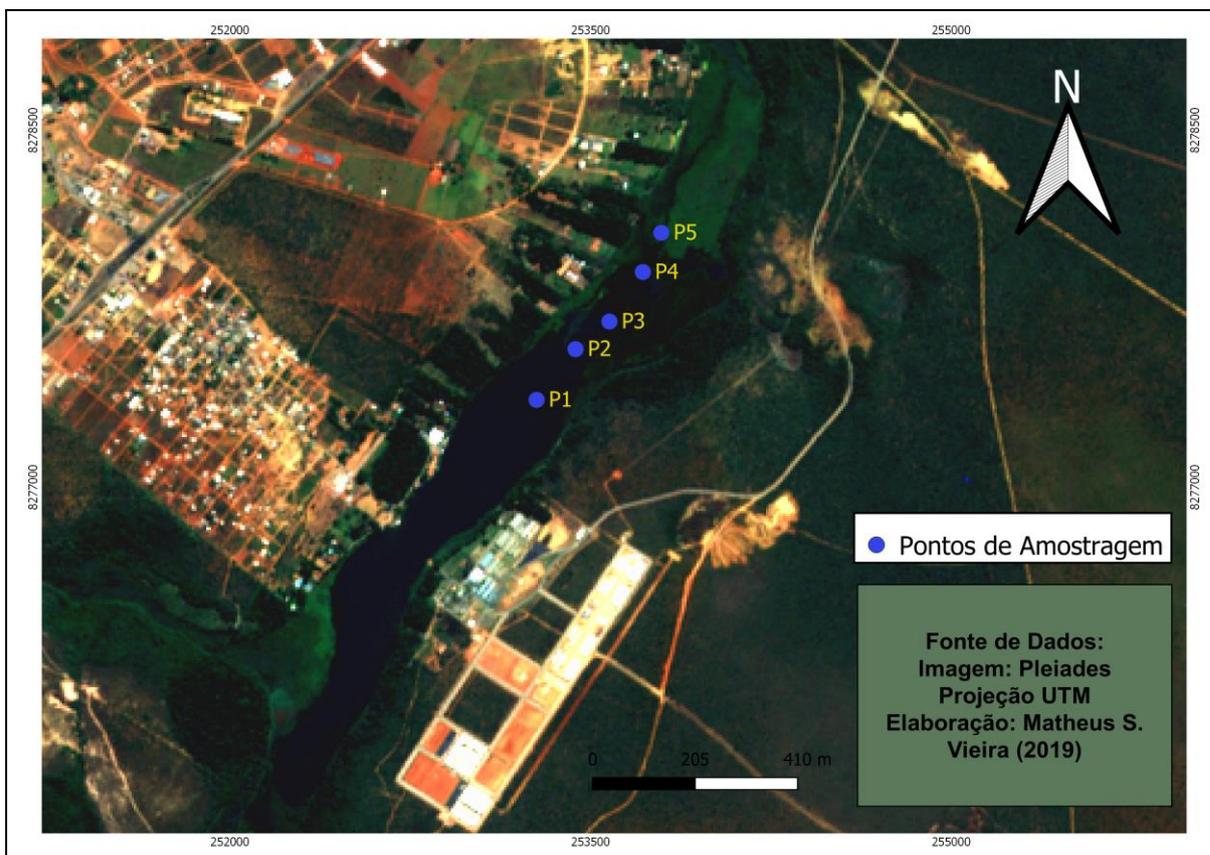
Material e Métodos

A partir da análise de imagens Pleiades de resolução espacial de 50 centímetros e de realização de campo de reconhecimento foram definidos cinco pontos para monitoramento (P1, P2, P3, P4 e P5 – figura 1). O software utilizado para manipulação e confecção dos dados cartográficos foi o Quantum GIS (QGIS). As campanhas ocorreram nos dias 11 de novembro de 2018 (transição do período seco/chuvoso); 21 de janeiro de 2019 (período chuvoso); 05 de maio de 2019 (transição do período chuvoso/seco) com o intuito de se adquirir dados tanto no período chuvoso quanto na estiagem.

Em cada ponto foram realizadas medições dos parâmetros físico-químicos e coleta das amostras para análise da CSS. Para a determinação da CSS foi seguido a metodologia proposta por Carvalho (2000), já para determinação dos parâmetros físico-químicos da água foi utilizado a metodologia de Dias (2017).

Nas duas primeiras campanhas, as amostras foram processadas no Laboratório de Geoquímica e Água (LAGEQ) do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília e posteriormente no Laboratório de Análises Hidroclimáticas da Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa.

Figura 1 – Pontos de Monitoramento na Lagoa Feia, Formosa/GO

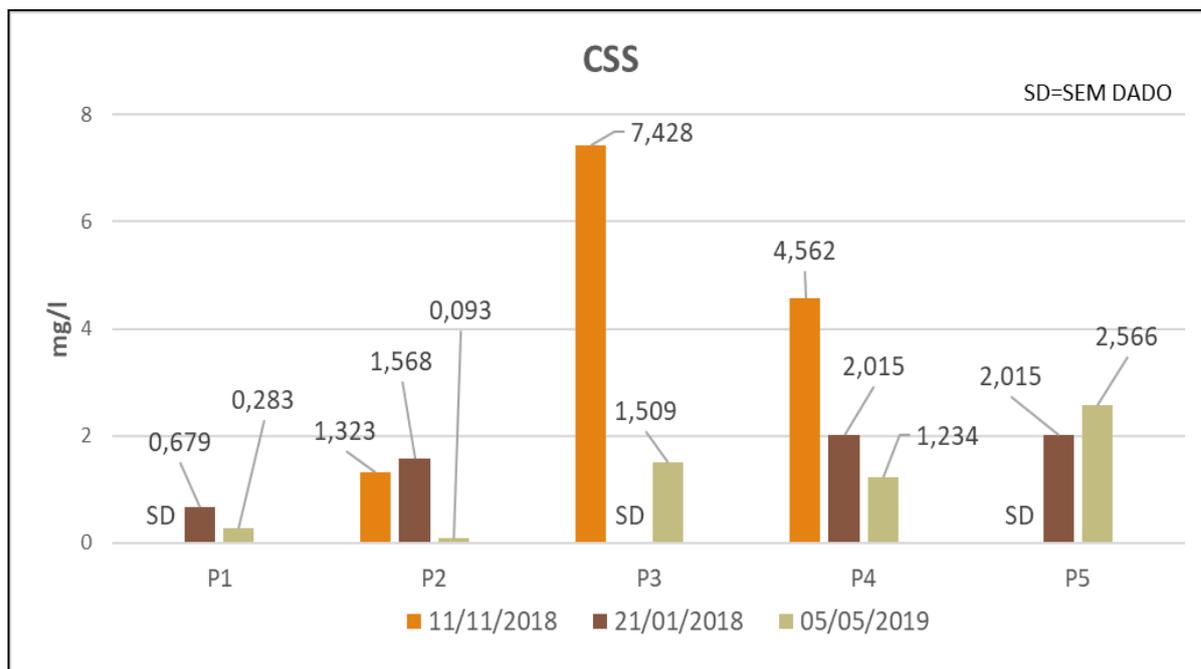


Fonte: Vieira (2019)

Resultados e Discussão

De acordo com os dados avaliados, gráfico 1, verificou-se que a CSS, variou de 0,09 mg/l à 7,43 mg/l nos pontos monitorados, havendo uma heterogeneidade. Os maiores valores de CSS foram identificados na 1ª campanha nos pontos P3 com 7,43 mg/l e P4 com 4,56 mg/l. Fatores antrópicos como o uso e ocupação do solo, (áreas de solo exposto e impermeabilizadas) e a presença de resíduos sólidos urbanos associados a lavagem de tais estruturas devido o início do período das chuvas devem exercer influência sobre os resultados. Já os menores valores de CSS foram identificados na 2ª e 3ª Campanha.

Gráfico 1 – Dados de CSS



Fonte: Vieira (2019)

Já os valores de pH apresentaram variação, entre 6,92 a 8,9 nas campanhas realizadas. A 3ª Campanha se destaca pois apresentou maior valor. Em todos os pontos desta campanha foram registrados pH entre 7 e 8, tal fator pode estar associado ao baixo regime de chuvas e a presença de grande quantidade de matéria orgânica na água, oriunda da decomposição de plantas aquáticas presentes na área de estudo. Já nas 1ª e 2ª campanhas o pH esteve entre 6 a 7.

Outro dado levantado e que apresentou variação ao longo das campanhas e pontos de amostragem foi a condutividade elétrica da água. A CE apresentou variação de 122 $\mu\text{s}/\text{cm}$ a 177 $\mu\text{s}/\text{cm}$. Com relação a condutividade elétrica, a 2ª Campanha obteve os maiores valores. Pode-se observar que quanto mais próximo do exutório do Córrego Josefa Gomes maior foi a condutividade. Este valor pode estar associado a capacidade do córrego em carrear materiais e nutrientes para a lagoa, oriundos da bacia urbana. Assim, como na 3ª campanha devido maio ser considerado um mês de seca na região, a condutividade elétrica da água apresentou os menores valores, apresentando resultados entre 122 $\mu\text{s}/\text{cm}$ e 142 $\mu\text{s}/\text{cm}$, porém, quanto mais próximo do exutório maior foram os valores, tal fator pode estar associado a capacidade da massa d' água em dissolver sais.

Já os dados de temperatura não apresentaram variação significativa. Pode compreender que a 2ª Campanha se destacou por todos os pontos apresentarem temperaturas iguais, como valor de 31° C. Enquanto nas outras duas campanhas, a temperatura apresentou pouca variação, entre 23° C e 26° C.

Considerações Finais

Por meio do trabalho foi constatado a necessidade de campanhas adicionais com intuito de melhorar o entendimento sobre a Lagoa Feia e aferir se realmente há fontes de poluição.

Agradecimentos

Ao Grupo de Pesquisa em Geografia e Análise Ambiental, pelo fornecimento dos instrumentos utilizados na pesquisa. Ao Laboratório de Geoquímica e Água (LAGEQ) do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília e ao Laboratório de Análises Hidroclimáticas da Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa. A Universidade Estadual de Goiás pelo financiamento da pesquisa por meio da bolsa de PBIC.

Referências

ANA. Agência Nacional de Águas. Ministério do Meio Ambiente. **Enquadramento dos corpos d'água.** (2010). Interfaces. Brasil. Disponível em: ><http://pnqa.ana.gov.br/Publicacao/CursoEnquadramentoPortal2010.pdf><. Acesso em 20 de set de 2019.

CARVALHO, N.O. **Hidrossedimentologia prática.** Brasília: Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais – CPRM /Eletrobrás, 2008.

CARVALHO, N.O.; FILIZOLA JÚNIOR, N.P.; SANTOS, P.M.C.; LIMA, J.E.F.W. **Guia de práticas sedimentométricas.** Brasília: ANEEL. 2000. 154p.

DIAS, D. F. **Processos Geoquímicos na Interface Sedimento-Água no Braço Riacho Fundo do Lago Paranoá – DF.** 2017. 88p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Geociências, Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal.

SANTOS, I. dos; FILL, H. D.; SUGAI, M.R.V.B; BUBA, H.; KISHI, R. T.; LAUTERT, L. F. 2001. **Hidrometria Aplicada.** LACTEC- Instituto de Tecnologia para o Desenvolvimento. Curitiba, PR. 372p.

ANÁLISE ESPACIAL DOS ATROPELAMENTOS DOS VERTEBRADOS NA GO-154 E GO 230

Laís Naiara Gonçalves dos Reis (PQ)*, André Filipe Rosa Campos (IC)

geografalais2013@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: O Sistema de Informação Geográfica (SIG) é um grande aliado, pois ele é um sistema que inclui a utilização de hardwares e softwares, para produzir informação espacial. O uso do SIG no monitoramento de animais atropelados envolve todo esse processo tecnológico, pois são por meio de alguns dados geográficos que o homem consegue suas análises sobre os problemas locais. O objetivo deste trabalho foi classificar a matriz (uso da terra) ao entorno do local onde foi encontrado animais atropelados localizado na GO154 e GO-230, ou seja, apontar se a área predominante é agricultura, pastagem, vegetação nativa, ou entre outras combinações da paisagem para a compreensão da percolação da paisagem do centro goiano. Utilizou-se para visualização dos animais silvestres atropelados o carro institucional (UEG) para percorrer o trecho rodoviário entre Itapuranga-Go a Ceres-GO. O percurso de 70 km (ida), foi adotada uma velocidade média de 70 Km/h. Para obtenção das coordenadas geográficas de onde foram encontrada as espécies utilizou-se aparelho receptor de GPS e VANT. Para o mapa de uso da terra e cobertura vegetal nativa ao entorno dos trechos de rodovias estudados foi utilizado o software Google Earth Pro. Os estudos apontaram que mais de 70 por cento dos locais onde havia animais silvestres atropelados existem vegetação nativa próximos a rodovia, sobretudo as matas ciliares.

Palavras-chave: Análise espacial. Ecologia de paisagens. Ecologia de estradas. Cerrado. Goiás.

Introdução

Em relação aos avanços tecnológicos e os estudos da paisagem destaca-se a importância do Sistema de Informação Geográfica (SIG) como solução para as atividades humanas. Uma vez que o mesmo constatou uma demanda em localizar



os fenômenos¹ que ocorrem no seu habitat². Sabe-se que o meio ambiente passa por diversas transformações naturais e sociais, estas podem ocorrer, prejudicando a harmonia ecossistêmica. Com o advento da geotecnologia e do SIG ficou mais fácil tanto o planejamento urbano e ambiental quanto a gestão do território, permitindo acompanhar os fenômenos pela superfície terrestre (LONGLEY; GOODCHILD; MAGUIRE; RHIND, 2013).

O SIG envolve todo um conjunto de sistema tecnológico que tem como principal intuito produzir informação do espaço terrestre. Por meio de recursos proporcionados pela tecnologia do sensoriamento remoto, que utiliza-se de satélites e outros meios para produzir imagens da superfície terrestre, e pela gestão computacional do geoprocessamento que através de softwares específicos possibilita manipulação de informações cartográficas, de coordenadas e de localidades.

Para que essas informações sejam extraídas, o homem precisa de ferramentas e instrumentos tecnológicos. O SIG é um grande aliado, pois ele é um sistema que inclui a utilização de hardwares e softwares, para produzir informação espacial, por meio de procedimentos computacionais e recursos tecnológicos, proporcionando ao homem um auto desempenho nas análises de gestão ou representação do espaço e dos fenômenos que nele ocorre.

Além disso, existe toda uma estrutura por trás do SIG, que faz com que o homem consiga chegar aos resultados esperados, tendo como principais elementos dessa estrutura, a coleta de dados espaciais, o armazenamento ideal para suportar esses dados, a manipulação por meio de ferramentas que gera fotos da superfície terrestre etc.

O uso do SIG no monitoramento de animais atropelados envolve todo esse processo tecnológico, pois são por meio de alguns dados geográficos que o homem consegue suas análises sobre os problemas locais, principais exemplos erosões em rodovias, em função da tecnologia e proporcionar ao homem facilidade na localização dos problemas que ocorrem na superfície terrestre, com fins de

¹ Fenômenos esses que são tidos pelos autores (LONGLEY como alterações na superfície terrestre, por meio de problemas vindos da natureza ou da ação do homem

² Habitat nesse contexto está relacionado a um espaço geográfico, onde possui um ambiente natural rico em um ecossistema capaz de abrigar diversas espécies de animais.

solucioná-los. Para trabalhar com esse tipo de monitoramento, o homem precisa primeiramente fazer um recorte espacial sobre o lugar onde há o maior índice de atropelamentos; Em seguida por meio de instrumentos e ferramentas são gerados dados sobre esse local, que se tornarão produtos. Depois disso, o lugar que for considerado uma área de maior índice de atropelamentos será trabalhada por outros profissionais para que evite o máximo desses atropelamentos.

Phantom 4 pro é um VANT da linha DJI'S PHANTOM, que foi lançado no ano de 2016, sendo o sucessor do Phantom 4, Essa versão possui uma melhoria a anterior na questão de tecnologia, pois houve um desenvolvimento no hardware em si, abrigando novas especificações eficazes, como a tecnologia de poder desviar dos obstáculos, a qualidade da câmera a bordo que tem um sensor de 1 polegada de 20 megapixels capaz de fotografar e filmar em 4k, e um controle remoto com tela embutida.

O objetivo deste trabalho foi classificar a matriz (uso da terra) ao entorno do local onde foi encontrado um animal atropelado, a fim de, apontar se a área predominante é formada por agricultura, pastagem, vegetação nativa, ou entre outras combinações da paisagem para a compreensão da percolação da paisagem do centro goiano.

A relevância da pesquisa é importante, pois se trata da tentativa de organização em SIG dos elementos das paisagens em que foram encontrados animais silvestres atropelados, para fornecer dados primários para análises em Ecologia de Estradas.

1.1 O que é Ecologia de Estradas?

Ecologia de Estradas se constitui por estudos referentes aos impactos causados na biodiversidade por meio do surgimento de rodovias e outros fatores voltados a degradação ambiental. No Brasil esse ramo se desenvolveu a partir dos anos 2000 aonde realmente se teve um crescimento e aprofundamento de pesquisas e trabalhos relacionados a temática em si. No País se tem um dos mais importantes instituto que trabalha com esse objeto de estudo, conhecido como o Centro Brasileiro em Ecologia de Estradas (CBEE) que é um centro de pesquisa que

busca analisar de forma ampla e profunda a perda da biodiversidade por resultados vindos da ação antrópica no meio natural

O princípio dos estudos feitos baseado no ramo da ecologia de estradas contribuiu em todos os aspectos neste trabalho, pois por meio das pesquisas feitas sobre o assunto, pode-se constatar o quão grave está à perda de animais silvestres nas estradas brasileiras a partir do sec. XX. A perspectiva deste trabalho se estendeu por um ponto de vista que relaciona os acontecimentos do passado, aonde estimula o sujeito à pensar em um cenário antes de todos os desastres ambientais acontecerem, e poder relacionar com o presente momento, fazendo com que se crie iniciativas e projetos para poder somar e tentar solucionar a problemática no atual momento.

1.2 A Ecologia de Estradas e a incipiente produção científica brasileira

Ecologia de Estradas se fundamenta por estudos específicos relacionados aos prejuízos que a formação de estradas e ferrovias podem impactar sobre a biodiversidade.

“A preocupação com os impactos das estradas na fauna resultou nos esforços de mitigar estes efeitos (FORMAN et al., 2003). Uma das formas de mitigar estes impactos é proporcionar a travessia da fauna local com segurança, isso pode ser feito a partir da implantação de passagens de fauna (BECKMANN et al., 2010)” (LINS et. al, 2015.p. 154)

No Brasil, os estudos em Ecologia de estradas são incipientes. O objeto de estudo desta ciência está relacionado com a malha rodoviária e os atropelamentos dos animais silvestres. Deve-se entender que existiu um processo de expansão da rede rodoviária brasileira a partir da década de 1920, que trouxeram integração ao território nacional, ao que refere ao escoamento de produção e fluxo das pessoas pelo país, por outro lado a rede rodoviária se tornou um fator prejudicial ao ecossistema, pois ela se configura como ameaça à biodiversidade localizada em seu entorno.

Os estudos de atropelamento de animais silvestre estão se consolidando como ramo de investigação científica da Ecologia de Estradas. A partir do diagnóstico de animais que são constantemente mortos e atropelados nas rodovias surge a necessidade de realizar uma análise da paisagem ao entorno das ocorrências.

Pode-se dizer que a paisagem e os seus processos naturais estão sendo alterados com a intensidade de ocupação das atividades humanas. Observa-se a expansão do espaço urbano e também das atividades de agricultura do rural brasileiro. O uso da terra pela atividade humana se torna um agravante quando há substituição de extensas áreas de vegetação nativa, promovendo a degradação dos habitats e consequentemente ameaça para a vida silvestre.

Para demonstrar as pesquisas desenvolvidas sobre esta temática no Brasil foi feito um levantamento sobre os 07 primeiros artigos mais recentes encontrados no portal brasileiro de publicações científicas em acesso aberto (<http://oasisbr.ibict.br/vufind/>), como demonstra o quadro 1.

Quadro 1 – Produção científica recente sobre o atropelamento de animais silvestres no Brasil.

ID	Autor (es)	Título do artigo	Ano
1	Bagatini, Thatiana	Evolução dos índices de atropelamentos de vertebrados silvestres nas rodovias do entorno da estação ecológica Águas Emendadas, DF, Brasil, e eficácia de medidas mitigadoras	2006
2	André Luiz Pracucci Gomes do Santos Clarissa Alves da Rosa Alex Bager	Variação Sazonal da Fauna Selvagem atropelada na rodovia MG 354, Sul de Minas Gerais – Brasil	2011
3	Carla Grasielle Zanin Hegel Gabriela Cássia Consalter Noeli Zanella	Mamíferos Silvestres atropelados na rodovia RS135, norte do Estado do Rio Grande do Sul	2012
4	Daniela da Silva Oliveira Martins Valeska da Silva	Vertebrados Silvestres atropelados na BR 158, RS, Brasil	2012
5	C.M.S Sássi; A.A.T. Nascimento; R.F.P. Miranda; G.D. Carvalho	Levantamentos de animais silvestres atropelados em trecho da rodovia BR482, Localizado em Minas Gerais	2013

ID	Autor (es)	Título do artigo	Ano
6	Cristiane Fonseca Martin	Monitoramento de Fauna Silvestre atropelada no entorno da Estação Ecológica de Carijós, Santa Catarina	2015
7	Denise Lidorio de Mattia	Atropelamentos de Vertebrados Silvestres Em Rodovias do Extremo Sul e do Planalto Sul Catarinense	2016

O primeiro trabalho pesquisado sobre animais atropelados em rodovias do Brasil, da autoria de Bagatini (2006), relata um pouco sobre as perdas de habitats naturais devido ao crescimento populacional, uma análise feita entorno da expansão econômica no meio social, Bagatini (2006) buscou transmitir no seu trabalho pontos totalmente voltado à questão do desmatamentos de áreas naturais para fins humano, demonstrando os prejuízos interligados ao impactos de atropelamentos da fauna silvestre em rodovias, a delimitação feita foram nas rodovias Br-020, DF-128, DF-205, DF-345, o período de pesquisas e coletas de dados ocorreu entre os dias 24 de Abril de 2004 a 15 de Agosto de 2005 somando um total de 17 meses, nesse período de pesquisa obtiveram como resultado total o número equivalente de 170 animais mortos encontrados atropelados.

O segundo trabalho pesquisado sobre animais atropelados “Variação sazonal da fauna selvagem atropelada na rodovia MG 354, Sul de Minas – Gerais – Brasil”, discute sobre um assunto fundamentado na mesma linha de raciocínio dos outros trabalhos, que dá ênfase sobre a presente ação antrópica no meio natural, onde há fatores que atinge toda fauna e flora ainda existe no Brasil, Pracucci (2011) utilizou de alguns autores no seu trabalho para abordar de forma clara sobre essa grande problemática. De acordo com (COFFIN,2007; e LAURANCE et al., 2009 apud SANTOS et al., 2011):

No entanto, como qualquer empreendimento humano que resulta na alteração de ecossistemas, as rodovias trazem impactos ambientais negativos resultantes da fragmentação de áreas naturais, reconhecidos hoje como as principais ameaças a conservação da biodiversidade. (SANTOS et al., 2001, p. 74)

A delimitação da área trabalhada por Pracucci (2011) foi realizada na rodovia de

MG 354, no sul do Estado de Minas Gerais entre o Município de Ingaí a Lavras, o período de coleta de dados ocorreu entre abril de 2007 a março de 2008 calculando o número de 468km; Obteve como resultado geral o total de 46 animais silvestres atropelados encontrados no trajeto percorrido.

O terceiro trabalho pesquisado sobre animais atropelados da autoria de Hegel (2012) abordou sobre uma discussão pautada em pesquisas relacionadas à mamíferos mortos na rodovia RS-135 localizado no norte do Estado do Rio Grande do Sul o início do trabalho primeiramente abordou sobre a questão dos impactos ambientais, a fragmentação de habitats para uso agrícolas, pecuário, e a substituição acelerada da vegetação nativa para construção e ampliação de rodovias, Hegel (2012) buscou demonstrar os fatores que podem ocasionar o alto índice de atropelamento de animais silvestres no trajeto designado a estudo. A delimitação da área estudada foi a rodovia “RS-135 – do quilômetro 8 a 34, um trajeto que percorre os municípios de Passo Fundo e Sertão no norte do Estado do Rio Grande do Sul”, o registro dos animais atropelados ocorreu por meio das viagens semanais (uma a duas) entre o período de maio de 2008 a maio de 2010, os resultados apresentados no trabalho foram de 95 exemplares de mamíferos silvestres atropelados encontrados nesse trajeto analisado.

O quarto trabalho pesquisado sobre “Vertebrados Silvestres atropelados na BR 158 Brasil” da autoria de Oliveira (2012) discorre meramente a uma abordagem inicialmente relacionada à importância das rodovias para a civilização, demonstrando o quanto é fundamental as rodovias para o deslocamento de mercadorias e para a ligação de diversos centros urbanos. Mais adiante Oliveira (2012) no seu trabalho, abordou sobre os fatores prejudiciais da construção de rodovias próximo a área de vegetação nativa, e à substituição da vegetação nativa para plantações de soja e trigo, fatores que influenciam na mortes de animais por atropelamento. A delimitação da área estudada foi na BR 158 em um trecho que percorreu um total de 98 km, entre o Município de Cruz Alta, e o Distrito de Val da Serra, que pertence ao Município de Júlio de Castilho RS, o período de expedições mensais ocorreram de Abril a Setembro de 2007, nesse percurso foram registrado um valor total de 61 animais encontrados atropelados.

O quinto artigo sobre “Levantamento de animais silvestres atropelados em trecho da rodovia BR482” da autoria de Sássi et. al. (2013) ressaltou sobre a problemática que envolve a morte de animais de médio a pequeno porte encontrados frequentemente no trajeto que interligam os municípios de Conselheiro Lafaiete e Viçosa, localizados no estado de Minas Gerais. Segundo os autores, esse trabalho foi consolidado por meio de levantamentos de ocorrências de atropelamentos semanais. Como resultado da pesquisa, levantou-se 228 cadáveres de animais atropelados entre o período de agosto de 2008 à maio de 2009.

O sexto artigo sobre a temática pesquisada discorre em um contexto inicialmente envolvendo as riquezas biológicas presentes em todas as regiões do Brasil, Fonseca (2015) deu ênfase no início do trabalho, sobre a importância das unidades de conservação no auxílio da preservação de riquezas naturais que ainda restam no país, principalmente em áreas urbanas que está em constante crescimento populacional. A autora, mais adiante no seu trabalho faz referência à Estação Ecológica de Carijós que é uma unidade de conservação federal localizada no Município de Florianópolis no estado de Santa Catarina. “A unidade é formada por duas glebas, as quais se constituem em remanescentes dos manguezais Região do Saco Grande e do Ratoles e ecossistemas associados, num total de 760 hectares” (ICMBIO,2015). Ela obteve como delimitação a área de estudo três rodovias estaduais SC401, SC402, SC400, a coleta de dados aconteceu no período entre Novembro de 2014 a Agosto de 2015, onde obtiveram como resultado total o número equivalente de 81 animais silvestres encontrados atropelados nesses trajetos.

O sétimo trabalho evidencia atropelamentos de animais silvestres em rodovias tendo com delimitação de estudo o extremo sul e o planalto sul catarinense. Mattia (2016) abordou em seu trabalho traços importantes relacionados ao surgimento das estradas, fazendo uma reflexão interligada a questão ao entorno do desenvolvimento das estradas, pautado no contexto social econômico. As duas rodovias apresentadas no trabalho foram SC-446 que liga a cidade de Criciúma às cidades de Cocal do Sul, Urussanga e Orleans, e a rodovia SC-390 que liga a cidade de Orleans à cidade de São Joaquim. O levantamento de ocorrências neste

trabalho registrou 983 animais silvestres atropelados, o período de análise ocorreu em intervalo de 15 dias entre Agosto de 2014 e Agosto de 2015.

Material e Métodos

Utilizou-se o carro institucional da (UEG) para percorrer o trecho rodoviário entre Itapuranga e Ceres-GO. O percurso entre as cidades é de 70 km, sendo adotada uma velocidade média de 70 Km/h. A visualização dos animais atropelados foi realizada por duas pessoas que ficaram responsáveis em observar os acostamentos e centro da pista de rolamento. O trecho foi percorrido pelo menos uma vez por mês entre os meses de abril a agosto de 2018. Para obtenção de informação do entorno da rodovia foi utilizado o VANT (Veículo Aéreo não tripulado) (Figura 1- Mosaico de Fotos) adquirido pelo Proprojeto/pesquisa.

Figura 1 – Vôo com Vant Phantom 4.



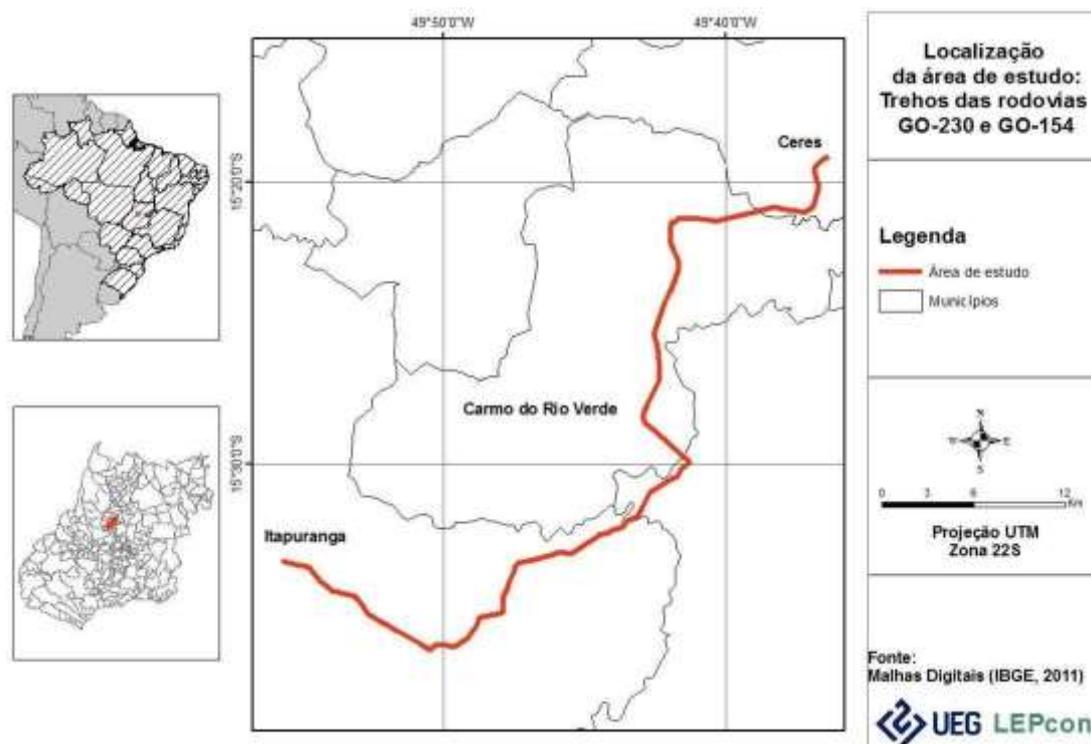
2.1 Tratamento dos dados:

Em laboratório, as cenas foram e estão sendo analisadas para identificação dos diferentes usos da terra (vegetação nativa, agricultura, pastagem e área urbana) ao entorno do local de ocorrência de animal atropelado. Será montado uma mapoteca das cenas obtidas, bem como o tratamento das informações contidas nelas, todas correlacionadas à um ponto geográfico (coordenadas geográficas). Nos trabalhos em campo que foram efetuados, foi utilizado como ferramenta padrão o GPS, sendo de suma importância, pois possibilitou as coordenadas geográficas de localizações específicas de algumas áreas onde se encontravam animais atropelados; Cada dado adquirido foi apresentado em planilha elaborado no

software Excel.

Para elaboração do mapa de uso da terra e cobertura vegetal nativa ao entorno da rodovia, foram adotados os seguintes procedimentos: em ambiente SIG no software Arcgis10, foi feito o traçado da rodovia (área de estudo). O trecho rodoviário amostrado pertence a GO-230 que liga a cidade de Itapuranga-GO à Uruana-GO e GO-154 que liga a cidade de Uruana-GO à Ceres-GO (Figura 2). O trecho corresponde às rodovias estaduais pavimentadas, com pista simples, acostamento em quase toda extensão, porém muito estreito.

Figura 2 – Localização da área de estudo.



Org. REIS (2018)

Resultados e Discussão

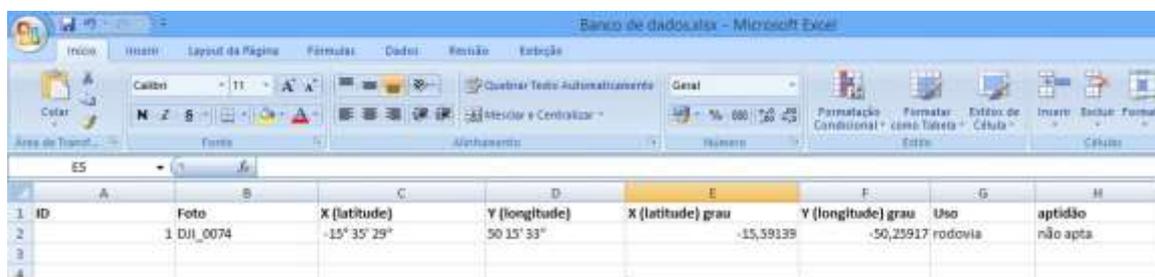
O estudo da distribuição geográfica das espécies (range)³ apresenta dificuldades no que diz respeito aos padrões de mecanismos evolutivos destas por escalas distintas, ou seja, na medida em que a escala de estudo diminui, aumenta a generalização de determinados processos ecológicos. Porém, por meio do estudo de extensas área é possível fazer algumas inferências. Sabe-se que a maior

³ Se designa como uma área ou percurso alcançado aonde foi feita a coleta dos dados trabalhados.

diversidade ecológica encontrase nas regiões tropicais, em função do contexto macroecológico (relação entre o clima e abundância de recursos). Em ecologia de paisagens, o padrão espacial é compreendido por meio da determinação de níveis da paisagem, isto é, a distinção da heterogeneidade do ecossistema que é permitida por meio do detalhamento das informações possibilitadas pelo aumento da escala espacial (REIS, 2016).

Todas as fotos levantadas foram organizadas por meio de um banco de dados (Figura 3). Sabe-se que atualmente existem diversos tipos de tecnologias com diversas finalidades no mercado de trabalho, sendo elas aliadas do homem no seu dia-a-dia, tendo como principal objetivo, suprir as necessidades de que o homem precisa em seus afazeres diários de forma eficiente e rápida. O banco de dados é uma dessas tecnologias que beneficia o homem nas análises espaciais, pois possibilita uma capacidade de armazenamento preciso e um processamento eficaz de dados geográficos, onde por meio de algoritmos é possível fazer cálculos geométricos de áreas e distâncias, tendo como principal exemplo de banco de dados no trabalho a planilha no Excel tendo como simples função, calcular a latitude e longitude de áreas específicas por meio de imagens feitas pelo Vant Phantom 4.

Figura 3 – Exemplo de organização do Banco de dados adotado, no software Excel.



ID	Foto	X (latitude)	Y (longitude)	X (latitude) grau	Y (longitude) grau	Uso	aptidão
1	DJI_0074	-15° 35' 29"	50 15' 33"	-15,59339	-50,25917	rodovia	não apta.
2							
3							
4							

As fotografias aéreas foram interpretadas, considerando a matriz e o fragmento de vegetação nativa. Conceito de matriz e quais os fragmentos de vegetação nativa podem aparecer na área de estudo (mata de galeria, mata ciliar, Cerrado, Cerradão, Campo Sujo, Campo Limpo, Veredas). A figura 4 mostra os produtos

obtidos pelo VANT, e a sua interpretação em laboratório.

Figura 4 – Mosaico de fotos aéreas levantadas em campo.



A) Matriz (Pastagem, núcleo urbano, silvicultura) B) Fragmento de Vegetação Nativa, campo Sujo.

De acordo com o Centro Brasileiro de Estudos em Ecologia de Estradas da Universidade de Lavras (MG), com parceria do Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade, foi publicado em 18 de Agosto de 2014 uma matéria baseada em dados sobre o índice de animais que morrem atropelados por ano nas estradas brasileiras. “A cada segundo 15 animais silvestres morrem atropelados nas rodovias que cortam o Brasil, número que corresponde a 475 milhões de mortes por ano ou a 1,3 milhão por dia” (FRASÃO Gustavo, 2014). Foi apresentado também o índice de quais espécies de animais que mais morrem atropelados nas rodovias brasileiras. Segundo o ICMBIO:

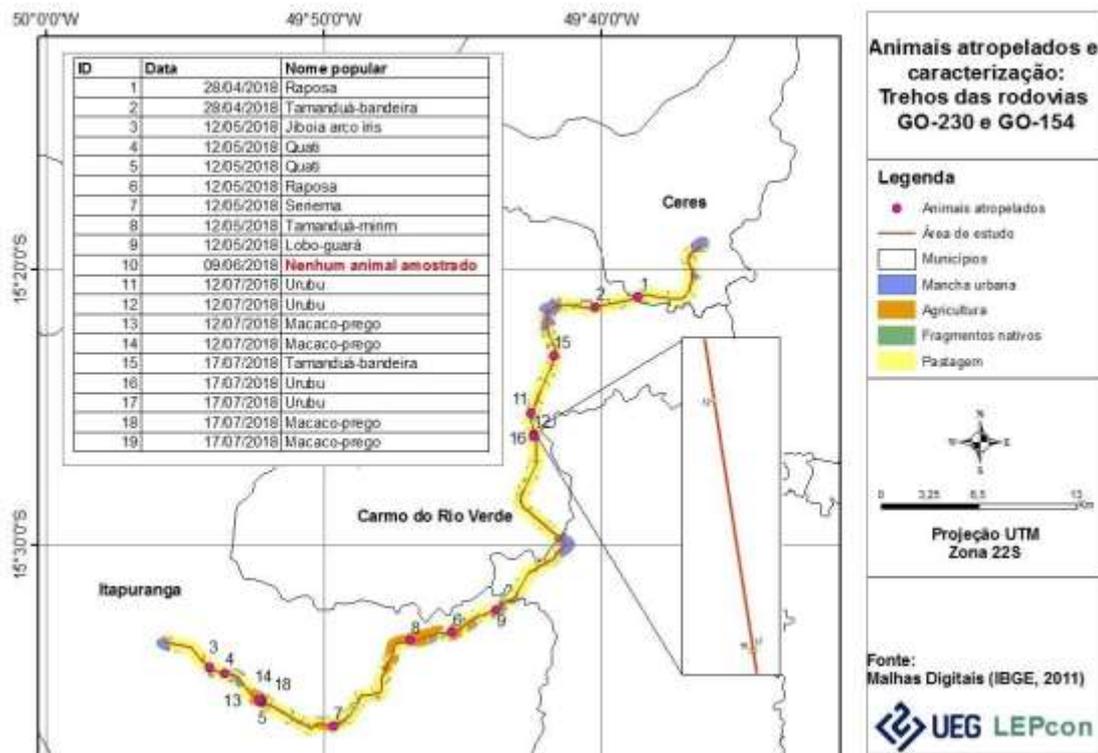
A maior parte dos animais selvagens mortos por atropelamentos são pequenos vertebrados, como sapos, aves e cobras. Todos os anos, cerca de 430 milhões dessas pequenas espécies morrem atropeladas no Brasil. Outros 43 milhões são representados pelos animais de médio porte, como gambás, lebres e macacos. A menor parte, correspondente a dois milhões de mortes, está relacionada aos animais de grande porte, como onças, lobos e capivaras. (FRASÃO, 2014)

Segundo Reis (2016), a malha rodoviária é um risco para a fauna silvestre, e a mesma deve ser percorrida para investigação e ocorrência de animais atropelados. As rodovias se constituem como um problema ecológico, uma vez que contribuem para o processo de desmatamento, propagação de incêndios e de doenças nos habitats de vegetação nativa.

Ao se analisar os componentes da paisagem (estrada e fragmento) é preciso ver e entender o dinamismo que existe nela. O fluxo de veículos pode variar de um local para outro e também a dispersão de animais silvestres. “Neste sentido, conhecer o volume de tráfego de uma rodovia também é importante, pois o fluxo intenso de veículos aumenta a probabilidade do risco de morte para os animais (OLIVEIRA, 2011 apud REIS, 2016, p. 109)”.

O mapa da Figura 3 mostra a relação de animais encontrados na área de estudo bem como a caracterização do entorno das rodovias.

Figura 3 - Mapa de uso da terra e cobertura vegetal nativa do entorno das rodovias estudadas.



Na microrregião de Ceres- GO (área observada), as espécies que foram encontradas atropeladas nas rodovias da região foram: (*Myrmecophaga tridactyla*),

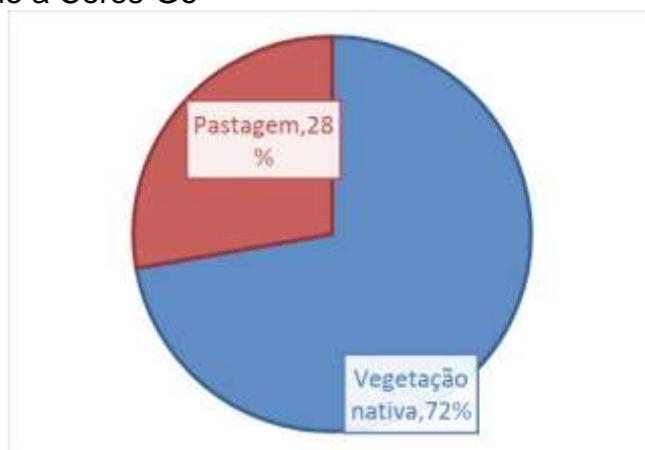
(*Tamandua tetradactyla*), (*Lycalopex vetulus*), (*Eira Barbar*) e (*Nasua nasua*), (*Cariama cristata*), (*Coragyps atratus*), (*Sapajus apela*).

O estudo da paisagem ao entorno das ocorrências de animais atropelados contribuem para compreensão da movimentação destas espécies pela matriz. A teoria da percolação de habitats aponta alguns questionamentos que contribuem na investigação desta relação (fauna-movimentação-matriz):

Neste contexto, alguns questionamentos embasam o campo teórico da investigação em Ecologia de paisagens: Por qual motivo um organismo deixa seu habitat fragmentado e utiliza a matriz como passagem para outro fragmento? Qual é a distância que uma determinada espécie pode atravessar encontrando pelo menos um recurso? Qual é o fator de resistência para os diferentes tipos de matriz? Quais os critérios que fazem com que as espécies permaneçam ou não em um determinado *patch*? (FORERO-MEDINA e VIEIRA, 2007) Existem algumas pesquisas que mostraram que os animais apresentam a capacidade de perceber (*perceptual range*) um habitat à distância (REIS, 2016, p. 83).

O gráfico 1 mostra o padrão espacial da paisagem nos locais onde foram identificadas as ocorrências. Os estudos apontaram que mais de 70 por cento dos animais silvestres atropelados havia fragmentos de vegetação nativa próximos à rodovia.

Gráfico 1 – Padrão espacial do local de ocorrência de animais silvestres atropelados no trecho da rodovia GO-230 e GO-154 que liga Itapuranga-Go a Carmo do Rio Verde a Ceres-Go



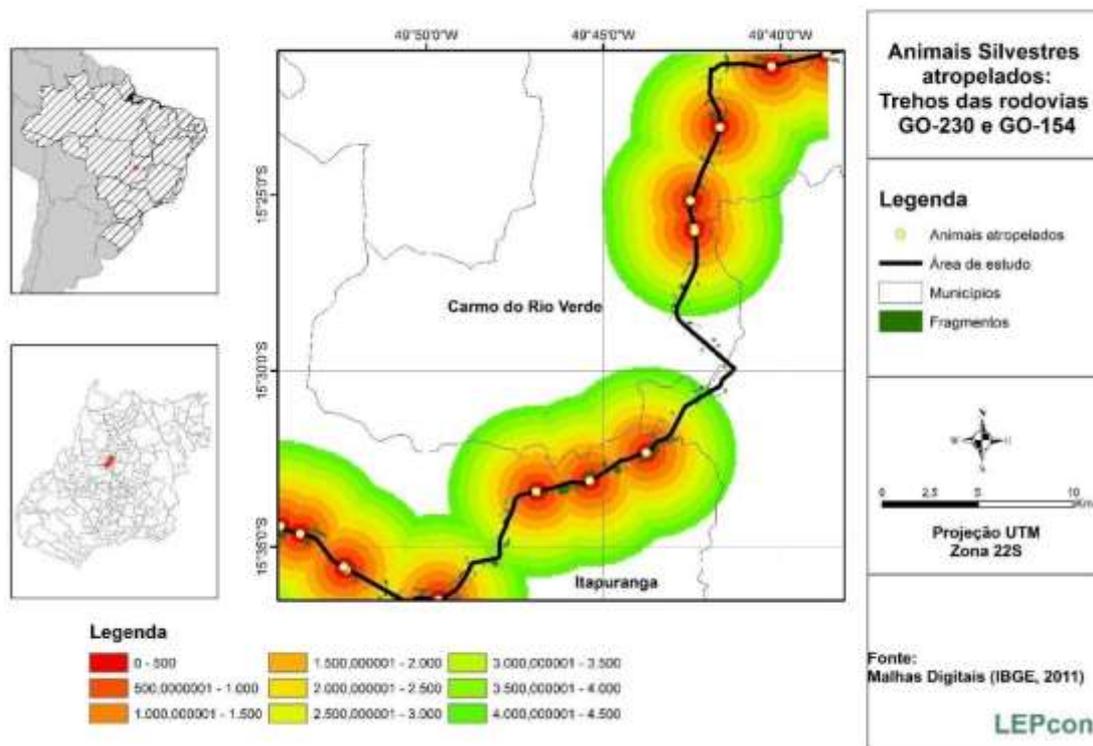
Destaca-se que dependendo da estrutura desta matriz (agricultura, pastagens, campos, áreas urbanas, etc.), a conectividade dos fragmentos pode diminuir e pode aumentar a taxa de mortalidade durante a dispersão. Segundo Taylor et al.

(1993) apud Langone (2007, p. 26), usos semelhantes aos habitats podem ser mais acessíveis para a fauna silvestre, “[...]remanescentes florestais que possuem campos ou banhados como matrizes adjacentes tendem a sofrer maiores alterações do que fragmentos com matrizes representadas por plantações de Pinos ou *Eucalyptus*.” (LANGONE, 2007, p. 26).

Para as espécies de *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758), *Epicrates crassus* (Cope, 1862), *Coendou prehensilis* (Linnaeus, 1758), *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766), *Apostolepis dimidiata* (Jan 1862), todas foram encontradas em regiões que haviam fragmentos de vegetação nativa próximos à rodovia onde foram encontradas as carcaças

Para reforçar o argumento de que existe padrão espacial para a ocorrência de animais silvestres atropelados e que está diretamente ligada com a presença de vegetação nativa próxima a rodovia, a análise espacial da distância euclidiana das ocorrências encontradas em campo demonstra que é possível separar três clusters que possuem relação de vizinhança conforme indica a Figura 4.

Figura 4. Análise espacial da ocorrência de animais atropelados: mapa da distância euclidiana com intervalo de 500 metros.



Enfatiza-se que a consolidação das áreas de preservação permanentes ao longo dos canais de drenagem, na área de estudo, para além da funcionalidade de preservação do recurso hídrico e se constituem como condutoras da fauna silvestre pela paisagem. Isto, é elas servem como corredores ecológicos e que ao serem cortadas por rodovias, exatamente nestes trechos, aumenta-se a probabilidade de ocorrência de animais atropelados.

Considerações Finais

A importância do SIG na compreensão da paisagem no monitoramento de animais atropelados deve ser destacada, pois, utiliza-se de todos instrumentos e ferramentas que geram dados geográficos para representação da paisagem. Sobre as ferramentas utilizadas nos trabalhos de campo tais quais: o GPS, e o Vant Phantom 4, e o smartphone foram importantes para mostrar a dinâmica da área de estudo. Um exemplo disso, é à substituição notável da vegetação nativa por cana e

pastagem.

Depois de tudo que foi coletado nos trabalhos em campo e de todos os problemas observados em cada um deles, pode-se pensar no que seria eficaz para minimizar as mortes dos animais silvestres relacionado ao problema constante de atropelamentos nas rodovias, o ideal no ponto de vista do planejamento ambiental seria a construção planejada de uma infraestrutura adequada nas rodovias, tendo como principal exemplo a construção das chamadas pontes vivas, que interligam um lado ao outro de uma rodovia.

O estudo feito sobre a temática deste trabalho é de essencial importância para minha formação acadêmica, pois cada novo resultado de pesquisa e inúmeros conhecimentos gerados entorno de temáticas antes não vistas e entendidas, possibilitando assim uma ampla visão sobre os problemas analisados. A partir do momento em que passo a pesquisar sobre o meio físico natural construo uma ligação do que já foi ao que é atual e que ainda pode ser, algo totalmente amplo e rico em contextos históricos sobre as transformações ocorrentes na natureza. Minha formação acadêmica está sendo enriquecida, por tantas informações precisas e fundamentais, uma experiência perfeita de evolução do conhecimento.

Referências

BAGATINI, Tathiana. Evolução dos índices de atropelamento de vertebrados silvestres nas rodovias do entorno da estação ecológica Águas Emendadas, DF, Brasil, e eficácia de medidas mitigadoras. 2006. 67 f., il. Dissertação (Mestrado em Ecologia)-Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BECKMANN, J.O.; CLEVENGER, A.P.; HUIJSER, M.P. & HILTY, J.A. **Safe passages - Highways, wildlife, and habitat connectivity**. Island Press, 396 p. 2010.

COFFIN, A. W. **From roadkill to road ecology**: a review of the ecological effects of roads. Journal of Transport Geography, London, v. 15, p. 396-406, 2007.

DA SILVA OLIVEIRA, Daniela; MARTINS DA SILVA, Valeska. Vertebrados

silvestres atropelados na BR 158, RS, Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p.

229-235, set. 2012. ISSN 2175-7925. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2012v25n4p229>>.

Acesso em: 13 set. 2019.
doi:<https://doi.org/10.5007/21757925.2012v25n4p229>.

FORMAN, R.T.T; SPERLING, D; BISSONETTE, J.A; CLEVINGER, A.P; CUTSHALL, C.D; DALE, V.H; FAHRIG, L; FRANCE, R; GOLDMAN, C.R; HEANUE, K; JONES, J.A; SWANSON, F.J; TURRENTINE, T; WINTER, T.C. **Road ecology: science and solutions**. Island Press, Washington. 2003.

HEGEL, Carla Grasielle Zanin. Mamíferos silvestres atropelados na rodovia rs-135 e entorno. **Biotemas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 165-170, jan. 2012. ISSN 2175-7925. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/21757925.2012v25n2p165>>. Acesso em: 13 set. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/21757925.2012v25n2p165>.

LAURANCE, W. F.; GOOSEM, M.; LAURANCE, S. **Impacts of roads and linear clearings on tropical forests**. Trends in Ecology and Evolution, London, v. 24, n. 12, p. 659-669, 2009.

LINS, Gustavo Aveiro; BEZERRA, Luiz Gustavo Escórcio.; MORA, Maurício Jorge Pereira da; BARBOSA, Oscar-Rocha; ALMEIDA, Josimar Ribeiro. A Ecologia de estrada sob a ótica do licenciamento ambiental. **Revista SUSTINERE**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 152-159, jul-dez, 2015.

MARTIN, Cristiane Fonseca. **Monitoramento de fauna silvestre atropelada no entorno da estação ecológica de Carijós**. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Agrárias. Curso de Zootecnia. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/159995>>. set. 2019.

PRACUCCI, André; ALVES DA ROSA, Clarissa; BAGER, Alex. Variação sazonal da fauna selvagem atropelada na rodovia MG 354, Sul de Minas Gerais – Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-79, nov. 2011. ISSN 2175-7925. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/21757925.2012v25n1p73>>. Acesso em: 13 set. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/21757925.2012v25n1p73>.

SASSI, C.M. et al . Levantamento de animais silvestres atropelados em trecho da rodovia BR482. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, Belo Horizonte , v. 65, n. 6, p. 1883-1886, Dec. 2013 . Available from

VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010209352013000600041&lng=en&nrm=iso>. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-09352013000600041>> Acesso em set. 2019.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

A noção de tempo na criança: do individual para o social.

Isabella Crystina Sabath Miranda¹ (IC)*, Jadir Gonçalves Rodrigues² (PQ), Milena de Souza Barbosa³ (IC).

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, campus Formosa, e bolsista PIBIC/UEG/CNPq. E-mail: isabellasabatahgb@gmail.com

² Professor Dr. Efetivo na Universidade Estadual de Goiás, campus Formosa.

³ Graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, campus Formosa, e bolsista PIBIC/UEG/CNPq.

Resumo: Este estudo objetiva reconhecer, compreender e analisar a passagem da noção de tempo individual para a noção de tempo social, de maneira que os aprendizes considerem a simetria entre o eu, individual e o nós, social. A pesquisa é de natureza etnográfica, apoiado no método clínico. A investigação foi executada durante duas intervenções, em uma escola pública de Formosa – GO, no qual participaram 13 crianças, meninos e meninas, estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de quatro e dez anos de idade. Teve-se como instrumento, imagens distintas que representavam as possíveis ações das crianças no dia a dia, buscando a construção da noção de tempo social. Ao decorrer da atividade desenvolvida, foi notório através das respostas e dos comportamentos, os diferentes processos de pensamento de cada criança, mesmo aquelas que possuíam a mesma idade, constatando assim a necessidade de considerar o meio escolar e os ambientes sociais em que as mesmas estão inseridas.

Palavras-chave: Anos iniciais. Ensino de história. Egocentrismo. Tempo histórico.

Introdução

O historiador Hobs-Bawn, de acordo com Pinsky (2007), afirma que ser integrante da comunidade humana, alude a encontrar-se com seu passado, sendo esse uma dimensão infindável da consciência humana, um componente intrínseco dos preceitos, instituições e padrões da sociedade.

Seguindo essa linha de raciocínio, cada estudante precisa identificar-se como sujeito histórico e, para que isso aconteça, torna-se indispensável conhecer as realizações dos antepassados para que, mediante isso, o sistema social seja constantemente retrabalhado e reordenado. A humanização dos indivíduos significa

REALIZAÇÃO

percebê-lo em sua organização social de produção, mas também no conteúdo específico dessa produção (PINSKY, 2007).

Seria irrelevante falar sobre o tempo sem relacionar as diversas formas de organização do universo, na competência de procurar estruturar as séries temporais que a criança elabora, pois esta consciência do tempo não se manifesta em relação às formas de comportamentos isoláveis.

Verifica-se que, a partir da inteligência sensório-motora, o tempo supera necessariamente a ideia de duração genuína e que, embora essa duração esteja na originalidade do tempo, jamais se tornaria temporal sem uma espacialização e uma objetivação em confluência com toda a atividade intelectual, pois a série temporal se configura em dados observados e ordenados segundo parâmetro de tempo e com dependência serial (PIAGET, 2011).

Para Prigogine e Stengers (1997, p. 211), o sujeito apresenta-se constituído por uma “pluralidade de tempos, ramificados uns nos outros segundo, articulações sutis e múltiplas. A história, seja a de um ser vivo ou de uma sociedade, não poderá nunca ser reduzida à simplicidade monótona de tempo único [...]”. Nesse sentido, de acordo com a BNCC (2017, p. 402), desde os anos iniciais deve se considerar que:

Há uma ampliação de escala e de percepção, mas o que se busca, de início, é o conhecimento de si, das referências imediatas do círculo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade. Em seguida, por meio da relação diferenciada entre sujeitos e objetos, é possível separar o “Eu” do “Outro”. Esse é o ponto de partida.

Dessa forma, Fermiano e Santos (2014) destacam a importância de que os docentes compreendam as fases pelas quais as crianças percorrem, para que possam abordar de forma apropriada conteúdos sobre o tempo, visto que a familiarização sobre a variedade de temporalidades históricas acontece paulatinamente a frente as oportunidades para a construção das mesmas.

É nesse sentido que Freire (1967) salienta que o indivíduo necessita existir e viver no mundo, de maneira a reconhecer que vai além de estar nele, mas também, modificá-lo mediante ações, descobrindo assim, sua temporalidade, ou seja, compreendendo o ontem, reconhecendo o hoje e descobrindo o amanhã.

Material e Métodos

Na busca de reconhecer, compreender e analisar a passagem da noção de tempo individual para a noção de tempo social, de maneira que os aprendizes considerem a simetria entre o eu, individual e o nós, social, a investigação ocorreu em duas intervenções, em uma escola pública de Formosa, Goiás.

Participaram 13 crianças, meninos e meninas, estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária entre quatro e dez anos de idade. Como instrumento, foram utilizadas imagens distintas que representavam as possíveis ações das crianças no dia a dia, buscando verificar a percepção que essas crianças tinham sobre a participação de outras pessoas em sua rotina.

A pesquisa, de cunho etnográfico, teve delineamento no método clínico de Piaget, respaldado num instrumento dialético aberto com a criança, onde procurou-se compreender suas ideias e comportamentos por meio de questionamentos.

Para a intervenção foi selecionada uma atividade, adaptada de Melo, Castro, Dias, Mello, Rodrigues, Fontes e Moura (2017). Essa atividade permite verificar e refletir com precisão sobre a noção de tempo individual para a noção de tempo social.

Para avaliar os estágios que compreendem a passagem da noção de tempo individual para a noção do tempo social, foram construídos com base em Piaget (2010, 2011), quatro níveis. São eles:

NÍVEL I - Prende sua fala em um determinado evento social. Não envolve sobre si. Não envolve ninguém em sua fala.

NÍVEL II - Começa a incluir a participação de outras pessoas nos eventos diários.

NÍVEL III - Além de inserir outras pessoas em suas narrativas, começa a perceber o sentimento dessas, mas sempre relacionando esses sentimentos a si mesmo.

NÍVEL IV - Inclui pessoas, seus sentimentos particulares fora do eu do narrador e considera o passado das outras pessoas.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO

Na primeira intervenção, foi notória a dificuldade pela maior parte dos entrevistados em seguir uma sequência lógica em suas ações do dia a dia mediante as imagens e incluir o seu grupo de convivência em suas respostas. No segundo dia de intervenção, a atividade foi realizada com um grupo de crianças diferentes, e foi percebido na maioria dos aprendizes, a facilidade de incluir o seu grupo social e levar em consideração as necessidades do outro.

A tabela abaixo apresenta os participantes, bem como sua faixa etária e os níveis de compreensão temporal em que cada um se encontra.

NOME	IDADE	NÍVEL
I	4	3
E	5	1
MS	5	3
C	6	2
I	6	2
AJ	7	2
CG	7	2
AP	8	2
N	8	4
ALs	9	2
ALz	9	3
AC	10	4
A	10	2

A criança E (5 anos), foi a única que demonstrou uma conduta totalmente egocêntrica, se enquadrando no nível I. Ao ser questionada sobre suas atividades diárias, restringia sua resposta em “eu desenho”. Ainda se encontra numa compreensão individual do tempo, resumindo seu dia em práticas centradas em



seus próprios interesses, não incorporando outras pessoas em sua narrativa. Esse comportamento não é surpreendente.

De acordo com os estudos feitos por Piaget (2009, p. 26), durante a primeira infância, dos dois aos seis anos, as crianças resumem suas conversações nas “ações materiais propriamente ditas”. Por conseguinte, não conseguem ponderar sobre suas atividades diárias, se limitando puramente aos fatos ocorridos, não considerando as condições e os personagens subjacentes à sua rotina.

As crianças C e I de seis anos, CG e AJ de sete anos, AP de oito anos e A de dez anos, também se posicionaram de maneira egocêntrica. Entretanto, já consideram em suas narrativas, a presença de outras pessoas no seu dia a dia, o que as situam num segundo nível.

Com relação a adaptações às novas realidades, Piaget (2009, p.28) salienta que o sujeito descobre e constrói pouco a pouco e, “deve começar por uma incorporação laboriosa dos dados ao seu eu e à sua atividade; esta assimilação egocêntrica caracteriza tanto início do pensamento da criança como o da socialização”.

Contudo, a inserção de outros em sua fala, não implica diretamente no significado de suas atividades, ou seja, as demais pessoas são incluídas como participantes de alguns momentos, atuando como coadjuvantes no cenário montado e atuado pela criança, ainda de acordo com seus próprios interesses. Nesse momento, a criança dá um largo passo rumo à compreensão do tempo social, porém, ainda se encontra no tempo individual.

Piaget (2009, p. 41) afirma que na segunda infância, dos sete aos doze anos, ocorre um grande avanço na capacidade de socialização. O egocentrismo, característico da fase anterior, vai sendo atenuado paulatinamente, culminando no que por ele é chamado de “duplo progresso: concentração individual, quando o sujeito trabalha sozinho e colaboração efetiva, quando há vida comum”.

Nesse sentido, é possível observar certa disparidade no que se refere à idade das crianças citadas acima, considerando que todas se posicionaram de maneira semelhante. Isso se dá, ao considerar que cada ser humano se encontra em relação a outros seres humanos, os quais atribui-se como referência de

comportamentos, na busca da construção de uma identidade social (PANTEADO, 1992).

A partir desse ponto de vista, crianças que possuem maior interação com sua família tendem a evoluir mais rápido para o tempo social. Segundo Nelson (2017), é nos momentos de partilha de histórias de vida que a criança percebe o outro, sendo assim, as conversações dentro do ambiente familiar formam a base para que a criança compreenda que sua história se entrelaça com a história de outros.

Fermiano & Santos (2014, p. 33) afirmam que “toda experiência que envolve oportunidades de ouvir narrativas pessoais sobre outras épocas contribui para que a criança relacione os fatos de sua própria vida com o passado não vivido por ela.” Isso é fundamental para o desenvolvimento da noção de tempo social, que parte da capacidade da criança em reconhecer que o passado de outras pessoas interfere em seu presente e em seu futuro.

Nesse sentido, a aprendiz I, de seis anos, também no nível II e ainda com o pensamento egocêntrico muito marcante, retrata uma rotina solitária. Questionada sobre suas atividades ao chegar da escola, ela diz: “Eu estudo primeiro”, explicando que o fazia com sua colega Emanuele. Continua: “Chego em casa e estudo, aí depois eu assisto um pouco de tv”, apresentando como companhia sua babá. Completa sua rotina com: “Tomo um banho, almoço e vou dormir”. I possui um irmão, mas não residem na mesma casa. Ela mora com sua

Seguindo para uma compreensão ainda mais avançada, no nível III algumas crianças são capazes de perceber os sentimentos alheios bem como atribuir-lhes significado, os incorporando em suas atividades diárias. No entanto, o sentimento percebido no outro estará sempre voltado a si mesmo. Apresentadas as imagens para A Lz, nove anos, ficou clara sua percepção frente aos sentimentos do outro, ao falar que seus amigos gostavam de brincar de pular corda, mas que sua atividade de preferência era brincar de pique pegue.

O I (4 anos), ao falar: “Eu brinco com minha cachorra. Ela gosta de mim, de brincar”, torna evidente a colocação dos sentimentos do seu animal de estimação, juntamente com seu afeto pelo mesmo. Quando solicitado pela acadêmica que, M.S

(5 anos) organizasse o seu dia em um dia de domingo, então ela apontou para a imagem de brincadeiras, sendo perguntado pela pesquisadora com quem que ela iria brincar, então ela respondeu: “Com o Vitor, ele gosta de brincar comigo”, levando em consideração a afeição do seu irmão para com ela.

Com base em Nelson (2017), a criança conquista um sentido de continuidade e de descontinuidade do tempo, de maneira que ordenam sequências de ação para construir um todo que pode ser compartilhado com outra pessoa. Elas aprendem a ouvir versão do outro para um mesmo acontecimento e, assim percebem os distintos posicionamentos de uma situação. Quando é capaz de reconhecer a influência dos outros em suas ações diárias significa que superaram o pensamento individual, se encontrando numa concepção social do tempo caracterizada pelo nível IV.

Ao questionar AC (10 anos) sobre como seria seu dia em um domingo, ela responde que iria “no Laguinho do Vovô, é o lugar mais especial da minha mãe [...] porque foi lá que ela encontrou o marido dela”. AC tem alguns irmãos e compartilha a história de sua família, levando em consideração as ações de sua mãe no passado e como essas levaram ao presente. Essa é uma compreensão de tempo que parte da ação coletiva, portanto, evidentemente social.

N (8 anos), também no nível IV, inclui seu irmão em grande parte de suas atividades. Foi perguntado a ela sobre qual brincadeira costuma brincar, ela responde “pique esconde e pique pegue” mas quando questionada sobre quem gosta dessa brincadeira, ela afirma “meu irmão”. Em toda sua narrativa, ela insere os personagens de sua família como parte integrante de suas ações diárias, interferindo diretamente no sentido das mesmas.

As narrativas de histórias de vida, constroem uma coerência na ordem, a partir de pequenos pedaços de experiências. Situar essas histórias em locais temporais e culturais específicos, fornecem um registro ordenado através do espaço de vida temporal da pessoa, desde o seu nascimento ao um futuro incerto. O “eu” desenvolve-se em colaboração com a família, discentes e colegas que compartilham seu mundo cultural, assim como suas experiências pessoais.

Com isso, a escola apresenta-se também como um papel norteador para



que ocorra a vivência organizada das relações escolares, a exploração e uso organizado do espaço escolar, a introdução à contagem do tempo cronológico e o desenvolvimento dos conceitos de natureza e cultura, formando condições internas de aprendizagem facilitadoras, para que assim as crianças em suas narrativas, possam considerar todas as perspectivas e sentimentos do seu grupo social.

Considerações Finais

Para Jean Piaget (1946) “compreender o tempo é libertar-se do presente”, nesse sentido, exige a atividade reflexiva de analisar o passado como um processo contínuo que segue definindo o presente e pressupondo o futuro. No entanto, só é possível libertar-se do presente quando se desprende do eu individual.

A criança pré-operatória ainda não possui a capacidade de reverter seu pensamento, o que a torna pouco capaz de compreender a influência do passado no presente. Junto a isso, o egocentrismo marcante dificulta ainda mais o processo de reconhecimento do outro como agente transformador de seu cotidiano. Partindo desse pressuposto, a criança no estágio operatório, capaz de realizar ações mentais reversivas e superando o pensamento egocêntrico, já é capaz de voltar-se ao passado e ao outro considerando assim sua influência no presente.

No entanto, a partir deste estudo, percebeu-se que para que a criança amplie sua percepção dos acontecimentos do ponto de vista individual para o social é necessário, além da maturação cognitiva e superação do egocentrismo que ocorre de maneira linear, a cooperação com os grupos sociais nos quais está inserida. Nesse aspecto, é possível ultrapassar as barreiras do pensamento egocêntrico (individual) ainda que precocemente desde que o ambiente proporcione meios de interação social. Da mesma maneira, a falta de estímulos pode ser decisiva e limitante no processo de socialização.

Nesses termos, é fundamental que dentro da instituição escolar sejam propostas atividades que estimulem a criança a refletir sobre si mesma e sobre os outros, visando sempre a superação do egocentrismo, o que permitirá a melhor compreensão do tempo histórico e inserção efetiva no pensamento social.

Agradecimentos

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

Sou grata a Deus, pela força que tem me dado na concretização de meus objetivos. Ao professor Jadir, pela orientação e incentivo que possibilitaram a conclusão deste. À Milena Barbosa, pela parceria e carinho. Ao CNPq e UEG pela oportunidade de expandir meus conhecimentos adentrando ao universo da pesquisa científica. A todos estes, meu sincero agradecimento.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2016.

FERMIANO, M.; SANTOS, M. **Ensino de história para o fundamental 1: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação com Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. n. 1405. 1967.

MELO, A. G.; CASTRO, E. F.; DIAS, E. P.; MELLO, E. R.; RODRIGUES, J. G.; FONTES, L. M.; MOURA, M. L. **A passagem da noção do tempo individual para o social**. Prêmio Rubens Murillo Marques 2017: Experiências docentes em licenciaturas / Fundação Carlos Chagas. Pp. 202-213. São Paulo: FCC, 2017.

NELSON, K. **Narrativa, tempo e surgimento do self enculturado**. In: EISENBERG, Z; STOBÄUS, L. C; LYRA, J. T; PAPADOPOULOS C. R. Temas em desenvolvimento humano e educação. – Curitiba: CRV, 2017.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 4. ed. São Paulo: LTC, 2010.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla, KARNAL. **O que e como ensinar: Por uma história prazerosa e consequente**. In: Leandro (org.). História em sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**: metamorfose da ciência.
Brasília: Editora Universidade de Brasília., 1997.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



ANÁPOLIS EM MAPAS: FORMAÇÃO DE UM BANCO DE DADOS GEORREFERENCIADO DE ELEMENTOS DO MEIO FÍSICO

Rafaela de Paula Oliveira¹ (IC), Matheus Rodrigues Camargo² (IC), Pedro Alcântara Cavalcante Neto³ (IC), Kesia Rodrigues dos Santos⁴ (PQ).

¹ Bolsista de Iniciação Científica (UEG). Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. E-mail: rafaeladepaula03@gmail.com

² Bolsista de Iniciação Científica (UEG). Graduando em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. E-mail: camargo.aco.98@gmail.com

³ Bolsista Voluntário de Iniciação Científica (UEG). Graduando em Sistemas de Informação, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Exatas e tecnológicas - Henrique Santillo. E-mail: pedroacn96@gmail.com

⁴ Professora Doutora do Curso de Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Orientadora do projeto. E-mail: k2r3s4@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho trata da criação de um banco de dados georreferenciado sobre o meio físico de Anápolis e é parte integrante da pesquisa Anápolis em Mapas: do século XIX aos dias atuais. Esta etapa apresenta como foi elaborado a sistematização de alguns dados georreferenciados da cidade de Anápolis utilizando de meios digitais para coletar os arquivos que contribuem para a criação das representações gráficas – neste caso, os mapas – da cidade goiana. O tratamento dos arquivos baixados são feitos a partir dos sistemas de informações geográficas - SIG, através de um dos componentes de software livre de geoprocessamento, que possibilita trabalhar com os diferentes formatos de dados encontrados nos meios digitais. O objetivo atribuído a esse momento do projeto reflete de forma significativa na sua execução como um todo, há fatores que justificam sua relevância como a otimização de tempo, para a elaboração de mapas, a facilidade em encontrar os dados que são necessários a estudos diversos, sem contar que podem ser usados não só para o projeto em desenvolvimento mas sim para futuros projetos que envolva essa temática como pesquisa. Para o encaminhamento desta pesquisa fez-se necessário o estudo bibliográfico, documental e cartográfico em documentos históricos, além do mapeamento de dados do meio físico.

Palavras-chave: Cartografia. Georreferenciamento. Sistematização de dados. Mapas digitais.

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Introdução

Este projeto de pesquisa buscou sistematizar através de pesquisas bibliográficas, documental e cartográfica, a criação de uma base de dados georreferenciada voltada a cidade de Anápolis. Para a manipulação desses dados é utilizado do Geoprocessamento, ferramentas conhecidas como SIG, que segundo CÂMARA e ORTIZ (1998) que são entendidas por um conjunto de componentes especializados em adquirir, armazenar, recuperar, transformar e emitir informações espaciais.

Todo local físico ou virtual, onde estão armazenados dados, pode em certo sentido, ser chamado de banco de dados. Assim, uma enciclopédia pode ser considerada um banco de dados. Nos mais diversos ramos de atividades, desde locadoras até grandes indústrias usam-se deste tipo de base para ter um maior controle sobre o cadastro de clientes, por exemplo (MEDEIROS, 2009). No caso dessa pesquisa, o banco de dados é digital.

O geoprocessamento é de suma importância no que diz respeito a análise de informações espaciais, pois descreve dados e objetos através de coordenadas geográficas e trabalha suas informações através das relações topológicas (CÂMARA; ORTIZ, 1998). Os produtos cartográficos disponíveis para análise são registros de suma importância para a visualização e compreensão de processos que dizem respeito as movimentações espaciais de uma dada malha. No entanto, muitos destes estão em condições pouco favoráveis e/ou acessíveis para que possam ser trabalhados. De acordo com Medeiros (2009):

Para se ter controle das informações sobre um determinado lugar, faz se necessário que elas estejam reunidas em um local de fácil acesso ao usuário. Entretanto em relação aos dados geográficos não é isso o que ocorre, pelo menos na maioria dos casos (MEDEIROS, 2009).

Nestes casos, faz-se necessário uma reformulação do material já disponível com apoio das novas tecnologias, para que se torne legível, compreensível e de fácil



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



acesso para o estudo dos mesmos ou qualquer outro interesse que possam ser utilizados.

Sendo assim, com a conclusão do projeto, será possível por meio dos resultados, auxiliar futuras pesquisas que envolva a cidade de Anápolis nessas temáticas, como consequência otimizando o tempo para a produção dessas pesquisas

Material e Métodos

Para conduzir esta metodologia de compilação de dados digitais cartografáveis, tem-se como base o método de análise ambiental proposto por Xavier da Silva (1993) que abrange uma proposta de Sistema de Análise Geoambiental, que pode levar também a uma reflexão sobre o material compilado e não simplesmente a uma acumulação de dados. Dentro deste método, analisa-se os impactos como decorrências do meio físico e dos processos e dinamismos nele existentes através do tempo. Este estudo analítico se dá por meio de dados e informações temporais registradas mediante a ocorrência de fenômenos – sociais, ambientais ou de qualquer outra natureza que, diretamente, afeta o comportamento ou a estrutura espacial a ser analisada. São esses dados e informações que são diretamente o objeto de estudo da presente contribuição.

O desenvolvimento do trabalho ocorreu a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, levantamento e análise documental, utilização de ferramentas de geoprocessamento e montagem do banco de dados.

A pesquisa bibliográfica consistiu no levantamento e análise de referências básicas acerca do tema banco de dados e modelos de organização de dados. Esse levantamento foi realizado em livros, artigos, sites e cursos. O levantamento documental ocorreu, prioritariamente, em sites de órgãos governamentais e acadêmicos que abrigam informações sobre o município de Anápolis, dentre eles o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o IMB (Instituto Mauro Borges).

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



A análise dos dados levantados levou em consideração entre outros elementos, a qualidade do dado, a data de produção e a importância do dado para a elaboração de representações cartográficas e a fundamentação de análises espaciais. A montagem do banco de dados foi realizada após definidas as etapas anteriores. Como parte do projeto ao qual esse trabalho pertence os dados compilados serão utilizados em pesquisas diversas.

Resultados e Discussão

O resultado deste trabalho é a inserção de alguns mapas referentes ao meio físico, com diversas temáticas, no banco de dados georreferenciado que foi elaborado. O produto final da pesquisa, a qual esse trabalho se integra, foi a construção de um banco de dados sobre Anápolis, que auxiliará em pesquisas futuras, tanto no âmbito acadêmico quanto político-administrativo. Tal banco de dados auxiliará, ainda, na otimização do tempo de realização de diversos tipos de pesquisas, ações e produções cuja temática envolva Anápolis.

A sistematização das bases de dados georreferenciadas, é distribuída em pastas como já citado acima, onde os nomes dos arquivos correspondem ao assunto que ele pertence, são encontrados e baixados em meio digital.

Dentre os arquivos já obtidos destacamos a utilização de bases cartográficas de dois sites que disponibilizam gratuitamente esse tipo material, o site do SIEG - Sistema Estadual de Geoinformação, e o site do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A partir dessa base os mapas temáticos foram elaborados, alguns deles apresentados a seguir.

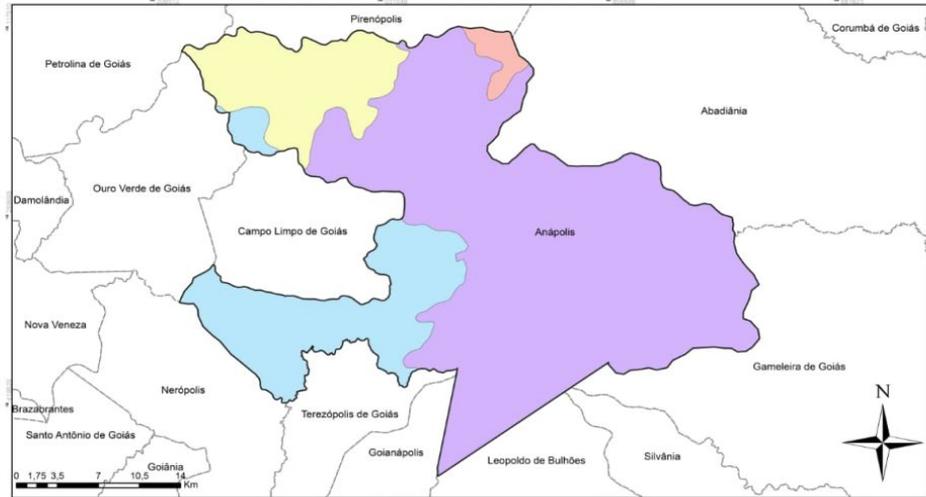
Imagem 1: Geomorfologia de Anápolis (GO)

REALIZAÇÃO





GEMORFOLOGIA DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS



- Legenda:**
- Superfície Regional de Aplainamento com cotas entre 900 e 1100 m, com dissecação forte, desenvolvida sobre rochas pre-cambrianas
 - Superfície Regional de Aplainamento com cotas entre 900 e 1100 m, com dissecação média, desenvolvida sobre rochas pre-cambrianas
 - Zona de Erosão Recuante com dissecação forte
 - Zona de Erosão Recuante com dissecação forte, erosionando predominantemente a SRAIIA
 - Município de Anápolis-GO
 - Estado de Goiás

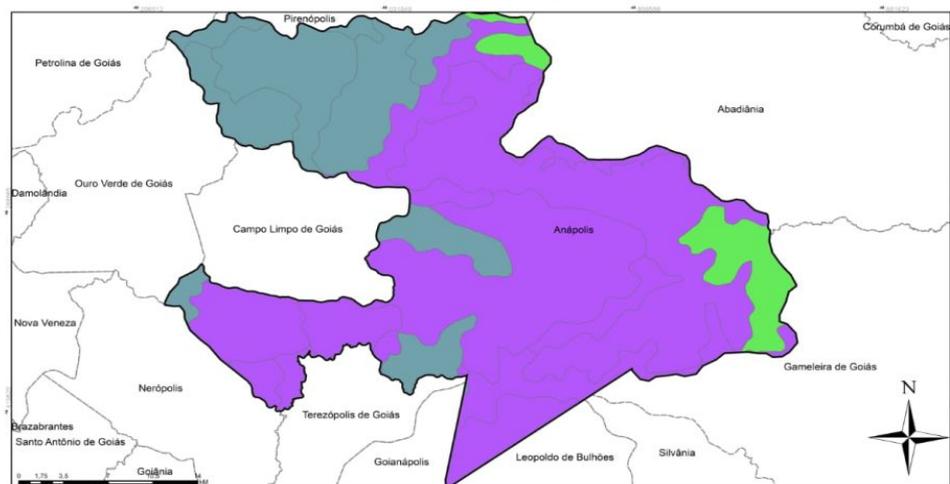
Base Cartográfica: SIEG-GO

Cartografia Digital: OLIVEIRA, M.A.C

Fonte: Projeto Anápolis em Mapas

Imagem 2: Pedologia de Anápolis (GO)

SOLOS NO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS



- Legenda:**
- Argissolos
 - Latossolos
 - Neossolos
 - Município de Anápolis-GO
 - Estado de Goiás

Base Cartográfica: SIEG-GO

Cartografia Digital: OLIVEIRA, M.A.C

REALIZAÇÃO

Fonte: Projeto Anápolis em Mapas.

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

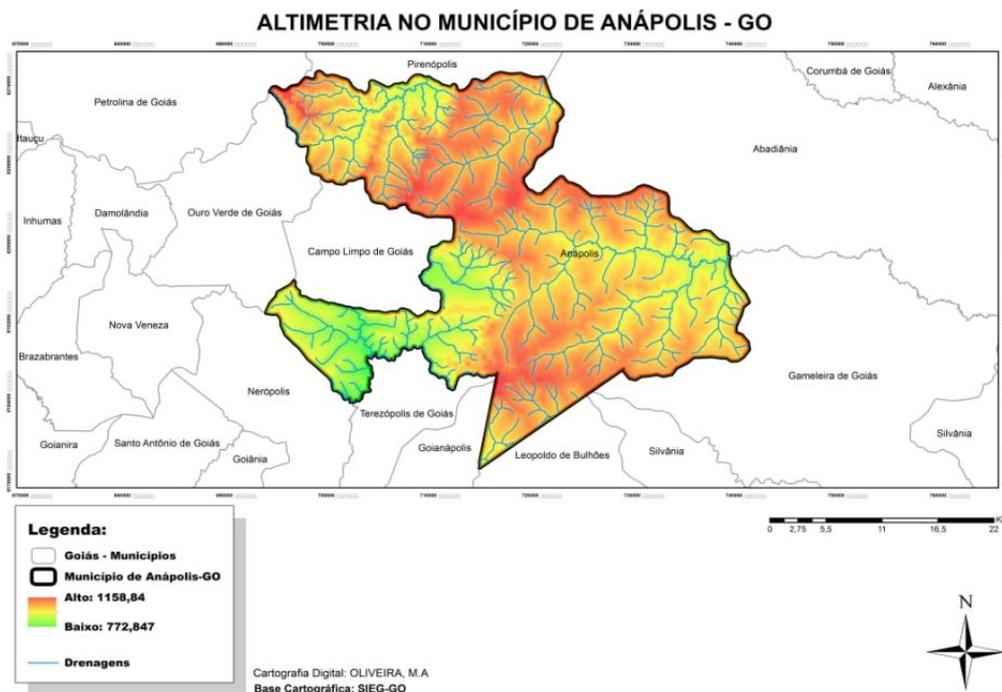
PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Imagem 3: Altimetria de Anápolis (GO)



Fonte: Projeto Anápolis em Mapas.

Estes mapas são exemplos dos produtos produzidos pelo Projeto Anápolis em Mapas, vinculado ao curso de Geografia da UEG.

A imagem 1 representa o mapa geomorfológico do município de Anápolis por meio da visualização cartográfica.

A imagem 2 é um exemplo de apresentação da distribuição dos solos que são encontrados na região de Anápolis, estudo este que pode servir não somente a geógrafos, mas toda a comunidade científica que necessite desta base de dados pedológicos atualizadas para seus eventuais projetos.

A imagem 3 demonstra um mapa hipsométrico do município de Anápolis que apresenta a distribuição das altitudes.

Todos os materiais encontrados nos meios digitais que fazem parte da área de abrangência do projeto de pesquisa, foram armazenados em pastas dispostas em uma só memória. A escolha do arquivo que precisa ser baixado é feita de acordo com o que a elaboração da representação cartográfica necessita, e todo esse processo é trabalhado no ambiente SIG (Sistemas de Informação Geográfica).

REALIZAÇÃO



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



As informações apresentadas representam parte do resultado da criação de uma base de dados georreferenciados, parte de como seu desenvolvimento foi sendo consolidado e os resultados alcançados durante essa execução ao final do trabalho, resultando em um ambiente SIG organizado com as bases cartográficas necessárias.

Considerações Finais

É dever do pesquisador tornar seu trabalho útil não somente ao meio acadêmico, como também para toda a sociedade. E é nesse sentido que a base de dados georreferenciados faz-se necessária para que a informação, a partir dela, possa ser encontrada de maneira mais acessível e clara, colaborando para demais outras pesquisas e pesquisadores anapolinos – ou não – que tenham interesse ou necessidade de informações socioespaciais, geomorfológicas ou político-econômicas sobre a cidade. Nesse caso específico de informações referentes ao meio físico.

A partir da finalização do projeto e de seus produtos, sejam banco de dados ou mapas compilados e organizados, poderão se realizar análises com mais respaldo sobre questões que tangem sua expressividade regional a partir do século XX até os dias atuais. E muito embora seja estabelecido um marco temporal para que o projeto se finde, seu material, ainda assim, poderá continuar sendo atualizado e melhorado.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás, pela oportunidade de produzir e desenvolver o Projeto Anápolis em Mapas que, hoje, julgamos de suma importância não somente para o curso de Geografia, mas para toda a comunidade civil e científica.

Referências

CÂMARA, G.; ORTIZ, M. J. 1998. Sistemas de Informações Geográficas para Aplicações Ambientais e Cadastrais: Uma Visão Geral. In: XXVII Congresso

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



Brasileiro de Engenharia Agrícola. (Org.). **Cartografia, Sensoriamento e Geoprocessamento**. 1 ed. Lavras-MG: UFLA/SBEA, 1998, v. 001, p. 01-236

MEDEIROS, A.M. L. **Curso de Introdução ao uso de Geotecnologias Livres**, 2009, João Pessoa.

XAVIER DA SILVA, J. Geomorfologia e Geoprocessamento. In: **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. GUERRA, A.J.T. e CUNHA, S. B. (orgs.). Rio de Janeiro:

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



(ANTI)MODERNIDADE E O MOVIMENTO CATÓLICO ULTRAMONTANO

Sabrina Iachinski

Estudante (IC-EM), bolsista CNPq.
sabrinaiachinski@gmail.com

Com o crescente avanço da industrialização e da ciência na Europa durante o século XIX, a Igreja Católica se viu cada vez mais encurralada para um território desconhecido, onde já não mais detinha o mesmo controle sobre os diversos ramos da sociedade do qual dispusera nos séculos anteriores. Diante disso, a Igreja tomou uma série de atitudes para lidar com essa consolidação da modernidade na Europa, bem como suas variantes, e foi justamente nesse período, que o movimento ultramontano ganhou força e destaque. Em face disso, a proposta da presente comunicação é discutir o movimento católico ultramontano do século XIX como resposta à modernidade em consolidação, com foco especial em seu aspecto antimoderno e sua peleja contra o mundo moderno.

Palavras-chave: Igreja Católica. Modernidade. Goiás.

Introdução

Com o crescente avanço da industrialização e da ciência na Europa durante o século XIX, a Igreja Católica se viu cada vez mais encurralada para um território desconhecido, onde já não mais detinha o mesmo controle sobre os diversos ramos da sociedade dos quais dispusera nos séculos anteriores. Diante disso, a Igreja tomou uma série de atitudes para lidar com essa consolidação da modernidade na Europa, bem como suas variantes, e foi justamente nesse período, que o movimento ultramontano ganhou força e destaque.

Em face disso, a proposta do presente artigo é avaliar a postura ultramontana adotada pela Igreja Católica, ainda que não de maneira homogênea, analisando se ele foi, de fato, antimoderno. Desse modo, iniciaremos o nosso artigo com uma breve, porém necessária, discussão conceitual sobre os termos “modernidade”, “moderno” e “modernização” e, a partir disso, partiremos para uma discussão sobre como o ultramontanismo, e conseqüentemente, a Igreja Católica, reagiu em face ao avanço da modernidade e modernização europeia.

Material e Métodos

A metodologia utilizada para a presente pesquisa de iniciação científica

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





segiu, por um lado, a metodologia geral adotada pelo projeto de pesquisa geral, portanto de revisão crítica de bibliografias e fontes primárias fitando uma produção histórica panorâmica sobre o assunto. Por outro lado, em termos específicos, a presente pesquisa lidou como fontes especialmente com documentos oficiais da Igreja Católica, como a encíclica *Quanta Cura*, e seu anexo *Syllabus Errorum*, do Papa Pio IX. Isso significa que, seguindo ainda a linha geral proposta no presente projeto de pesquisa, este projeto de iniciação científica tomou como dinâmica metodológica a análise ora micro, ora e macro-histórica, cujas clivagens se tornam mais evidentes na medida em que olhares e ações de sujeitos individuais ora contradizem ou corroboram, ora se desenvolvem nas (e a partir das) estruturas e discursos institucionais da Igreja que representam. □

Resultados e Discussão

“Ultramontano” é uma palavra derivada do latim, cujo significado é “para além dos montes”. Sua verdadeira origem remonta a linguagem eclesiástica medieval, e era usada para referir-se a todos os Papas eleitos que não fossem italianos.

Após a reforma protestante, a palavra “ultramontano” voltou a ser utilizada entre os governos e os povos do norte, com o desenvolvimento da tendência de se considerar o papado uma potência estrangeira, especialmente quando o Papa interferia nas questões temporais. Tal termo também foi utilizado na França de maneira difamatória, pois sugeria a falta de apego à própria nação, designando os defensores da autoridade pontifícia em contraposição às “liberdades da Igreja Galicana”.

O termo “ultramontano”, no século XVII, também foi associado àqueles que defendiam a superioridade do papa em relação ao rei e aos Concílios mesmo em questões temporais, sendo a Companhia de Jesus identificada como ultramontana. Na Alemanha, no século XVIII, houve uma ampliação do conceito, que passou a identificar os defensores da Igreja em qualquer divergência entre os poderes temporais (Estado) e espirituais (Igreja).

Em relação ao século XIX, o termo ganhou aspectos de um movimento institucional, passando a ser referido como “ultramontanismo”. A partir daí, então, o termo passou a referir-se a uma série de atitudes da Igreja Católica de caráter

reacionário em relação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, contrárias, portanto, ao regalismo dos Estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização na sociedade moderna. As atitudes podem ser resumidas em: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica, o reestabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição e condenação dos “perigos” do mundo moderno, como o galicanismo, o protestantismo, o liberalismo e o casamento civil, dentre outros. (SANTIROCCHI, 2010) Em face disso, tanto a Encíclica *Quanta Cura* e seu anexo, o “*Sílabo dos Erros*”, publicadas por Pio IX em 1864, quanto o reestabelecimento do dogma da infalibilidade papal durante o Vaticano I (1869-1870), promulgado pelo mesmo papa, marcaram uma importante vitória do ultramontanismo no âmbito eclesiástico, acirrando ainda mais suas relações com o Estado.

No que toca o mundo moderno antagonizado pelo movimento católico ultramontano, importa ressaltar que o processo de consolidação da modernidade da Europa Ocidental está profundamente relacionado à industrialização e à urbanização, e também à série de revoluções iniciadas ainda no século XVIII, e que vão até metade do século XIX, as chamadas Revoluções Liberais. Segundo o historiador Robson Gomes Filho (2018, p. 56), “embora seja comum a atribuição de importância do levante revolucionário dos Estados Unidos em prol de sua independência em 1776, para a Europa, o fator de impacto que inaugurou o que Eric Hobsbawm chamou de ‘Era de Revoluções’ foi de fato a Revolução Francesa.”

A Revolução Francesa possibilitou o vislumbre de um futuro radicalmente novo em relação ao passado até então experimentado: um futuro moderno, progressista e republicano, em que se tornou possível comparar nações entre si, classificando-as em adiantadas ou atrasadas. E, nesse caso, a França, que desde o século XVIII despontara com a ascensão dos ideais iluministas, alcançara uma alteridade política e temporal em relação às outras nações.

Entretanto, se, por um lado, a Revolução Francesa trouxe a real possibilidade de uma aceleração temporal rumo ao futuro almejado, por outro, a mesma foi alvo de represálias por parte daqueles que desejavam manter a manutenção do sistema



cultural, da lógica social e do sistema político vigente. Tal movimento de resistência à Revolução Francesa, que surgiu em 1796 e se desenvolveu no século XIX, foi chamado de “Reação”, passando-se a designar por “reacionárias” as correntes de pensamentos e ações hostis à Revolução, sendo possível notar em alguns discursos de importantes intelectuais reacionários uma grande aproximação com as posições da Igreja Católica. (LE GOFF, 2013, p. 217)

Entre os intelectuais reacionários de destaque, cujas opiniões se aproximavam do que era defendido pela Igreja, pode-se citar: o inglês Edmund Burke (1729-1797), que em suas *Reflections on the Revolution in France*, de 1790, alega que o verdadeiro progresso deveria ser “moral dirigido por Deus e pela Providência, um Deus muito ligado aos privilégios do passado”; o francês Joseph de Maistre (1753-1821), que se referia a Revolução Francesa como “revolução satânica” e acreditava que o ultramontanismo seria “a única sociedade existente de que se poderá esperar um desenvolvimento fiel às profundidades divinas das origens instauradoras” (VALLIN, Pierre. *Apud*: LE GOFF, 2013, p. 237); e por fim, o também francês Louis de Bonald, que observa e defende a manutenção do poder católico como baluarte contra o avanço da industrialização, visto como um “temível agente da desumanização do trabalho”, por meio daquela que é tida como “a bíblia dos ultras da Restauração”, a *Théorie du pouvoir politique et religieux dans la société civile démontrée par le raisonnement et par l’histoire*, de 1795. (LAGRÉE, Michel. *Apud*: GOMES FILHO, 2018, p. 58)

Simultaneamente às revoluções liberais, outro fator de grande relevância para a consolidação da modernidade foi o revolucionário processo de industrialização, iniciado na metade do século XVIII na Inglaterra, pelo qual a Europa passava, mas que só se tornou de fato impactante nas primeiras décadas do século XIX.

Ao longo do século XIX a Igreja Católica adotou posicionamentos ambíguos em relação à consolidação da modernidade: por um lado, adotou uma postura francamente reacionária desde o Congresso de Viena, demonstrando repulsa ao mundo moderno; por outro, mostrou seu fascínio à modernidade tecnológica a partir de uma corrente que bendizia as inovações técnicas em nome do cristianismo, dando-lhes justificativas ideológicas no intuito de vencer a resistência da população

desconfiada em face das novidades. (LAGRÉE, 2012)

Tal ambiguidade católica em face da tecnologia também pode ser encontrada a períodos anteriores aos séculos XIX e XX. Ainda nos primórdios da Idade Média, Quintos Florens Tertuliano, por exemplo, apologista cristão dos primeiros séculos afirmava que:

O que o próprio Deus não produziu não lhe agrada. Vós direis que ele não teria podido ordenar as ovelhas a nascerem púrpura ou cor do céu? Se ele poderia e não o fez, é porque não quis; o que Deus não quis, não se tem o direito de fabricar. O que não vem de Deus, autor da natureza, não é bom para a natureza. Logo, pode-se compreender que estas coisas vêm do diabo, falsificador da natureza. (TERTULIANO. *Apud*: LAGRÉE, 2012, p. 41)

Em contrapartida, outros nomes igualmente relevantes para a formação do cristianismo adotaram posturas contrárias. Santo Agostinho, por exemplo, em uma passagem de sua Cidade de Deus, afirmou:

A que prodígios nos tecidos das vestimentas, na construção dos edifícios, a indústria humana chegou? Que progresso na agricultura, na navegação! Que imaginação, que perfeição nestes vasos de todas as formas, nesta multidão de estátuas e quadros! [...] E tantas espécies de peixes, de armas e de máquinas inventadas pelo homem contra o homem, tantos remédios e socorros chamados a defender e reparar a vida humana.(AGOSTINHO. *Apud*: LAGRÉE, 2012, p. 42)

Desse modo, esse mesmo debate acirrado acerca dos avanços tecnológicos, iniciado muito tempo antes do advento da modernidade, se repetiu também no século XIX, algo que pode ser observado com clareza a partir da análise de quatro jornais franceses durante os preparativos da Exposição Universal de 1855, ocorrida em Paris, uma das chamadas “Feiras Internacionais” ou “Exposições Universais”, que tinha como o intuito medir o grau de industrialização de cada país, por meio da exposição de novidades, como já mencionado anteriormente.

Durante os preparativos, os jornais *Le Sciècle*, republicano, liberal e anticlerical; *Le Correspondant*, de tendência católica mas ligada ao liberalismo; *L’Ami de la religion*, editado por católicos galicanos; e *L’Univers*, católico de caráter ultramontano; se mostraram os principais entusiastas nos debates acerca das relações entre catolicismo e indústria, ora argumentando a favor, ora contra, como demonstra o historiador francês Michel Lagrée (2012).

Lé Sciécle publicou nesse período uma série de artigos expressando todo o seu otimismo em relação à industrialização europeia e louvor ao novo futuro de expectativas que se abria no horizonte, alegando uma possível superação de diferenças sociais e religiosas por meio da “união dos povos”, e enaltecendo o “deus de Kant, deus das nações reunidas um dia, deus do progresso”, (LAGRÉE, 2012, p. 29) que se desenhava no horizonte da exposição mundial, além de pesadas críticas à imprensa católica, principalmente em relação às de corrente ultramontana. Assim, tal periódico tacou o jornal *L’Univers*, sob a redação de Léon Plée, já rebatendo os possíveis argumentos:

“Eles vão dizer que nós tínhamos outrora a feira de Avignom e a de Bayone, a festa de São Cosme ou fratria de São Landry, e para ali também se ia de mil pontos diferentes” [...] As feiras medievais não tinham nada a ver com as exposições modernas: naquela época, as pessoas se reuniam por simples interesse comercial, com o objetivo de ludibriar e de “se enganar mutuamente”. (LAGRÉE, 2012, p. 30)

No mesmo período, o católico de caráter liberal, *Le Correspondant*, convocava os católicos para assumirem o controle das indústrias por meio de uma série de artigos de Alphouse Baudon, tendo em vista o crescimento das nações protestantes, adeptas da modernização, em comparação a estagnação das nações católicas. O editor francês alegava que “por razões morais, ligadas ao destino espiritual de milhões de operários, os católicos não deviam, de forma alguma, desertar do campo industrial”. Esse “dever moral” explica-se com a crença de a indústria e suas zonas urbanas estavam diretamente ligados a males sociais como miséria, bebedeira, doenças, suicídio, trabalho aos domingos, revolta etc., que apenas o catolicismo, segundo seus discursos, poderia combater, considerando que o protestantismo jamais poderia combater tais “enfermidades sociais” devido à sua suposta ilegitimidade religiosa.

Em contrapartida, como representante do catolicismo ultramontano, o jornal *L’Univers*, sob o comando de Louis Veillot, expressou duras críticas sobre o processo de industrialização e modernização, e também contra o protestantismo. Assim, os editores do referido periódico contraargumentaram o posicionamento do jornal *Le Correspondant*, alegando que

Os baixos salários e o trabalho infantil não dependiam “da má vontade dos de usina. Eles também estão submetidos à lei da

concorrência”. A concorrência e todas as suas consequências evidentemente não existiam na época das corporações cristãs, ao passo que “a indústria aplica o princípio protestante: cada um por si”. A indústria não era má em si, e Igreja a tomara sob sua proteção “em outros tempos [...], mas as condições da indústria mudam: representando para todo católico um motivo de desconfiança.” [...] Se os católicos queriam investir, era na agricultura que deviam fazê-lo. (LAGRÉE 2012, p.34. *Apud*: GOMES FILHO, 2018, p.70).

Esse viés de pensamento voltado para a agricultura, exaltação da Idade Média, vista como uma espécie de “paraíso perdido”, além da condenação explícita no que tange as novidades ideológicas e tecnológicas, irá ganhar força não apenas na França, mas sim por toda a Europa durante o século XIX, manifestado por meio da ideologia ultramontana, adotado por grande parte do clero católico.

Embora o avanço técnico tenha sido um importante ponto de debate, é necessário lembrar que esse não foi o único conflito enfrentado pela Igreja Católica, deparando-se com duas outras importantes questões culturais e religiosas:

1) O avanço do protestantismo e sua legitimação diante do discursos de nacionalização dos Estados, progresso da ciência e modernização da técnica; 2) o avanço de tendências anticlericais e antirreligiosas, ligadas ao liberalismo e racionalismo, frutos, no âmbito intelectual, da Ilustração filosófica do século anterior. A estas tendências, o catolicismo denominou pejorativamente, de “modernismos”. (GOMES FILHO, 2018, p.76).

Diante disso, a Igreja Católica, naturalmente tradicional e intimamente ligada à monarquia absolutista do Antigo Regime, com o advento do século XIX, viu-se encurralada por uma realidade cada vez mais presente para a qual não estava preparada: uma realidade com um futuro cada vez mais aberto para o novo, onde talvez não houvesse espaço para o catolicismo. A eminente consolidação da modernidade trouxe consigo a possibilidade de um futuro no qual a religião sucumbiria ou, mais provavelmente, de que o protestantismo se destacaria como “a religião moderna e industrial por excelência” e, portanto, a vencedora da disputa contra o catolicismo.

Em face desse prognóstico desanimador, o posicionamento oficial adotado pela Santa Sé foi o de aproximação com os movimentos de Reação, em uma tentativa de manter o domínio outrora exercido, resultando na condenação da modernidade, mais em relação aos seus valores do que processos técnicos. Tal movimento

reacionário, como já mencionado anteriormente, foi denominado de ultramontanismo.

Considerações Finais

Desde o desentendimento entre Napoleão Bonaparte e o Papa Pio VII, as relações entre a Igreja e os ideais franceses de liberalismo, racionalismo e republicanismo estavam abalados. De 1800, com a ascensão de Pio VII, a 1914, com a morte de Pio X, a Igreja Católica foi governada por papas com políticas abertamente conservadoras e que constantemente condenavam os a sociedade moderna que surgia diante de si, sendo Pio IX o principal representante dessa conduta.

A primeira encíclica que de fato mostrou essa aversão católica diante da modernidade foi promulgada pelo Papa Gregório XVI em 15 de agosto de 1832, intitulada *Mirari Vos*, com o subtítulo “Sobre os principais erros do seu tempo”, é composta por 15 seções curtas. Nela, Gregório XVI convoca todos os bispos a lutarem contra um “inimigo comum” a todo clero católico, ou seja, contra os valores modernos, criticando e condenando a ciência, a Academia, a liberdade de consciência, a liberdade de imprensa, a separação entre a Igreja e o Estado e a rebelião às autoridades legítimas, que seriam nesse caso, os príncipes e os regimes monárquicos. Argumentando, portanto, que “A Igreja Universal repele toda novidade”, Gregório VII ainda condenou o advento do moderno, considerando-o “a maior e mais poderosa peste da república [a] desbragada liberdade de opiniões liberdade de ensino e ânsia de inovações”.¹

Se por um lado Gregório VII foi o responsável pela promulgação da primeira encíclica com ideais ultramontanos, por outro, seu sucessor, Giovanni Maria Mastai-Ferrati, conhecido como Pio IX, mostrou-se ainda mais ferrenho ao combater a modernidade, sendo considerado o principal nome do ultramontanismo do século XIX.

A sua primeira publicação canônica, ainda no ano de sua posse (1846), intitulada *Qui Pluribus*, com o subtítulo “Sobre os Erros Contemporâneos e o Modo

¹ GREGÓRIO XVI, Papa. **Mirari Vos**: sobre os principais erros do seu tempo. MONTFORT Associação Cultural. Sítio eletrônico:

<http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=mirarivos>. Acesso em: 27/10/2015 às 14:31h, p. 4).

de os Combater”, é explicitamente uma condenação de tudo aquilo que se mostra contrário aos ideais católicos, embora não seja tão polêmica quanto a Encíclica *Quanta Cura*, publicada posteriormente em 1864 e subintitulada “Sobre os principais erros da época”, em que Pio IX aponta todos os “erros” cometidos pela sociedade moderna e o perigo que representam para a Igreja Católica e para a população no geral, além de como prosseguir diante deles, afirmando que:

Portanto, todas e cada uma das perversas opiniões e doutrinas determinadamente especificadas nesta Carta, com Nossa autoridade apostólica as reprovamos proscrevemos e condenamos, e queremos e mandamos que todas elas sejam tidas pelos filhos da Igreja como reprovadas, proscristas e condenadas.²

Mais polêmico ainda foi o seu anexo, intitulado *Syllabus Errorum*, composto por nove seções, contendo ao todo 80 decretos que condenam de maneira clara e explícita tudo aquilo que deve ser considerando um “erro” da sociedade da época, ou seja, condena basicamente todos os ideais modernos surgidos até então. Entre os “erros” apontados, estão: as filosofias não religiosas, o estudo racional-crítico, a ciência, a liberdade religiosa ou de consciência, o protestantismo, a maçonaria, o galicanismo, o jansenismo, o casamento civil, o divórcio, a separação entre a Igreja e o Estado, a criação de Igrejas nacionais, a educação laica, o socialismo e o comunismo. Desse modo, a Igreja Católica garantiria o monopólio total sobre qualquer Estado, sem que houvesse qualquer tipo de concorrência.

O conjunto desses três fatores (a encíclica, seu anexo e o Vaticano), causou diversas reações, tanto positivas, quanto negativas: por um lado, Pio IX recebeu apoio dos conservadores e reacionários; por outro, conquistou grande antipatia e oposição dos setores liberais, industriais, nacionalistas, maçons, etc. Em alguns países, como por exemplo na Alemanha, o dogma da infalibilidade papal gerou enorme descontentamento, resultando em ações anticlericais e até mesmo depredações de mosteiros. No Brasil, tanto a encíclica *Quanta Cura* e o seu anexo *Syllabus Errorum*, não chegaram a ser publicados oficialmente, devido à proibição do Imperador.

Por fim, com a consolidação definitiva da modernidade em todos os seus aspectos no século XX, bem como o advento das Grandes Guerras e as suas

² PIO IX, Papa. **Quanta Cura**. MONTFORT Associação Cultural. Sítio eletrônico: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=quantacura>. Acesso: 02/10/2010 às 09:13h, p. 3.



consequências morais, políticas, sócias e culturais, a Igreja Católica se viu obrigada a rever o seu posicionamento em relação ao mundo moderno, agora já consolidado. Além disso, vale ressaltar que, no decorrer do século XIX, embora a Igreja tenha se mostrado antimoderna, ela não necessariamente deixou de utilizar os aparatos tecnológicos inventados na época, apenas em alguns casos extremos, como o do jornalista francês Louis Veillot, que apresentou uma tendência tecnofóbica, restringindo sua condenação principalmente aos valores modernos, porque afinal, “ninguém queria abandonar as locomotivas pelas diligências, ou a lâmpada de Edison pela lâmpada a óleo” (LAGRÉE, Michel, 2012, p.490. *Apud*: GOMES FILHO, 2018, p.75).

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao CNPq por conceder essa bolsa de Iniciação Científica Junior, que se mostrou de grande importância para que eu tivesse uma noção mais clara dos desafios que enfrentarei em uma universidade. Gostaria também de agradecer ao meu orientador da bolsa de Iniciação Científica, Robson Gomes Filho, por me oferecer essa oportunidade incrível e prestar todo o apoio possível, sempre com muita calma, me inspirando a seguir o caminho acadêmico, apesar de todas as dificuldades. Ao CEPI Sylvio de Mello, por liberar a minha participação e fornecer um estudo de base de qualidade para que isso se tornasse possível, e em especial à minha professora de história, Vanessa Carnielo Gomes, outra fonte de apoio e inspiração. Por último, a minha família, por sempre incentivar os meus estudos.

Referências

GOMES FILHO, Robson. **Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 1894-1930)**. Tese (doutorado em História em regime de dupla titulação). 2 Volumes. Niterói (RJ): Instituto de História da Universidade Federal Fluminense; Eichstätt (BY, Alemanha): Geschichts- und Gesellschaftswissenschaftsfakultät bei der Katholische Universität Eichstätt-Ingostadt, 2018, pp. 36-85.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2013.

PIO IX, Papa. **Quanta Cura**: sobre os principais erros da época. MONTIFORT Associação cultural. Site eletrônico: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/quantacura/>

PIO IX, Papa. **Syllabus**: contendo os principais erros da nossa época, notados nas alocuções consistoriais, encíclicas e outras letras apostólicas no nosso Santíssimo Padre, o Papa Pio IX. MONTIFORT Associação Cultural. Site eletrônico: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/enciclicas/silabo/>

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. “Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – reforma”. **Temporalidades**: revista discente do programa de pós-graduação em história da UFMG. Vol. 2, n. 2, ago/dez, 2010.

REALIZAÇÃO

A Ordem de São João de Jerusalém e as Relíquias Cristãs

Eduardo dos Santos Carvalho Lima¹ (IC)*, Renata Cristina de Sousa Nascimento² (PQ).

¹ Graduando do 3º ano de História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) / Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEG). E-mail: dudu3008@hotmail.com

² Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), (UFG) e (PUC). Doutora em História pela (UFPR). Universidade Estadual de Goiás, Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO, 75110-390

Resumo: As relíquias cristãs que representam a vida e o sofrimento de Cristo sempre foram símbolos materiais do sagrado, sendo consideradas representantes da presença divina, entre os homens. Dentre essas relíquias várias tiveram grande importância na cristandade. Em uma guerra as relíquias eram de vital importância, sendo consideradas fatores de união e proteção nas batalhas. De igual importância ordens militares foram fundadas durante as cruzadas, para a proteção dessas relíquias e também dos peregrinos e dos locais santos. A Ordem de São João de Jerusalém ou Hospitalários foi uma dessas ordens militares, guardiã de várias relíquias, de modo especial às associadas à crucificação de Cristo, que se espalharam por todo o ocidente cristão. Sua criação e evolução como instituição religiosa nos territórios que se instalou constituíram segurança para a posse das relíquias e poder simbólico a ordem. A regra sob a qual viviam proporcionava ordem e disciplina, gerando resultados para salvaguardar e proteger as relíquias cristãs. A pesquisa centra no reconhecimento e validação da ordem, seus primeiros passos, mas mantém o foco na regra sob qual viviam relacionando ao problema da proteção das relíquias.

Palavras-chave: Relíquias Cristãs. Ordem Militar. Hospital. Hospitalários. São João de Jerusalém.

Introdução

As relíquias (cristãs) são objetos de veneração relacionados à vida e sofrimento de Cristo, daqueles que o seguiram e dos chamados santos no cristianismo. A percepção de tal objeto é de uma representação divina entre os homens que os consideram contendo propriedades milagrosas. Segundo Nascimento (2017, p.185):

As relíquias são realidades materiais às quais se atribuem qualidades sobrenaturais, taumatúrgicas. São elementos simbólicos que possuem grande significado, valor e sentido próprio. Os crentes transferiam para estes objetos qualidades especiais, mágicas, funcionando como intermediários entre o mundo natural e o sobrenatural.¹

Suas representações e expressões já datam desde o começo do cristianismo, com a influência dos pais da igreja. Assim, descreve Nascimento (2017,

¹ NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; COSTA, Paula Pinto. A Visibilidade do Sagrado – Relíquias Cristãs na Idade Média. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 185 ² Ibid., p. 29

p.29): “A memória coletiva criou ao redor destes um significado de rememoração, digno de devoção”.²

Atualmente, as relíquias cristãs se classificam em três tipos²:

1º classe: Vestígios materiais relacionados à vida de Cristo, ou partes do corpo de um santo; Cada fragmento guarda a virtude de um corpo integral.

2º classe: Objetos que pertenceram a um santo, ou foram usados por ele.

3º classe: Fragmentos que tiveram contato com relíquias de primeira ou de segunda classe.

Daí, percebemos a variedade e representação simbólica das relíquias no cristianismo através do tempo, trazendo à tona a memória de cada vestígio, objeto e fragmento. A veneração das relíquias, no entanto requiritava grande esforço e vigor, em cruzar de um lugar para outro para encontrá-las. Essas viagens foram chamadas de peregrinações.

O devoto partia em direção a essas relíquias, mas não apenas a elas, mas a um local considerado sagrado para ele com o objetivo de cultuar Deus e receber suas benesses. Tanto o objetivo como o ato da viagem eram parte da peregrinação, e sua atividade espiritual. França (2017 p.9) destaca esse devoto como:

O peregrino, mais do que viajar, subordinava a organização de sua existência à viagem, confundindo esses dois planos – o de existir e o de vagar –, pois buscava não uma simples aproximação dos lugares pisados por Cristo ou consagrados pelos milagres, mas um retorno espiritual à casa de Deus.³

Aproximando o profano ao sagrado para reconciliação, as relíquias e os locais sagrados, através do ato da peregrinação, atingem seu objetivo na cristandade desde os primeiros séculos após o nascimento de Cristo, até o final da Idade Média. O peregrino então, no que se refere as relíquias, acreditando na promessa de reconciliação ou de bênçãos saía ao encontro delas rememorando a história daquela relíquia e fortalecendo no caminho a sua crença e veracidade de que se a olhar, tocar, acreditar, teria o que esperava.

Tal devoção levou a Igreja a criar ordens militares, antes, a necessidade delas, porém, residia nas guerras santas, ou, Cruzadas:

² NASCIMENTO, Renata Cristina Sousa; SOUZA, Armênia M. Mundos Ibéricos: territórios, gênero e religiosidade. 1.ed. SP: Editora Alameda, 2017. p. 2-3

³ FRANÇA, Susani Silveira Lemos; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; LIMA, Marcelo Pereira.

Peregrinos e Peregrinação na Idade Média. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. p. 9

Para que se concretizasse o conceito, era preciso uma ocasião. Esta foi a cruzada, ou melhor, as consequências de seu sucesso. A conquista latina tornou a peregrinação em Jerusalém e aos Lugares Santos mais fácil, mas não necessariamente mais segura. A partir do Concílio de Clermont, a Igreja mostrara preocupação em garantir a segurança da peregrinação, que dependia doravante da segurança dos Estados latinos. Essa dupla necessidade levou à criação das ordens militares⁴ (Demurger, 2002, p. 25).

Ordens de cavalaria já haviam anteriormente, a militarização de algumas e a criação de outras por outro lado residia no contexto das guerras santas. Dentre essas ordens a criação de uma em particular, sua evolução, e seu papel nos territórios que exerceram deram a autoridade para posse de relíquias, esta foi a Ordem de São João de Jerusalém ou os Hospitalários, que é o objeto dessa pesquisa.

Partindo do acordo entre o imperador bizantino Constantino VIII e do califado fatímida de restaurar as igrejas destruídas no período de governo de al-Hakim em 1027, resultou na reconstrução da Anástase, que gerou grande movimento de gregos a Jerusalém e dos mercadores de Amalfi. Desses últimos foi atribuído a construção do primeiro hospital nos arredores do Santo Sepulcro. A partir de então o Hospital foi deixado sob a administração do irmão Geraldo, conhecido como Geraldo Hospitaleiro. Esse mesmo Geraldo, após 1099 constrói um novo e maior Hospital, deixando aos seus cuidados também a igreja próxima, São João Batista. A constituição oficial dessa ordem provém da Bula de Pascoal II escrita em 15 de fevereiro de 1113, *Pie postulatio voluntatis*. O papa atribui tal feito de imediato começando:

Paschal the Bishop, servant of the servants of God, to his venerable son Gérard, founder and Provost (*prepositus*) of the Xenodocheum of Jerusalem, and to his lawful successors forever.⁵

Legitimando e concedendo a direção, assim como reconhecendo suas virtudes:

A pious request and desire should meet with satisfaction and fulfillment. For as much as of your affection you have requested that the Xenodocheum, which you have founded in the City of Jerusalem, near to the Church of the Blessed John Baptist, should be supported by the Apostolic See, and

⁴ DEMURGER, Alain. Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e Outras Ordens Militares na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002. p.25

⁵ Pascoal, Bispo, servo dos servos de Deus, ao seu venerável filho Geraldo, fundador e reitor do Hospício de Jerusalém, e aos seus legítimos sucessores para sempre.

fostered by the patronage of the Blessed Apostle Peter. We therefore, Being much pleased with the piety and earnestness of your Hospital work (Hospitalitas), do receive your petition with paternal kindness, and do ordain by virtue of the present decree that the House of God the Xenodocheum shall always be under the guardianship of the Apostolic See, and the protection of the Blessed Peter.⁶

Sob a proteção e direção do papa, independente em sua administração, havendo uma hierarquia, sucessão baseada nessa hierarquia e deveres em cada instância, o hospício seria conhecido e se dirigido por Hospital de São João de Jerusalém. Tendo São João Batista como padroeiro.

Para uma ordem ser bem-sucedida e crescer, regras deveriam existir para que com disciplina e vigor, tivessem sucesso em seus objetivos. Demurger (2002, p.73) define:

Por regra é preciso entender exclusivamente o texto que fixava os compromissos religiosos, os usos conventuais e os deveres do novo irmão no instante em que fazia sua profissão de ordem. Em seguida, outros textos foram acrescentados: estatutos, leis, usos ou costumes, não menos importantes. A evolução foi a mesma em todas as ordens: em primeiro lugar, uma regra, curta, essencialmente consagrada aos aspectos religiosos e à vida conventual; depois uma pilha de estatutos, completando ou esclarecendo a regra; e enfim, um reagrupamento e uma reorganização em conjuntos coerentes desses artigos esparsos.⁷

A regra teria que ser criada para atender todos os objetivos que a Ordem postulava de modo irrepreensível, em todas as condutas. O Hospital tem sua base e fundamentação na doutrina de Santo Agostinho que agia no âmbito secular, na caridade e partilha tendo em vista a resolução problemas da comunidade local, ao contrário da regra de São Bento que era essencialmente conventual e reclusa. A regra da Ordem do Hospital é atribuída a Raimundo de Le Puy, mestre da ordem entre 1120-24 e 1153, que regra informa:

⁶ O teu pedido nascido de uma vontade piedosa deve ser atendido da forma que se segue. Pediste com afeto que fosse confirmado, com a autoridade da Sé Apostólica e colocado sob a proteção do Beato Apóstolo Pedro aquele Hospício que Tu fundaste na cidade de Jerusalém, junto à Igreja de São João Batista. Nós, portanto, estando muito agradados com o zelo com que praticas a hospitalidade, com bondade paternal, acolhemos a tua instância e ordenamos com a autoridade do presente decreto que aquela Casa do Senhor e aquele Hospício estejam de ora em diante sob a tutela da Santa Sé Apostólica e da proteção do Beato Pedro.

⁷ DEMURGER, Alain. Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e Outras Ordens Militares na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002. p. 73



In Dei nomine Ego Raymundus servus pauperum Christi et custos Hospitalis Jer[oso]l[i]m[itani] cum consilio totius capituli clericorum ey laycorum fratrum statui hec precepta et statuta in domo Hospital[is] Jer[oso]l[i]m[itana]⁸

O cerne da ordem constituía na observância de três importantes ordenâncias:

In primis jubeo ut omnes fratres ad servitium pauperum venientes tria que promittunt deo per manum sacerdotis et per librum teneant cum Dei auxilio scilicet castitatem et obedientiam hoc est quodcumque precipitur eis a magistris suis et sine proprio vivere quia hec tria requireret deus ab eis último certamine⁹

O respeito e acatamento absoluto das ordens na hierarquia criada, a piedade, graça e tudo o que cabe a uma vida santa em seu comportamento e a concretização do interior para o exterior na prática das boas obras para com os pobres seria o centro de toda a Ordem do Hospital. Na regra da ordem há instruções de como fazer uma profissão de fé e ordem, de como reclamar direitos e agir com seus deveres, de como se vestir e se portar, dentro e fora do âmbito monástico, as punições dos pecados cometidos e as punições pela desobediência da regra e sobre a convivência de uns com os outros irmãos da ordem, de dar esmolas e receber o dízimo, entre outras. A regra, portanto, tem o objetivo de guiar todos os membros da ordem nos compromissos seculares e espirituais de outros e dos seus próprios.

Material e Métodos

As fontes fundamentam-se em dois documentos, a bula de Pascoal II, Pie postulatio voluntatis que legitima a Ordem do Hospital para exercer sua função e concedendo a administração a Geraldo e a regra da ordem formulada pelo mestre em exercício na época, Raimundo de Le Puy.

No estudo da bibliografia, nos temas apresentados que serão desenvolvidos encontramos especialistas que concentram suas pesquisas no imaginário medieval relatando e interpretando essa memória de devoção, como Renata Cristina de Sousa Nascimento, destacando o culto das relíquias e o simbolismo representado e as

⁸ Em nome de Deus, eu, Raimundo, servo dos pobres de Cristo e guardião do Hospital de Jerusalém, depois de ter deliberado com todo o Capítulo, o clero e os irmãos leigos, estabeleci estes mandamentos e estatutos na casa do Hospital de Jerusalém.

⁹ Eu ordeno, acima de tudo, que os irmãos que se dedicam ao serviço dos pobres prometam a Deus observar com sua ajuda três coisas: a castidade, a obediência às ordens dos superiores e a pobreza. Deus, de fato, perguntará a eles sobre isso no momento do juízo final.



peregrinações no medievo. O conteúdo e estudo constitui a preparação e construção de toda a pesquisa agrupando todo o material estudado sobre as relíquias, peregrinações, a apropriação simbólica do território, preservado pelas ordens militares, aqui discutindo a Ordem de São João de Jerusalém.

Resultados e Discussão

O contexto das ordens militares surge de uma urgência as necessidades das guerras santas, em particular, após a tomada de Jerusalém, com a proteção dos peregrinos e o cuidado aos pobres e doentes, esta última sendo a ocupação atribuída aos Hospitalários. O peregrino partia em direção aos locais santos e as relíquias para receber bênçãos e ter a presença divina mais perto para mudança pessoal como uma vida de santidade levando a salvação de sua alma.

A criação da ordem e de um hospício (hospital) maior em Jerusalém foi vital para cumprir as funções da proteção dos peregrinos e proteção das relíquias, pela execução do irmão beneditino Geraldo que com a benção do papa Pascoal II oficializa o pedido da criação da ordem dando a ele sua administração, assim como a Igreja do local, São João Batista. O procedimento da ordem e sua sustentação nos territórios por eles ocupados tem sua desenvoltura com uma regra, elaborada por Raimundo de Le Puy que não mais segue o padrão dos beneditinos, mas o de Santo Agostinho, havendo a regra e sua rígida disciplina, tornou-se maior e bem provida, levando nove anos depois de sua fundação a militarização dessa ordem. Seus cuidados, no entanto, se resumiam em duas funções, no âmbito de sua origem em cuidar dos doentes e provendo alas nos hospitais; no âmbito militar protegendo os peregrinos.

Considerações Finais

Concluimos que a formação e legitimação da ordem de São Jerusalém ou Hospitalários, foram fundamentais dada as suas circunstâncias. Partindo da devoção do homem no medievo como parte da cristandade em resgatar uma memória e dela

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





benesses e bênçãos materiais e espirituais, através de locais sagrados e das relíquias cristãs, suas práticas e comportamentos o levariam a procurar intensamente a presença de Deus na terra em que o próprio filho de Deus viveu e habitou.

Para a proteção dos peregrinos e dos cuidados aos doentes nasceu a Ordem do Hospital, a serviço, foi oficializada debaixo da proteção do próprio Papa, da qual prosperou com Geraldo e Raimundo de Le Puy, com rígidas regras e estatutos e expandiu seus territórios, na qual ficou muito conhecida na Península Ibérica com a proteção dos peregrinos nas estradas a caminho de Santiago de Compostela.

Agradecimentos

Agradeço a professora Renata Cristina de Sousa Nascimento por me dar a oportunidade de participar desse projeto de pesquisa e toda orientação que possibilitou a realização desse trabalho.

A Universidade Estadual de Goiás (UEG) por conceder minha participação nesse projeto provendo bolsas de estudo durante as pesquisas.

E a todos aqueles que durante o ano me deram valiosos conselhos e contribuições, assim como incentivo para continuar expandindo essa pesquisa.

Referências

Bula (Pascoal II), Pie postulatio voluntatis. **The Foundation of the Order of St. Jhon** through Blessed Gérard. Disponível em: <http://blessedgerard.org/bgt_1_3.htm>. Acesso em: 12 de fev. 2019.

DEMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e Outras Ordens Militares na Idade Média**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2002

NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa; Costa, Paula Pinto. **A Visibilidade do**

REALIZAÇÃO



Sagrado – Relíquias Cristãs na Idade Média. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

_____, Renata Cristina de Sousa; SOUZA, Armênia M. **Mundos Ibéricos: territórios, gênero e religiosidade.** 1.ed. SP: Editora Alameda, 2017.

Regra da Ordem do Hospital (Raimundo de Le Puy). **La règle de l'ordre de l'Hôpital de Saint-Jean de Jérusalem rédigée sous le magistère de Raymond du Puy, deuxième Grand-Maître.** Disponível em:

<<http://www.guerriersma.com/SiteOld/contenu/reconstitutions/hopital/regle/regle.htm>> e PDF

<<http://www.guerriersma.com/SiteOld/contenu/Telechargement/regle%20Hospital.pdf>> Acesso em: 12 de fev. 2019.



A Presença de Amália Hermano Teixeira na História de Goiana

Maria Eduarda Ribeiro Nobre¹ (IC)*, Maria de Fátima Oliveira² (PQ)

¹ Avenida Juscelino Kubistcheck, 146. Jundiáí, Anápolis – GO, 75110-390.

² Avenida Juscelino Kubistcheck, 146. Jundiáí, Anápolis – GO, 75110-390.

Resumo: Essa pesquisa é sobre uma personagem pouco conhecida, mas que desempenhou importante papel em diversos campos da História de Goiás e da nova capital, Goiânia: Amália Hermano Teixeira. Suas contribuições podem ser observadas na área da cultura, da educação, do direito, do jornalismo e da botânica. A pesquisa tem como objetivos: revisitar a História de Goiânia, buscando na documentação deixada por Amália Hermano Teixeira um novo olhar sobre o tema; compreender aspectos da História de Goiânia vistos por uma mulher que participou ativamente das atividades desenvolvidas na nova capital.

Palavras-chave: Nova Capital. Progresso. Goiás. Biografia.

Introdução

A especificidade dessa abordagem está no foco da análise, centrada nos escritos de Amália Hermano sobre Goiânia e de sua atuação na cidade, abarcando diversos períodos, como, por exemplo, o contexto de sua construção, a instalação da sede administrativa, o Batismo Cultural da nova capital, bem como a visão de Amália Hermano sobre as transformações ambientais ocorridas na cidade ao longo de sua História. Observa-se também sua atuação contra a devastação da natureza e em defesa da preservação de espaços verdes de Goiânia. Vale ressaltar que apesar da relevante atuação de Amália Hermano em vários setores da vida pública na nova capital, o conhecimento sobre suas atividades ainda é bastante escasso.

Amália Hermano Teixeira nasceu em Natividade (município pertencente ao antigo norte de Goiás, hoje estado do Tocantins) em 1916 e faleceu em Goiânia (GO) no ano de 1991. Estudou o Lyceu de Goiás e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás. Como jornalista e cronista, contribuiu com os principais jornais do estado e também com revistas como a Revista Oeste e a Revista de Educação de Goiás. Além de professora, foi advogada, ensaísta, ficcionista, produtora cultural, historiadora, orquidófila e folclorista.

REALIZAÇÃO

Material e Métodos

Na elaboração deste trabalho, utilizou-se o método bibliográfico, ou seja, a leitura, catalogação e análise de referências sobre a História de Goiás e em particular da História de Goiânia. Fez-se a união de informações e fontes diversas que servem como base para a construção do trabalho proposto, como leituras sobre os estudos biográficos. Foram usadas diferentes obras sobre a construção de Goiânia e sobre a vida de Amália Hermano Teixeira, como suas publicações em jornais e revistas que foram de suma importância para a produção deste escrito. Contamos também com dissertações acadêmicas, análise e interpretação de dados, principalmente o material deixado por Amália Hermano Teixeira no que se refere à cidade de Goiânia. A sistematização desse acervo possibilitou uma melhor compreensão de seu pensamento sobre o tema.

Resultados e Discussão

Como apontado por Chaul (1999), Pedro Ludovico Teixeira, que se aliou a Aliança Liberal instaurando em Goiás a valorização do Novo, defendendo a renovação e o Progresso, foi nomeado como Interventor do Estado, utilizando um discurso de renovação, colocando em pauta o processo educacional e a economia. Pedro Ludovico cercou-se de colaboradores preparados, o futuro Governador de Goiás era considerado por Amália como um herói construtor de realidades, e é neste cenário que a intelectual entra, contribuindo no campo da educação, do direito, da cultura e jornalismo neste período em que a história de Goiás estava se refazendo. Martins (2018).

Como afirma a União Brasileira de Escritos de Goiás (UBE,1986,p.16), Amália Hermano Teixeira mudou-se para a Cidade de Goiás, antiga capital do Estado aos dez anos de idade, onde cursou o primário no Grupo Escolar de Goiás, com a professora Emília Perillo Argenta recebendo o certificado do secundário em 1934 pelo Lyceu de Goiás, tornando-se normalista em 1935 pela Escola Normal Oficial de Goiás.

REALIZAÇÃO

Goiás se caracterizava como um estado Rural, e a educação foi um importante meio para se propagar esse ideal. Sendo defensora dos clubes agrícolas, Amália Hermano auxiliou na implantação destes em Goiás nos anos de 1935 a 1937, pois acreditava que assim haveria expansão da economia no Estado e também uma conscientização da população a respeito dos cuidados com a terra. Como afirma a (UBE-GO, 1986), aos vinte anos devido a oportunidade dada por seus mestres foi ao Rio de Janeiro, onde frequentou o Curso de Extensão Rural com grau universitário, este foi promovido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT), uma sociedade civil fundada em 1932, com intuito de promover estudos na área socioeconômica, abordando assuntos relacionados a educação rural a imigração e o aproveitamento de recursos naturais como fonte de energia.

Amália Hermano casou-se em fevereiro de 1937 com o advogado Maximiano da Mata Teixeira, professor da Faculdade de Direito, desembargador do Tribunal de Justiça de Goiás, responsável pela fundação do Jornal “O Araguantis”, no qual Amália se tornou redatora chefe.

Ainda segundo a (UBE, 1986) realizou em Goiânia as primeiras exposições de orquídeas e plantas ornamentais, sendo a I Exposição da Sociedade goiana de Orquidófilos em 1966. Com todo seu esforço para o conhecimento das Orquídeas, descobriu uma nova planta que foi classificada como *Cattleya Amalie* em sua homenagem. Esta foi descoberta em 1977, sendo incluída no catálogo internacional de orquídeas. Com toda sua dedicação a botânica, tornou-se presidente da Sociedade Brasileira de Floricultura.

Amália Hermano recebeu diversas homenagens em Goiânia, tendo seu nome colocado em duas instituições públicas, e em uma rua de Goiânia. Uma das instituições é o Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, o jardim foi fundado no ano de 1978, e inicialmente era conhecido apenas como Jardim Botânico de Goiânia. Este foi fundado durante o Segundo Congresso Latino Americano de Botânica, realizado em Goiânia e Brasília, no qual Amália Hermano esteve presente. Durante 30 anos após a fundação o jardim não contava com nenhum monitoramento, no ano de 1979, cerca de 800 famílias desabrigadas ocuparam o



jardim, ocasionando diversos problemas como o desmatamento e erosões encontradas na cabeceira do Córrego Botafogo que tem sua nascente localizada no parque. Este problema foi resolvido após o tombamento do parque como patrimônio histórico, sendo batizado em homenagem a Amália Hermano Teixeira.

Outra instituição que leva seu nome é o Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira, que foi criado em 09 de Outubro de 1997 por meio do empenho do Governador Maguito Vilela. O Colégio se localiza na Avenida Marco Silva. Jd Bal Meia Ponte, e atende 962 alunos do ensino fundamental e médio.

Atuando no campo do Direito, alcançou o cargo de Diretora de Jurisprudência e Legislação de Goiás em 1949, e como afirma a (UBE,1986), foi eleita e reeleita membro do Conselho da Ordem dos Advogados, e recebeu diversas premiações.

Considerações Finais

A partir dessa pesquisa foi possível mostrar o campo de atuação de Amália Hermano Teixeira dentro do contexto da construção de Goiânia na década de 1930 e no período subsequente. Pode-se afirmar que sua participação se refletiu de modo positivo nos aspectos educacional, cultural, jurídico, ambiental e jornalístico da nova capital, Goiânia.

Amália Hermano publicou em diversos jornais e revistas, em especial na Revista Oeste, que foi importante para o argumento de progresso de Pedro Ludovico. A revista Oeste foi de grande importância nesse período, sendo responsável pela ampliação do espaço político, e ideias da educação, na qual a autora divulgou muito de seus escritos.

Teve importante destaque no campo do Direito, obtendo a inscrição na Ordem dos Advogados em 1943, e após um ano foi certificada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Goiás, localizada em Goiânia. Foi inscrita no quadro da OAB, como advogada em 1945. Sendo homenageada por juízes e advogados da Cidade de Campos no Rio De Janeiro. Alcançou o cargo de Diretora da Revista de Jurisprudência e Legislação de Goiás. (UBE,1986, p.19).



Defensora da Escola Nova, Amália Hermano publicou “O Curioso Caso da Escola Normal Oficial”, onde faz críticas aos métodos habituais de ensino. Segundo a (UBE, 1986, p. 16), com todas as contribuições sobre o ensino em Goiás, conseguiu integrar a delegação goiana à X Conferência Nacional da Educação em novembro de 1950 no Rio de Janeiro, organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE). E após ganhar Bolsa de Estudos do Ministério da Educação e Cultura, para pesquisa de história no Rio de Janeiro e São Paulo em diversas instituições, como na Biblioteca Nacional e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, coordenou a Revista da Educação entre 1958 e 1963.

Esteve presente no Batismo Cultural de Goiânia em 05 de julho de 1942, o Batismo foi a inauguração oficial de Goiânia.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus que me permitiu essa oportunidade durante a graduação, a minha orientadora a qual tenho um grande apreço Prof. Dr. Maria de Fátima Oliveira, pelo apoio, confiança e empenho na elaboração desta pesquisa, a todos os familiares e amigos.

Referências

CHAUL, N.F. **A construção de Goiânia e a transferência da capital.** Goiânia: Centro editorial e gráfico da UFG, 1988.

MALATIAN, Teresa M. A. **Biografia e a História.** São Paulo: Cadernos CEDEM, V. 1 n. 1, 2008.

MARTINS, Luciana da Silva. **A participação da intelectual Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás-1937 a 1963.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Goiânia, 2018.

SILVA, Ademir; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **Goiânia em Mosaico: visões sobre a capital do cerrado.** Goiânia: PUC, 2015.

UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE GOIÁS (UBE). **Escritores em ação! Trinta anos de atividade cultural.** Goiânia: Poligraf, 1986.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

A RELIGIÃO CATÓLICA EM GOIÁS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DAS MANIFESTAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS

Rafael Ribeiro dos Santos* (IC) rafaelribeiro.geografia@gmail.com, Maria Idelma Vieira D'Abadia (PQ).

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Av. Juscelino Kubitschek, 146 – Jundiá – Anápolis – GO. CEP: 75.110.390. Fone: (62) 3328-1128

Resumo: o presente artigo apresenta-se como resultado final de uma pesquisa voltada para a área da Geografia, vinculando-se ao campo da Geografia cultural. A análise empreendida na pesquisa e intitulada “O Catolicismo em Goiás: análise das manifestações e das ressignificações da religião católica no espaço urbano da cidade de Anápolis - GO”, situa-se como um desmembramento do projeto de pesquisa “A Religiosidade Popular nas Antigas Terras de Bonfim e Meia Ponte: um estudo sobre a devoção a São Sebastião”. A referida pesquisa buscou entender o contexto histórico, de consolidação e a atual situação da religião católica na cidade de Anápolis, levando em consideração a influência social, bem como as manifestações do catolicismo que são realizadas nos dias de hoje, sobretudo na área urbana de Anápolis. Nesse contexto, o trabalho busca, a partir de alguns referenciais teóricos, traçar breves considerações acerca do processo de institucionalização da religião católica no estado de Goiás, assim como as manifestações, os atos devocionais, que permeiam a tradição, a cultura do povo goiano, as marcas deixadas, e que são preservadas, do catolicismo.

Palavras-chave: Religião católica. Devoção. Cultura popular. Manifestações religiosas.

Introdução

O relatório de pesquisa em questão é fruto do plano de trabalho intitulado “O Catolicismo em Goiás: análise das manifestações e das ressignificações da religião católica no espaço urbano da cidade de Anápolis - GO”, o qual se vincula ao projeto “A Religiosidade Popular nas Antigas Terras de Bonfim e Meia Ponte: um estudo sobre a devoção a São Sebastião”. A referida pesquisa está inserida no campo da Geografia Cultural, corrente do pensamento que coloca o homem como centro das preocupações e das reflexões, o qual é posto como alicerce central, considerando toda sua complexidade cultural, sua vivência, sua história (ALMEIDA, 2008).

Ao longo do projeto foram realizadas pesquisas em referenciais teóricos, assim como a realização observações e o caráter empírico, na busca de se analisar

o processo da religião católica no estado de Goiás, com a intenção de identificar as transformações desse fenômeno religioso ao longo dos anos. Dentre os autores utilizados e que serviram de fundamentação teórica, podemos citar: Costa (2008), D'Abadia (2014), Gil Filho (2002), Hoornaert (1991), Merleau-Ponty (1993), entre outros. Assim, buscou-se estabelecer uma comparação de como a religião era praticada em Goiás e como as devoções foram incorporando diferentes nuances, sobretudo quanto às suas exterioridades, fruto das tradições e práticas provenientes do imaginário e das crenças populares. Uma vez que tais manifestações se exprimem majoritariamente por meio dos festejos, expressão genuína de fé e espiritualidade goiana, sendo essas festas diversas e ricas de representações, de símbolos e significados.

Material e Métodos

A presente pesquisa é do tipo qualitativa, assim, o procedimento baseou-se em demonstrar a dimensão da religião católica na cidade de Anápolis, sobretudo em relação a sua expressividade, além de buscar compreender a sua dinâmica no decorrer dos anos. De acordo com Garnica (2004, p. 86 *apud* RIBEIRO, 2008, p. 133, *grifo da autora*) a pesquisa qualitativa se destaca pelas seguintes características:

(a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese *a priori*, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-las podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas.

Assim, a pesquisa de caráter qualitativo não se limita em dados concretos, as informações colhidas são fluidas, não no sentido de sua veracidade, mas pelo fato de que elas podem se modificam com o passar do tempo e com as experiências dos sujeitos. Logo, o pesquisador pode até estabelecer hipóteses, mas



essas não serão prontamente confirmadas, ele pode se surpreender com os resultados alcançados, os quais podem até mesmo negar a ideia (uma possível explicação) inicial da pesquisa. Essa investigação possibilita ao pesquisador uma ampliação de ideias acerca de determinado objeto ou fenômeno, bem como o desvelar de suas reflexões, concatenando tais conhecimentos e gerando uma produção consistente, reflexiva, dialética.

Nesse sentido, alguns procedimentos auxiliaram no desenrolar da pesquisa, como por exemplo: pesquisa bibliográfica em documentos, artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e livros; observação empírica da dinâmica da devoção do catolicismo na cidade de Anápolis-GO, bem como a participação em eventos e palestras que contribuíram com a pesquisa. Para tanto, os resultados da pesquisa serão publicados a partir da participação no VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão que ocorrerá em Outubro (2019).

Resultados e Discussão

O fenômeno religioso atrela-se a um campo concebível que transcende as leis naturais, o tempo em sua concretude, à ciência (atrelada à racionalidade), para não dizer o próprio fenômeno. O homem, desde sua origem, se viu refém ou mesmo ligado à religião, fato é que tal elemento invisível, para alguns místico, agiu e age como forma de conectar as pessoas a um universo paralelo a razão, uma forma de confortar os males (a)temporais e que são inerentes à existência humana. Ao passo em que transcende as lógicas conceituais, o fenômeno religioso se proclama através da “materialidade fenomênica” (GIL FILHO, 2002, p. 04) que se idealiza por meio de nossas percepções imediatas, assim, “refere-se à exterioridade do sagrado e sua concretude” (GIL FILHO, *loc. cit.*).

O ser humano vivencia a religião de maneira particular, as exterioridades podem inclusive influir nesse processo dinâmico, contudo, não determinam, necessariamente, a percepção e os sentidos de cada indivíduo, elas podem cooperar ou não. O sentimento religioso se expressa através da experiência com o sagrado, uma vez sentido/vivido, o sujeito passa a identificar e reconhecer as

manifestações de tal força, o que conseqüentemente avigora sua devoção.

Conforme expõe D'Abadia (2014), as primeiras manifestações da religião católica no estado de Goiás datam do ano de 1722, o que acaba se conectando ao processo de ocupação do território goiano pelos portugueses. Vale destacar que a presença dos portugueses no solo goiano se deu especialmente em função do potencial mineral da região, o que despertava o interesse de muitos. Ao passo em que os colonizadores chegam a Goiás, há também as primeiras nuances da presença da fé católica, a qual fora introduzida no Brasil logo após o “descobrimento” pela ação dos padres missionários jesuítas europeus. Nesse contexto, a religião católica passa a se difundir por meio da prática do padroado régio¹, concomitante a difusão das Bandeiras pelo território, desencadeando a fundação de diversas capelas, as quais acompanhavam o ritmo da atividade mineradora. Tal movimento fundamenta a expansão da religiosidade no Brasil, especialmente o catolicismo. Para D'Abadia (2014, p. 24)

O espaço evolui na medida das ações humanas, que são desiguais no tempo e no espaço, essas ações são refletidas na sociedade pelos sistemas: religioso, político, econômico e social. A religião, como construção social, está presente na história da humanidade desde seus primórdios e destaca-se pelo sentido presente em todas as comunidades, na elaboração, criação, manutenção e fortalecimento de eventos até hoje de grande significação social e cultural.

Portanto, pelo viés da religião, torna-se a organização espacial como a base de uma construção social que se insere na sociedade, melhor dizendo, a organização do espaço tem uma base material e uma base espiritual. Os homens encontram-se e transitam nessas duas bases. Alguns negam a segunda, outros a exacerbam e expressam de inúmeras formas de espiritualidade.

¹ De acordo com Hoonart (1992, p. 34-35, grifos do autor) “em Portugal o padroado era uma tradição bem antiga, nascida nos tempos da reconquista: no dia 15 de Março de 1319, a “Ordem de Cristo” é formada com antigos fundos da riquíssima Ordem dos Templários. Como Portugal era terra essencialmente “reconquistada” aos mouros, a Ordem de Cristo ganhou importância e autoridade. Funcionava como órgão canalizador dos recursos do país para os cofres da nobreza territorial. Mas como Portugal, antes da aventura marítima, era terra de agricultura, a importância financeira e política da ordem era relativamente modesta.

Tudo isso mudou com a conquista de Ceuta, em 1415. Sendo esta empresa marítima, como todas as empresas marítimas, essencialmente comercial e burguesa, a Ordem de Cristo começou a proclamar bem alto seus direitos sobre os recursos trazidos a Portugal por esta nova experiência, proferindo discursos de teor religioso e evangélico, e protestando sua vontade missionária diante das novas descobertas [...]

[...] Do ano 1442 em diante, direito de padroado significa direito de conquista: eis o sentido das bulas pontifícias. Portugal é o senhor dos mares “nunca, dantes navegados”, organizador da Igreja em temas de conquista e redução, planejador da união entre missão e colonização”.

Nesse contexto do espaço e suas transformações, sobretudo pelo sistema religioso, bem como a organização que se estabelece, é possível destacar o surgimento da cidade de Anápolis-GO como uma produção de base espiritual, embora essa seja negada por alguns grupos sociais. Contudo, convém destacar que, nas palavras de Gil Filho (2002, p. 05), “o espaço é de caráter relacional e sob este aspecto é de natureza dinâmica”. De acordo com Merleau-Ponty (1993, p. 258, grifos do autor):

“[...] o espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas sim o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. No lugar de pensarmos, o espaço, como uma espécie de *éter* onde todas as coisas estariam imersas devemos concebê-lo como o poder universal de suas conexões”.

O catolicismo, bem como suas manifestações, fora se espraiando pelo território goiano e sendo popularizado de acordo com o decorrer dos anos. A religião católica passou a coexistir claramente na ótica do profano, não submergindo sua sacralidade, o que pode ser compreendido de forma clara através dos múltiplos festejos religiosos que ocorrem no estado e que se expõem como peças chave na compreensão cultural do goiano. Nesse contexto a religião católica fora sendo dinamizada, gerando o chamado ‘catolicismo popular’, que nas palavras de Hoornaert (1991, p. 98) se designa por um “catolicismo vivido pelos pobres em geral”. Assim, esse catolicismo popularizado passou a resultar

[...] um catolicismo próprio, pouco ortodoxo aos olhos dos defensores do sistema, considerado supersticioso, fanático, ignorante, contudo um catolicismo que produziu frutos de autenticidade e de dignidade humana no meio das privações, de coragem e de esperança (HOORNAERT, 1991, p. 118).

Os festejos e suas conseqüentes dinâmicas refletem na criação de uma identidade fundamentalmente católica, a qual ainda possui uma forte expressão na sociedade atual, de acordo com Costa (2008, p. 66) as festas se caracterizam como “o espaço-tempo do encontro e das trocas simbólicas e materiais”. Em conseqüência dessas celebrações há a presença do culto aos santos padroeiros, os quais representam elemento de proteção e bênçãos à população, seus festejos



simbolizam fé, tradição e unidade entre as pessoas. Assim, a devoção do povo goiano, influenciada pelo catolicismo popular português e fundida a simplicidade sertaneja, se expressa de múltiplas formas e pôr um ponto de vista cultural e popular.

Nesse contexto, a religiosidade popular goiana, sumariamente católica, pode ser concebida como um fenômeno social constituído de significação e símbolos em função de suas crenças, resistência e preservação de uma tradição viva, dessa maneira, aferindo uma identidade local (D'ABADIA, 2014). Assim, por influência das festas, as quais ganham centralidade em virtude da forma como impressionam, decorrente de seu aspecto estético e conseqüentemente simbólico, assumem papel de representação da identidade local com seus ritos marcantes e que ressignificam a religiosidade tradicional.

Considerações Finais

Ao fim da pesquisa o que se pode apontar é que no decorrer dos anos o catolicismo passou por mudanças significativas no estado de Goiás, não no sentido de romper com as estruturas formais, mas sim ressignificá-lo, adaptando-o à nova classe devocional, formada essencialmente por pessoas simples e de classe baixa. Trata-se de um deslocamento da religiosidade, desprendendo-se da realeza e vinculando-se as classes socialmente desfavorecidas, ao passo em que a cada instância as expressões do sagrado se exteriorizam de acordo com seus fiéis. Tais transformações são vistas basicamente por meio dos inúmeros festejos ligados a religião católica, e que, atualmente, amparam-se numa dimensão popular.

Em Anápolis o fenômeno das festas e das práticas populares como terços cantados, folias, novenas em consonância com as práticas cotidianas devocionais da religião, são condições de sustentação e manutenção dessa estrutura religiosa na maior parte da população.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Idelma Vieira D'Abadia, que sempre procura estabelecer meios para que eu consiga um bom desenvolvimento, ajudando-me em tudo aquilo que necessário. A todos que contribuem, direta ou indiretamente, para meu desenvolvimento pessoal e profissional, e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás (PIBIC/UEG) pela bolsa de iniciação científica via edital PRP/UEG -2018.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural. **Geonordeste**, São Cristóvão, n. 1, ano 19, p. 33-54, jan./jun. 2008, disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/2475>. Acesso em: 12 mar. 2019.

COSTA, Carmem Lúcia. As Festas e o Processo de Modernização do Território Goiano. **RA'E GA**, Curitiba, n. 16, p. 65-71, 2008. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=as+festas+e+o+processo+de+moderniza%C3%A7%C3%A3o+do+territ%C3%B3rio+goiano+&btnG=#d=gs_qabs&p=&u=%23p%3DQp3cDJwfjDUJ. Acesso em: 16 jul. 2018.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e identidade religiosa**: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Múquem, Abadiânia e Trindade – GO. Paco Editorial, Jundiá, 2014.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma Geografia do Sagrado. **Ra'e ga**, UFPR-PR p. 1-15, 2002 Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINOR_ELIGIOSO/artigos/por_uma_geografia_do_sagrado.pdf. Acesso em: 23 jan. 2018.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro**: 1550-1800. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenología de la Percepción**. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

AS DOENÇAS DO REI LUÍS IX NA CRÔNICA DE JEAN DE JOINVILLE E NO RECEITUÁRIO DE PEDRO HISPANO (XIII – XIV)

Guilherme Luiz de Souza Silva*¹ (IC), Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes² (PQ)

¹ Graduando do curso de História na Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cora Coralina; Email: guilhermeluiz.ss@hotmail.com

² Docente da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cora Coralina

Resumo: A proposta deste trabalho é estudar as enfermidades que afligiam o rei Luís IX (1214 -1270) da França a partir da análise de textos cronísticos e terapêuticos da época. Assim, primeiramente propõe-se o estudo da crônica *História de São Luís (Histoire De Saint Louis)*, composta entre 1305 – 1309, pelo senescal de Champagne Jean de Joinville (1224 -1317) que acompanhou o monarca francês durante a sua peregrinação a Terra Santa (1248-1254). O foco de análise da crônica centra-se na pesquisa acerca da saúde e das enfermidades crônicas que afligiam Luís IX como a erisipela, e também as contraídas em suas expedições militares como a doença de campanha. Em seguida, o objetivo é compreender essas enfermidades do ponto de vista médico a partir do estudo das prescrições terapêuticas presentes no receituário *Thesaurus Pauperum (Tesouro dos Pobres)* do físico português Pedro Hispano (1215-1277).

Palavras-chave: Luís IX; Enfermidades; Jean de Joinville; Pedro Hispano.

Introdução

A proposta deste trabalho é analisar as enfermidades que afligiam o rei da França, Luís IX (1214 - 1270), a partir de uma dupla perspectiva: identificar na crônica a *Histoire de Saint Louis (História de São Luís)*, composta entre 1305 – 1309 por Jean de Joinville, as descrições das doenças crônicas do monarca e as que o afligiam em momentos de campanhas militares; analisar em uma obra médica do século XIII, o *Thesaurus Pauperum (Tesouro dos Pobres)* do físico português Pedro Hispano, os preceitos terapêuticos referentes a essas enfermidades.

Luís, filho do rei Luís VIII (1187 - 1226) e de sua esposa Branca de Castela (1188 - 1252), nasceu em 1214 em Poissy que fica a trinta quilômetros de Paris. Em 27 de maio de 1234 casou-se com Margarida de Provença¹ (1221 - 1295). Tornou-se rei em 1240 e nos documentos oficiais como as chancelarias e em várias crônicas dos séculos XIII e IV e nos *exemplum*² medieval o rei é descrito por seus feitos e pelo exercício do ofício régio (LE GOFF, 2014).

¹ Filha mais velha do Conde de Provença Raimond Bérenger V (1198 – 1245) de Aragão.

² *Exemplum* é uma narrativa breve dada como verídica e destinada a ser inserida num discurso (sermão) para convencer o auditório através de uma lição salutar.



A obra *Historia de São Luís* foi escrita por Jean de Joinville (1224-1317), senescal³ de Champagne que testemunhou a maior parte dos relatos narrados, pois conviveu com o rei Luís IX no palácio real em Paris e o acompanhou durante suas expedições militares e a peregrinação à Terra Santa. Esse escrito pode ser definido como uma crônica biográfica. Em relação a esse gênero, Guimarães (2011) afirma que a crônica tem como característica narrar histórias e dar vida a um relato acerca de uma personagem ou a um acontecimento histórico e nesse sentido, assume um caráter literário, histórico e testemunhal. Assim, em sua narrativa, por intermédio de suas memórias, nos apresenta os feitos do rei e ao traçar o perfil do monarca francês, cria um retrato ideal de um rei guerreiro, peregrino e pacificador em que predominam as virtudes de justiça, caridade e sobriedade.

Na concepção de Le Goff (2014), a memória das testemunhas é modelada por interesses individuais e coletivos e a narrativa relatada depende dos objetivos daqueles que a produziram. Nesse sentido, é importante compreender como a memória acerca do monarca foi construída. Nesta perspectiva, a fonte em análise pode ser compreendida como um livro de memória em que Joinville que viveu ao lado de São Luís relata os acontecimentos vivenciados pelo rei francês. Para compor a obra, o autor recorreu às lembranças dos feitos do rei que ele presenciou, a sua memória individual, mas também aos relatos de outras pessoas que conviveram com Luís IX, ou seja, as lembranças de um grupo, caracterizando assim, uma memória coletiva: “Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias” (HALBAWCHS, 1990, p.53).

Ao mesmo tempo em que Joinville apresenta os feitos de Luís IX, descreve o quadro de sua saúde física destacando as doenças crônicas e as outras enfermidades adquiridas durante as campanhas militares: erisipela⁴, febre terçã, disenteria e a doença de campanha⁵. Assim, para este trabalho propõe-se compreender como a medicina do período concebia essas enfermidades e em quais teorias médicas os profissionais da saúde recorriam para apresentar preceitos

³ Senescal era a denominação dada no medievo a um oficial nas casas de nobres importantes.

⁴ Doença infecciosa da pele, contagiosa, que se caracteriza por uma placa vermelha, dolorosa, rodeada por uma área tumeficada.

⁵ Trata-se do escorbuto que no medievo era conhecido como doença de campanha ou hoste.

práticos destinados ao tratamento que no medievo baseava-se nas autoridades antigas e árabes (GARCIA-BALLESTER, 2001).

Nesse sentido, pretende-se comparar as descrições de duas enfermidades do rei, a doença de campanha e a erisipela, relatadas na crônica de Joinville, com os preceitos terapêuticos presentes num receituário⁶ médico do período: o *Thesaurus pauperum* (*Tesouro dos Pobres*) do físico⁷ português Pedro Hispano (1215-1277). Hispano atuou como mestre em Medicina na Universidade de Siena, Itália, circulou pela corte pontifícia cuidando da saúde de sumo pontífices como Urbano IV (1261-1264) e Gregório X (1271 – 1276) e, nesse período, ocupou o cargo de chefe do corpo médico da cúria (SANTOS; FAGUNDES, 2010). Portanto, o recorte espaço-temporal da pesquisa está situado no reino francês e em Jerusalém durante o século XIII, período e locais de vivência do monarca Luís IX e momento de composição do escrito médico *Tesouro dos Pobres*, e início do XIV, época em que a crônica, *História de São Luís*, foi composta.

Material e Métodos

A análise documental requer que o historiador estabeleça o contexto histórico do documento definindo as relações entre seus conteúdos e a época em que o mesmo foi composto e identificando também a autoria. Assim, o ofício do historiador envolve o uso do método mais adequado à tipologia das fontes que foram analisadas, envolvendo a crítica externa e interna do documento (SAMARA; TUPY, 2010). Quanto à metodologia, foi realizado primeiramente o levantamento bibliográfico e a análise da historiografia acerca do rei São Luís e da medicina na Idade Média. Em seguida, analisamos a obra *Historia de São Luís*, estruturada por Joinville em dois livros em que, seguindo o estilo de narrativa comum nas crônicas, tem como foco os relatos da vida do rei Luís IX: a primeira parte é dedicada às principais virtudes de São Luís e a segunda tem como foco o nascimento e coroação do rei, incluindo sua participação nas cruzadas.

⁶ Receituário é o gênero da literatura médica medieval, composto por receitas para o tratamento de diversas doenças.

⁷ Termo que na Idade Média refere-se aos profissionais da medicina como formação universitária.

Assim, metodologicamente, observando a tipologia de cada uma das fontes realizamos a análise documental da crônica com a crítica externa (tipologia do documento, local de origem, idioma, datação, autoria, contexto). Para em seguida, fazer a crítica interna da obra de Joinville identificando a estrutura, a construção da imagem de modelo de rei cristão e as principais enfermidades que infligiram Luís IX. No receituário médico de Pedro Hispano, *O Tesouro dos Pobres*, identificamos as definições, causas e tratamentos terapêuticos para as doenças do rei. Para cada enfermidade, Pedro Hispano apresenta os medicamentos recomendados por várias autoridades da medicina Antiga, árabe e físicos contemporâneos a ele.

Resultados e Discussão

Em relação às pesquisas sobre São Luís normalmente são investigados aspectos ligados ao ofício régio, às conquistas, sua pacificidade e virtudes. O rei doente que aparece na crônica é uma das faces do monarca que não é tão explorada. Assim, a partir da análise da crônica *História de São Luís* de Jean de Joinville foi possível estudar a biografia do rei enquanto um monarca detentor de inúmeras qualidades. Desta forma, relacionando o conceito de representação com o objeto dessa pesquisa temos a compreensão que a representatividade está ligada na exibição da presença de uma pessoa como a figura de São Luís por Joinville que faz um recorte temporal para apresentar a imagem do monarca na fonte como um soberano.

Como um símbolo e modelo real, Luís IX, inaugura uma nova fase nos escritos medievais, denominado *Espelhos do Príncipe*. Tais escritos que tinham o caráter de propor o comportamento e compromisso real passaram a ter uma nova roupagem a partir do momento em que Luís começou a ser descrito como “*um rei ideal*”, detentor de todas as características básicas de um monarca. São Luís, em suas cartas de ensinamentos deixada a seus filhos, mas principalmente ao seu sucessor Filipe III, criou o seu próprio “*espelho do príncipe*” onde deixou escrito tudo que era necessário para o sucesso de uma vida monárquica (LE GOFF, 2008).

Na fonte *Historia de São Luís*, o rei Luís IX é apresentado como um monarca

dotado de virtudes que o tornou inigualável a seus antepassados. Nesse sentido, Joinville afirma que andavam com o rei a caridade, humildade e a sobriedade. Na obra proposta para análise, São Luís é representado como um monarca ideal detentor das qualidades de um rei cristão – guerreiro, cavaleiro, peregrino e pacificador. É representado como um guerreiro que estava pronto e sempre dedicado às campanhas militares em busca de um crescimento muito mais espiritual e satisfatório a ele, a que demonstrava sua devoção. Um cavaleiro experiente, como era treinado a prática para que fosse um rei e que teve uma educação voltada ao trono e por onde passava sempre tinha êxito nas batalhas. Na crônica, é descrito como astuto em suas decisões, sábio em estratégias, mas sabia dar ouvido aos conselheiros que o rodeavam. Ele tinha apreço pela guerra e principalmente para que trouxesse a paz imediata. Fazia cumprir todos os objetivos propostos pelas assembleias que fizera ao planejar uma batalha. E havendo uma falha, o rei mostrava-se uma pessoa firme e com a vitória, como em muitos casos relatados por Joinville, apresentava sua vida a de seus combatentes a Deus como sinal de gratidão pela graça alcançada (JEAN DE JOINVILLE, 1309)⁸.

O autor da crônica em análise busca através da perpetuação da imagem do rei, demonstrar sua importância, apresentando assim, em seus relatos a precisão do caráter e das virtudes, batalhas diárias de seu corpo e seu sucesso como monarca. A representatividade presente em Joinville faz uso de um recurso das fontes medievais que é a preservação do significado da vida de Luís IX. Assim, visando compreender a representação do rei na fonte em estudo, um dos objetivos pautados nesta pesquisa, observa-se que São Luís é representado como um monarca ideal detentor das qualidades de um rei cristão – guerreiro, cavaleiro, peregrino e pacificador. Do mesmo modo, em meio aos relatos sobre os feitos do rei, o autor apresenta o quadro de doenças enfrentadas pelo monarca: erisipela, febre terçã, doença de campanha ou das hostes e disenteria.

A partir do discurso médico é possível identificar os diferentes preceitos terapêuticos destinados ao tratamento das enfermidades do rei descritas por Jean de Joinville em sua crônica. Deste modo, a partir do estudo do receituário *Tesouro dos Pobres*, observam-se as definições, causas e tratamentos terapêuticos para as

⁸ A crônica foi composta por Jean de Joinville, no início do século XIV, em 1309. A versão utilizada nesta pesquisa é a edição da obra publicada em 1902.

doenças relacionadas ao estudo desse trabalho. Pedro Hispano apresenta os medicamentos recomendados por várias autoridades da medicina Antiga, árabe e físicos contemporâneos a ele.

Sabe-se que algumas enfermidades eram comuns nos campos de batalhas, por exemplo: a doença de hostes ou de campanha⁹. Os seus sintomas são: hemorragia nas gengivas, tumefação purulenta das gengivas, dores nas articulações, feridas que não cicatrizam e desestabilização dos dentes. Nos relatos de Joinville consta que:

E desse infortúnio, juntamente com a insalubridade do local, onde nunca cai uma gota de chuva, fomos atingidos com a "doença do acampamento", que era tal que a carne de nossos membros ficou todos murchos, e a pele das nossas pernas ficou toda manchada de preto. E a carne das gengivas daqueles que tinham a doença ficou manchada. O sinal foi este: quando o nariz começou a sangrar, a morte chegou (JEAN DE JOINVILLE, 1309, p. 145).

Em relação à doença de campanha, Pedro Hispano recomenda em seu receituário, preceitos práticos destinados ao tratamento das áreas afetadas localizadas nas gengivas e dentes causando inflamações e fortes dores. Desta forma, segue o procedimento: “Deite-se no ouvido suco de hera terrestre, do mesmo lado que dói o dente, o efeito é admirável. Galeno. Se lavarem com frequência os dentes com decocto¹⁰ de raiz de cardo silvestre, firmam-se os dentes e curam as gengivas. Deitar decocto ou pó de romãzeira braba faz o mesmo efeito”¹¹ (PEDRO HISPANO, 1250, p. 148).

Assim, o autor do tratado, prescreve os ingredientes deverão ser utilizados para a elaboração dos medicamentos e a forma correta da prescrição terapêutica de acordo com cada doença. Observa-se ainda que no receituário são citadas mais de trinta autoridades da medicina antiga e árabe, tais como: Hipócrates¹², Galeno¹³,

⁹ Sabe-se a partir do conhecimento atual que a doença de campanha denominada de escorbuto a partir do século XIX, é uma enfermidade provocada pela carência grave de vitamina C na dieta.

¹⁰ Resultado da decocção; do aquecimento ou fervura. **Decocto** de ervas medicinais.

¹¹ Para esse tratamento, Hispano faz uso de algumas especiarias como a hera terrestre que atualmente sabe-se que é rica em vitamina C e tem efeito depurativo que elimina as bactérias indesejáveis do organismo. Prescreve também, a lavagem da boca com decocto ou ferver as raízes de cardo silvestre que tem ação coagulante e ajuda a estancar a hemorragia das gengivas. Da mesma forma, a romãzeira que acaba com a gengivite e tem ação anti-inflamatória.

¹² Hipócrates (460 – 370 a. C.), médico grego considerado o pai da medicina.

¹³ Galeno: médico romano do século II d. C e uma das principais autoridades da medicina Antiga.

Avicena¹⁴ e Averróis¹⁵. Pedro Hispano prescreve medicamentos estudados por ele próprio que em muitas vezes ele fez prova disso ou da prescrição de outros grandes nomes da medicina no medievo.

Uma das doenças crônicas do rei era a erisipela. Sabe-se que é uma enfermidade infecciosa que apresenta entre os sintomas, uma placa vermelha na pele, dolorosa, rodeada por uma área tumeficada. Nota-se assim, que em meio à criação da imagem do rei permeada por virtudes, tem também a representação do corpo doente do monarca. A respeito da erisipela que é uma doença infecciosa caracterizada pela inflamação da pele, o autor do receituário apresenta diversas formas de tratamento que possibilitam a diminuição das dores e a cura para a doença. O foco como a maioria das enfermidades trabalhadas no receituário é a descrição de diversos tratamentos:

Para a erisipela, depois de ter purgado, o corpo dos humores adustos, untem – se o local com ovos crus o local e apliquem – se por cima folhas de bredos; ficar – se – a admirado com a cura. Queime – se ao lume, chifre de cabra, e a casca que se forma triture - se com vinagre de cebola albarrã e unte – se. Cura admirável (PEDRO HISPANO, 1250, p. 357).

Diante dessa receita, observamos entre os ingredientes prescritos por Pedro Hispano, a folha de bredo que ao ser aplicada sobre as superfícies mucosas como no caso da erisipela contribui para a cicatrização do ferimento exposto. Indica também o chifre de cabra que junto com o vinagre era utilizado para criar um tipo de pasta prescrito para ajudar no fechamento da ferida e na cebola albarrã que contribui a cicatrização.

Tratava-se de medicamentos feitos a partir de produtos vegetais, animais e minerais, associados em alguns casos a procedimentos simbólicos, como era usual no medievo. Como nas receitas acima mencionadas é apresentado os seguintes ingredientes: folhas de bredos, cebola albarrã, romã, taráxago e talos e flores de couve. Esses são exemplos de ingredientes de origem vegetal. Os de origem animal mencionados nas receitas são: chifre de cabra e leite. Há também o uso de vinho na

¹⁴ Conhecido como Ibn Sīnā ou por seu nome latinizado Avicena (980-1037), foi um médico árabe que escreveu tratados sobre vários assuntos, entre eles a medicina. Sua obra mais conhecida é o *Canon*.

¹⁵ Averróis (1126-1198) médico árabe cujas obras abrangem uma gama diversificada de assuntos, incluindo filosofia, teologia, medicina, astronomia, física e direito islâmico.

maioria das receitas. Os componentes minerais são acompanhados por cada um dos itens acima citados pelas suas composições que é extraído cada mineral.

Considerações Finais

Por fim, com base na análise dos relatos na crônica de Joinville, nota-se que há um cruzamento de informações que demonstram ao mesmo tempo um rei exemplo de monarca cristão, guerreiro envolvido nas cruzadas, aspectos de sua vida ligada a sua santidade, mas que sofria de doenças que não o deixava de esquecer suas limitações carnis. Assim, notavelmente vimos que todas as características que lhe são atribuídas por Joinville tem um propósito: a construção da imagem de Luís IX como modelo de rei cristão e santo.

As doenças que poderiam ser do tipo crônico ou corriqueiro incapacitavam o rei e até mesmo pelo seu nível elevado de febre e variações, poderia levar a morte, caso não tivesse o tratamento adequado. Assim, as prescrições terapêuticas indicadas pelo físico Hispano em seu receituário *Tesouro dos Pobres* possibilitam o aprofundamento dos estudos acerca das doenças no Medievo e seus tratamentos a partir do discurso médico universitário do século XIII presente na obra do físico e mestre Pedro Hispano.

Agradecimentos

À minha orientadora, professora Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes, pela disponibilidade de tempo, assiduidade, compromisso e dedicação para com esta pesquisa e com o meu desenvolvimento acadêmico. À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação pela oportunidade de ser bolsista de iniciação científica.

Referências

FONTES

JOINVILLE, Jean. **Histoire De Saint Louis** (1309). New York: P. J. Kennedy, 1902.

PEDRO HISPANO. **Thesaurus Pauperum** (1250). In: PEREIRA, M. H. Rocha

REALIZAÇÃO



(Org.). **Obras Médicas de Pedro Hispano**. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1973, 1 – 407.

REFERENCIAS

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. **SABER MÉDICO E PODER: AS RELAÇÕES ENTRE ARNALDO DE VILANOVA E A COROA ARAGONESA (SÉCULOS XIII-XIV)**. 2014. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2014.

GARCIA-BALLESTER, Luís. **La búsqueda de la salud: sanadores y enfermos em la España medieval**. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

GUIMARÃES, Marcela Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Revista Diálogos Mediterrânicos**. Curitiba, 2, 2012, p. 61-78.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**: Rio de Janeiro: Record, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**: Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História e documentos e metodologia de pesquisa**: São Paulo: ed. Autêntica, 2007.

SANTOS, Dulce O. A.; FAGUNDES, M. D. C. **Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XIII)**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 'Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. 2010, p.333-342.

A Umbanda em Morrinhos (GO): reflexões sobre as condições de existência e permanência dos terreiros em uma cidade no interior de Goiás

Augusto César Carlos Amaral de Moura¹ (UEG – IC)* - garotoestudantil2009@gmail.com, André Luiz Caes² (UEG – PQ).

Universidade Estadual de Goiás

A Umbanda, desde o seu surgimento em 1908 (data tradicionalmente aceita para o início das atividades da nova religião), se tornou objeto de estudos acadêmicos e também de polêmicas sociais envolvendo questionamentos sobre os rituais e práticas da religião ou mesmo pelo fato de ser vítima de manifestações de intolerância e preconceito. Recentemente, dentro do contexto da expansão das igrejas neopentecostais no Brasil, a Umbanda voltou a ser alvo de ações de intolerância e perseguição, mesmo com a garantia constitucional de liberdade religiosa e da proibição legal contra atos de preconceito e intolerância entre as religiões. Diante desse cenário emergiu a perspectiva de estudar a Umbanda como uma específica manifestação religiosa brasileira e, particularmente, compreendê-la dentro do contexto da religiosidade na cidade de Morrinhos (GO), constituindo assim um estudo de caso. A pesquisa inicial mostrou que a religião vem sendo estudada academicamente desde o início de suas atividades, recebendo abordagens dos campos da História, da Antropologia, das Ciências Sociais, etc., nas quais os mais diversos aspectos de sua história são analisados e estudados. Estudos regionalizados e estudos de caso também fazem parte dessa ampla bibliografia que já foi produzida sobre a Umbanda, mostrando sua inserção em todas as regiões do Brasil e identificando suas especificidades regionais e locais.

Palavras-chave: Umbanda. Morrinhos (GO). Religião. Sociedade.

Introdução

A Umbanda, desde o seu surgimento em 1908 (data tradicionalmente aceita para o início das atividades da nova religião), se tornou objeto de estudos acadêmicos e também de polêmicas sociais envolvendo questionamentos sobre os rituais e práticas da religião ou mesmo pelo fato de ser vítima de manifestações de intolerância e preconceito.

Recentemente, dentro do contexto da expansão das igrejas neopentecostais no Brasil, a Umbanda voltou a ser alvo de ações de intolerância e perseguição, mesmo com a garantia constitucional de liberdade religiosa e da proibição legal contra atos de preconceito e intolerância entre as religiões.

Diante desse cenário que se apresentou por meio da imprensa, emergiu a perspectiva de estudar a Umbanda como uma específica manifestação religiosa brasileira e, particularmente, compreendê-la dentro do contexto da religiosidade na



cidade de Morrinhos (GO), constituindo assim um estudo de caso.

A pesquisa inicial de bibliografias sobre a Umbanda mostrou que a religião vem sendo estudada academicamente desde o início de suas atividades, recebendo abordagens dos campos da História, da Antropologia, das Ciências Sociais, da Psicologia, etc., nas quais os mais diversos aspectos de sua história, de sua participação no campo religioso brasileiro e de suas crenças, rituais e práticas são estudados e analisados.

Estudos regionalizados e estudos de caso também fazem parte dessa ampla bibliografia que já foi produzida sobre a Umbanda, mostrando sua inserção em todas as regiões do Brasil e identificando suas especificidades regionais e locais.

Dentro dos estudos acadêmicos e artigos pesquisados, destaca-se em primeiro lugar a condição da Umbanda como religião estigmatizada pela sua origem afro-brasileira e indígena, por ser uma religião mediúnica fundada na incorporação dos espíritos e por utilizar as práticas de magia e – em muitos casos – de sacrifícios rituais de animais e aves.

Por outro lado, também se analisa a religião pela sua posição no interior da sociedade, especificamente como manifestação das classes mais baixas, mas com alguma inserção nas classes médias. Nesses estudos evidenciam-se os aspectos sociais e culturais que envolvem o surgimento e desenvolvimento de uma religião no interior de um campo religioso como o brasileiro, marcado pelo predomínio das concepções cristãs e pela maior valorização dos elementos da cultura branca e letrada.

A partir dessas perspectivas nos propusemos realizar uma pesquisa sobre a Umbanda na cidade de Morrinhos, interior de Goiás, na qual essa religião ainda sofre com os estigmas e incompreensão que caracterizaram a história dessa religião no Brasil, sendo seus templos em geral desconhecidos ou ignorados pela maior parte da população e seus adeptos limitados aos praticantes mais assíduos, mesmo que as casas sejam ocasionalmente frequentadas por um número maior de pessoas do que as que se declaram umbandistas.

Outro estímulo para a pesquisa é a constatação de que há muitos estudos acadêmicos sendo realizados sobre as manifestações regionais e locais da



Umbanda, relevando as particularidades que caracterizam essa religião que não tem um corpo doutrinal e ritual fixo – apesar de, em geral, apresentar um repertório comum de ensinamentos e manifestações – e que está diretamente ligada à sabedoria dos espíritos que incorporam nos médiuns e orientam as práticas a serem realizadas.

Entendemos, portanto, que esta proposta de pesquisa constitui uma contribuição para esse campo de estudos que está em parte direcionado para a compreensão da diversidade das experiências umbandistas dentro do território brasileiro, neste caso, uma contribuição também necessária para o entendimento da presença da Umbanda em Goiás.

Material e Métodos

A pesquisa se concentrará em duas frentes: a pesquisa bibliográfica e a produção de documentos orais por meio de entrevistas com os participantes e lideranças dos terreiros em Morrinhos.

A pesquisa bibliográfica focalizará os estudos produzidos sobre a Umbanda no Brasil, estudos já citados na bibliografia deste projeto, mas também outros que sejam significativos para a execução da pesquisa. Nesta bibliografia serão referenciados os livros oriundos de pesquisas acadêmicas e os produzidos por líderes da Umbanda no Brasil, artigos publicados em revistas de divulgação científica, e também dissertações e teses elaboradas em programas de mestrado e doutorado no Brasil. Dessa bibliografia serão utilizados os enfoques que possibilitem a fundamentação da pesquisa aqui proposta.

As entrevistas focalizarão os diversos aspectos que marcam o cotidiano dos templos de Umbanda e dos umbandistas na cidade de Morrinhos, procurando uma descrição ampla das características particulares da atuação desses templos, assim como a compreensão dos desafios que se apresentam à prática da Umbanda na sociedade atual, especificamente em uma cidade interiorana.

Os resultados das duas atividades possibilitarão a análise e interpretação sobre a presença da Umbanda em Morrinhos, com todas as dificuldades que tem



marcado o campo religioso brasileiro quanto a episódios de intolerância e preconceito, além da intensa disputa pelo reconhecimento social da religião.

Resultados e Discussão

Para que o trabalho não se limitasse à teoria, buscou-se, além da bibliografia lida, entrevistas com líderes e frequentadores dos terreiros da cidade de Morrinhos. Podendo assim, a partir dessas condições, chegarmos em algumas conclusões: a Umbanda como uma religião afro-brasileira, ela existe em Morrinhos, embora uma parte do grupo de seus participantes não se declararem de fato pertencentes a essa manifestação religiosa; as casas ou terreiros como seja chamado o local de trabalho, são, na maioria das vezes desconhecidas ou disfarçadas. Como característica socio-histórica da Umbanda em ser uma religião periférica, encontramos em Morrinhos os dois terreiros em áreas de classe média, mas soubemos da existência de outros em áreas mais carentes. Seus participantes não se limitam apenas aos mais necessitados, variando em um público muito rotativo de diferentes posições sociais.

Os terreiros em geral realizam diversos trabalhos externos e internos. Essa característica própria da Umbanda como caridosa e acolhedora, leva dezenas de pessoas a procurarem os orixás e entidades para tratar alguma enfermidade, alguma dificuldade ou mesmo uma necessidade que lhes convém. A interação proporcionada entre os mais variados setores que visitam os terreiros oferece um campo aberto a diálogos que tendem a ser benéficos para a existência da Umbanda como um todo.

Assim, a pesquisa feita procurou analisar um pouco do cotidiano dos templos de Umbanda e dos umbandistas na cidade de Morrinhos, buscando uma descrição boa das características particulares da atuação dos templos visitados, assim como a compreensão dos desafios que se apresentam à prática da Umbanda na sociedade atual, especificamente em uma cidade interiorana do Estado de Goiás.

Percebemos, com a participação nas Giras e a observação dos rituais e dos atendimentos, assim como com as entrevistas citadas, que a Umbanda permanece viva na cidade, mas que precisa manter certa invisibilidade, talvez para não se tornar



alvo de algum tipo de intolerância. Ao permanecer nessa situação quase invisível, possibilita que pessoas de diversas igrejas diferentes frequentem as casas sem medo de serem julgadas por estarem buscando auxílio numa religião que não é a própria.

Se esse fato mostra, por um lado, o preconceito que ainda existe e a visão errônea que predomina, por outro confirma a condição da Umbanda, defendida em toda a sua história, de ser uma religião sem preconceitos, sem barreiras de raça, classe social e crença, além de ser, no inconsciente das pessoas, uma alternativa positiva para a solução de problemas que não são apenas de natureza religiosa.

Essa característica da Umbanda é, talvez, sua maior referência como religião.

Considerações Finais

No transcorrer do trabalho até aqui desenvolvido, foi realizada uma apresentação das reflexões sobre as condições de existência e permanência dos terreiros de Umbanda em uma cidade do interior de Goiás. Assim, no decorrer desta pesquisa, procurei demonstrar os elementos que contribuem para a presença e inserção dessa religião na cidade de Morrinhos. Buscando uma maior reflexão trouxemos um sucinto aporte teórico (presente no artigo produzido pela pesquisa) para enriquecer a pesquisa relacionada a este tema.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Olodumaré, que me deu energia e benefícios para concluir esse trabalho.

Agradeço aos meus guias por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade de fazer o curso de História e poder estar participando também, desse projeto de Iniciação Científica.

Ao professor André Luiz Caes pelo convite para fazer parte desse projeto, pela sua orientação, seu apoio, sua confiança, sua dedicação e principalmente pela

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





sua amizade.

Aos meus pais e amigos, pelo amor, incentivo, companheirismo e todo o carinho envolvido.

Referências

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Edvania Kehrlé; RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Da invisibilidade à visibilidade negativa das religiões africana na televisão brasileira.** Interfaces Científicas - Humanas e Sociais , 2016.

BONIFÁCIO, Welberg Vinicius Gomes. A invisibilidade das religiões afrobrasileiras nas paisagens urbanas. *Produção Acadêmica*, v. 3, p. 134-147, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/>> Acesso em: 18 jun. 2019.

CAES, André Luiz. **Umbanda: história, mistério, magia.** 160 páginas. Manuscrito. Texto enviado para publicação. 2019. COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tese. Goiânia. 2013.

Entrevista 1, março de 2019.

Entrevista 2, março de 2019.

LOPES, Rodrigo Barbosa. **Terreiros: Um estudo sobre a umbanda como prática social.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **As Várias Faces da Umbanda em Goiânia.** In: I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História - UFG/UCG, 2008, Goiânia-GO. Anais. Goiânia-GO: Editora da UFG, 2008. v. 1.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



TRAJETÓRIA DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU DA UEG: contribuições para a formação continuada de professores

***Pollyane M. Bortolotti**¹ (IC) bortolottipollyane@gmail.com, **Yara Fonseca de O. e Silva**² (PQ) UEG – Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Av. Juscelino Kubitschek, nº 146 - Bairro Jundiáí. Caixa Postal 459. Anápolis – GO. Homepage: www.ppgielt.unucseh.ueg.br.

Resumo: Nesse estudo buscou-se analisar brevemente a trajetória dos cursos de pós-graduação Lato Sensu oferecidos nos campus da UEG de acordo com as mesorregiões do estado goiano e pesquisar as áreas de conhecimento dos cursos de especialização de professores do Lato Sensu da UEG. A pesquisa qualitativa com base na revisão de literatura e pesquisa documental utilizou as fontes de dados disponíveis em sítios como, IBGE, Instituto Mauro Borges e UEG. A caracterização dos cursos de especialização nas diferentes mesorregiões de Goiás revela um alcance significativo da UEG na contribuição para a área de formação de professores. Esse trabalho possibilitou uma oportunidade de refletir sobre a articulação da formação de professores da educação superior até a educação básica.

Palavras-chave: Pós-graduação. Universidade Estadual de Goiás. Formação Continuada de professores. Mesorregiões de Goiás.

Introdução

Esse estudo é o resultado das atividades desenvolvidas como bolsista de Iniciação Científica (BIPIC-CNPq) vinculado ao projeto de pesquisa cadastrado na PrP da UEG intitulado “Pós-graduação Lato Sensu da UEG: cursos de formação de professores para educação básica nas mesorregiões do estado goiano”, sob a orientação da Professora Dra. Yara Fonseca de Oliveira e Silva. O objeto de estudo é a pós-graduação *Lato Sensu*, os cursos de especialização dessa instituição, entendida como uma área estratégica para o desenvolvimento de professores da educação básica, pois oferece uma perspectiva de continuidade de estudos para os profissionais da educação, articulando-se com o ensino de graduação. Objetivou-se analisar de forma breve a trajetória dos cursos de pós-graduação Lato Sensu oferecidos nos campus da UEG de acordo com as mesorregiões do estado goiano e ainda, pesquisar as áreas de conhecimento dos cursos de especialização de professores do Lato Sensu da UEG, a fim de contribuir com a sua caracterização. A seguir, além dessa introdução e das considerações finais, apresenta-se o



desenvolvimento desse estudo sendo, a metodologia e os resultados e as discussões.

O referencial teórico que versa sobre a universidade e a pós-graduação se deu com base no conjunto de documentos como, artigos em periódicos e legislações como, a LDBEN de 1996, a Resolução CNE/CES nº 1/2007 (BRASIL, 2007), a Resolução – CsA – nº 10 (UEG, 2003). A caracterização dos cursos dos diversos campus da UEG que estão espalhados nas diferentes Mesorregiões goianas (Norte, Noroeste, Leste, Central e Sul), teve a contribuição da dissertação de Sousa (2018, p. 85), pois esta mostra que das “411 especializações ofertadas no período de 1999 a 2017, 49% (202) concentram-se na área de conhecimento de Ciências Humanas, seguido de 27% (112) dos cursos de Ciências Sociais” e as outras áreas juntas como, Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Engenharias entre outras representam apenas “24% (97) do total”. Esses dados podem significar que essas outras áreas não possuem “uma oferta significativa para atender às demandas de mão de obra especializada de um Estado tão denso como o de Goiás, isto é, há um alto índice de empregos formais nos setores primário e secundário que podem estar necessitando de especialistas”. No entanto, pode se afirmar que para a área de Humanas, a especialização da UEG apresenta um número expressivo de cursos.

Material e Métodos

Essa pesquisa qualitativa utilizou duas etapas, que se complementam, a de revisão de literatura, a de pesquisa documental e teve como fonte de dados o arquivo da coordenação do *Lato Sensu* (PrP-UEG) e os sítios como, IBGE, UEG e Instituto Mauro Borges.

Resultados e Discussão

Os resultados a seguir apresentam-se em duas partes, a primeira seção se refere a trajetória dos cursos de pós-graduação e a segunda sobre a área de conhecimento dos cursos de especialização do *Lato Sensu* da UEG, contribuição para a formação continuada de professores.

1. **Trajatória dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu nos Campus da UEG nas Mesorregiões do Estado de Goiás**

Os resultados da pesquisa mostram que a UEG, enquanto instituição de ensino superior oferece cursos de especialização em todas as mesorregiões do Estado. A mesorregião do Norte Goiano formado pela união de 27 municípios se agrupa em duas microrregiões e tem cinco Campus da UEG sendo o município de Porangatu, o segundo com maior população com cerca de 40 mil pessoas.

A mesorregião do Noroeste Goiano formada pela união de 23 municípios agrupados em três microrregiões sendo, município mais populoso São Miguel do Araguaia e em quatro desses municípios a UEG se faz presente.

A mesorregião do Leste Goiano é formada pela união de 32 municípios agrupados em duas microrregiões e, essa região tem se tornado um atrativo para grandes Indústrias dos mais diversos ramos, principalmente nas cidades de Cristalina e Luziânia, tendo também quatro campus da UEG. Em relação às mesorregiões do Centro Goiano e do Sul pode se afirmar que são as duas maiores regiões sendo, mais populosa e com maior PIB de Goiás (IBGE, 2012).

A UEG é responsável por uma significativa oferta de vagas do Lato Sensu conforme revela os dados, no período de 1999 a 2010 tem-se 7.288 (sete mil duzentas e oitenta e oito) egressos que cursaram a Especialização em diferentes campus (UEG, 2010). Nesse sentido, esse resultado aponta que a UEG tem atendendo via *Lato Sensu* uma significativa quantidade de profissionais da educação.

O resultado da pesquisa de Sousa (2018) revela que os cursos da área de educação apresentaram a maior quantidade sendo, do total de 157 cursos que se realizaram 411, ou seja, 38% dos cursos de especialização ofertados serviram para a formação continuada de professores.

Dentro das cinco mesorregiões de Goiás durante o período de 1999 a 2017, foram ofertados a seguinte quantidade de cursos direcionados à formação de professores: na Mesorregião Norte foram 15 cursos, na Noroeste 10 cursos e na leste a menor quantidade com apenas 9 cursos. Mas, ao contrário disso, o Centro Goiano realizou 99 cursos e o Sul 24 cursos sendo, as duas mesorregiões que mais ofereceram cursos de especialização na área de educação.



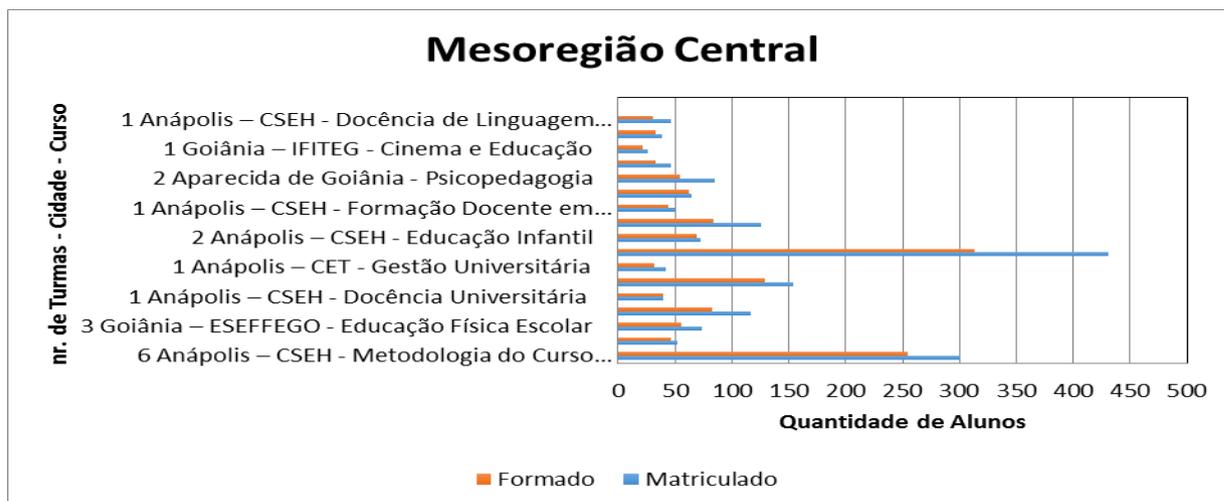
Ainda para Sousa (2018), a Mesorregião Central se destaca sobre todos os campus, por ser a região com o “maior índice de empregos formais e onde se concentra o maior número de campus universitários da UEG, com 38% do total de 42 campus, o que contribuem para a intensa demanda por qualificação, sobretudo, de professores. Essa alta concentração de especialização nos diferentes Campus da UEG se dá pelo fato de conforme Silva (2014) ser uma instituição, ainda predominante de ensino e ter predomínio dos cursos de licenciatura para a formação de professores na graduação, o que praticamente determina a especialização dessa instituição.

Área de conhecimento dos cursos de especialização do *Lato Sensu* da UEG: formação continuada de professores

A seguir apresenta-se os resultados de alunos matriculados e alunos formados no período de 1999 até 2017. Os cursos de pós-graduação *Lato Sensu* da UEG se faz presente em todas as Mesorregiões de Goiás, conforme se verificou os cursos com mais alunos matriculados e formados foram para formação continuada de professores, exceto para a Mesorregião Noroeste em que o curso com mais alunos matriculados e formados é o curso de educação ambiental.

A Mesorregião Central é que mais tem cursos na área de formação continuada de professores contendo pouquíssimos cursos fora dessa área. Essa região é a com mais aglomeração de campus e cursos de *lato sensu* e para melhor visualização e entendimento dessa região dividimos em dois Gráficos. No Gráfico 1 mostra os campus de Anápolis, Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Gráfico 1: Central, Número de Turmas no município, Campus e Cursos de *Lato Sensu*

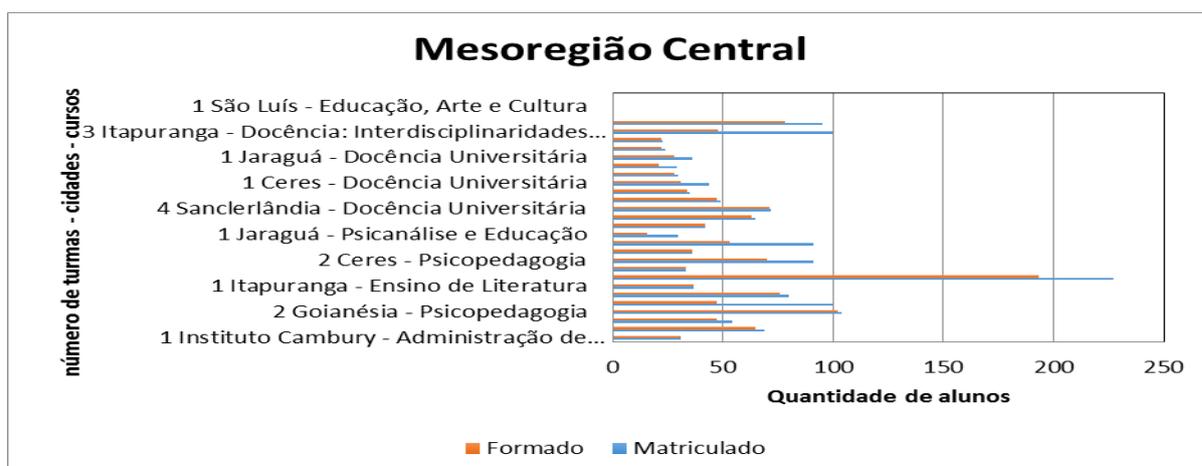


Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Dentre os três campus a maior oferta de turmas ocorreu no de Anápolis, pois dentre os 18 cursos, 6 deles foram de “Metodologia do Curso Superior”, com 301 alunos matriculados e 254 alunos formados, o que revela proximidade da oferta de Goiânia que dos seus 15 cursos, 9 deles foram de “Docência Universitária”, com 431 alunos matriculados e o total de 313 alunos formados. ambos os cursos possibilitam o acesso do professor à atuar na educação superior, portanto, é possível inferir que esses dois cursos se destacam na formação de especialistas nessa Mesoregião, com o foco por uma qualificação para a docência nesse nível de ensino.

O Gráfico 2 mostra os demais municípios da mesoregião Central e foi possível verificar que os cursos que mais se destacaram foram o de psicopedagogia e o de docência universitária sendo, no campus de Inhumas o curso de Docência Universitária teve maior destaque com 227 alunos matriculados e 193 alunos formados.

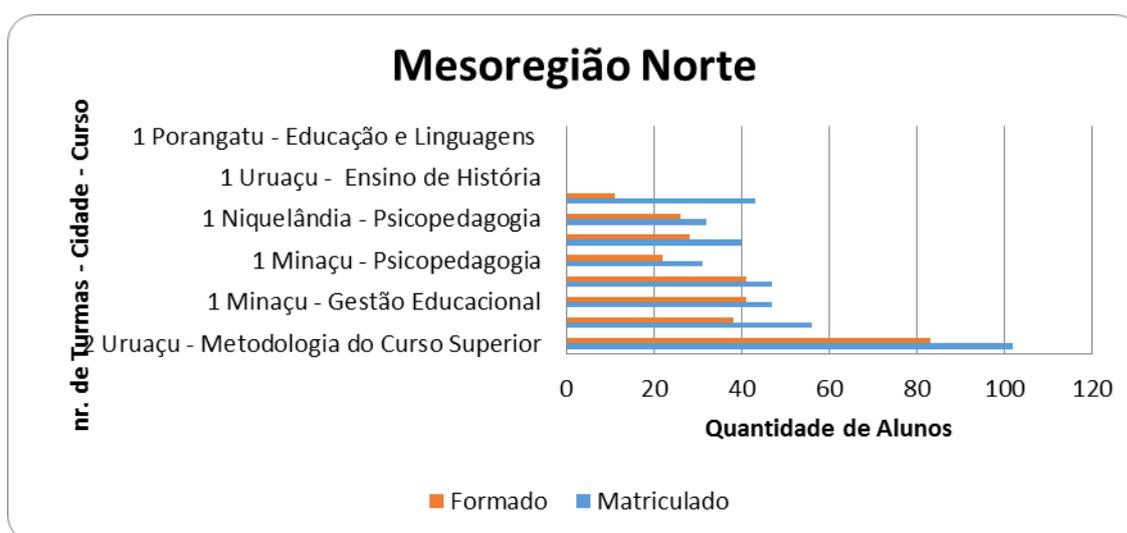
Gráfico 2: Central, Número de Turmas no município, Campus e Cursos de *Lato Sensu*



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

O Gráfico 3 mostra que dentre os 4 campus da UEG, o de Uruaçu ofertou a maior quantidade de turmas de especialização sendo 9 turmas do total de 15 cursos. Sendo 4 turmas de Docência do Ensino Superior e 2 turmas de Metodologia do Curso Superior, ou seja, há uma demanda por esses cursos e ou há um interesse por oferta, pois cursos relacionados à formação dos professores para atuação no ensino superior estiveram também nessa mesorregião em destaque, isto é, se aproximam da oferta de Goiânia, da Mesorregião Central. Entre os campus da Mesorregião Norte o curso que houve maior destaque foi o de Docência do ensino superior com 43 alunos matriculados e 11 alunos formados. Sobre a Mesorregião Norte o Gráfico 3 a seguir revela seus alcances,

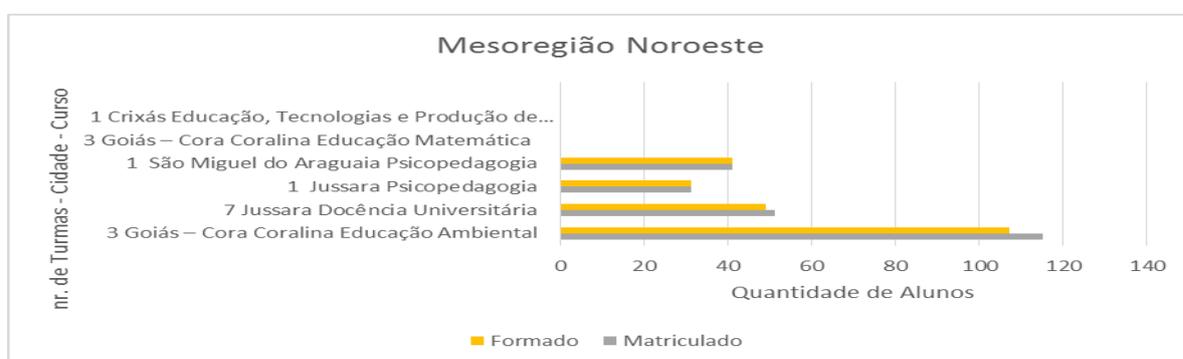
Gráfico 3: Norte, Número de Turmas no município, Campus e Cursos de Lato Sensu



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

O Gráfico 4 revela que na Mesorregião Noroeste a UEG ofertou em seus 4 campus um total de 17 turmas de especialização sendo, destaque para maior quantidade de turmas o campus de Jussara, com 8 turmas seguido pelo da Cidade de Goiás, com 6 turmas e o curso de Docência Universitária novamente se repete em maior quantidade no Campus de Jussara, porém nessa Mesorregião existiu uma maior variedade de outros cursos. O campus Cora Coralina na cidade de Goiás teve 115 alunos matriculados e 107 alunos formados no curso de Educação ambiental.

Gráfico 4: Noroeste, Número de Turmas no município, Campus e Cursos de *Lato Sensu*

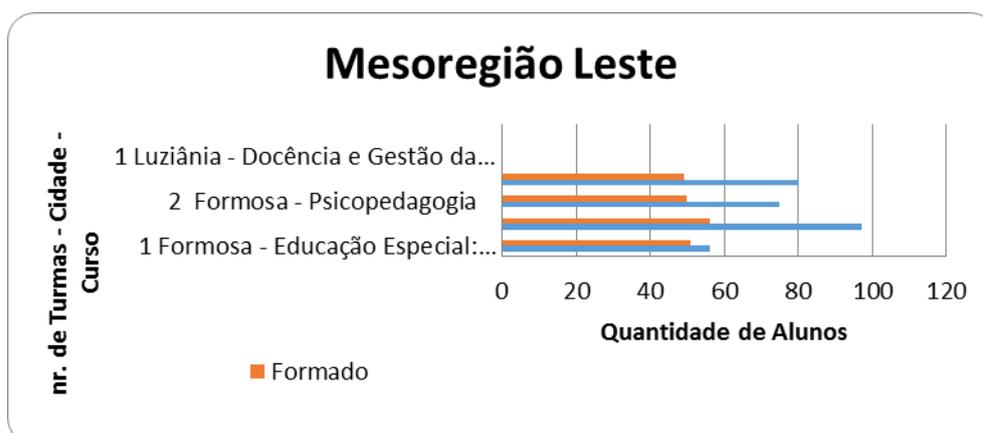


Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

A partir da análise dos Gráficos 3 e 4 das Mesorregiões Norte e Noroeste foi possível concluir que os cursos de Formação Continuada de Professores da UEG que também teve relevância foram os cursos de metodologia e gestão educacional.

De acordo com o Gráfico 5 da Mesorregião Leste é possível verificar que o curso de Gestão Educacional e Psicopedagogia são os cursos que mais se destacaram sendo, o Campus de Formosa, o que teve mais alunos formados e ao mesmo tempo com maior quantidade de alunos desistentes. No campus de Formosa com o curso de Gestão Educacional foram matriculados 97 alunos e apenas 56 alunos formados.

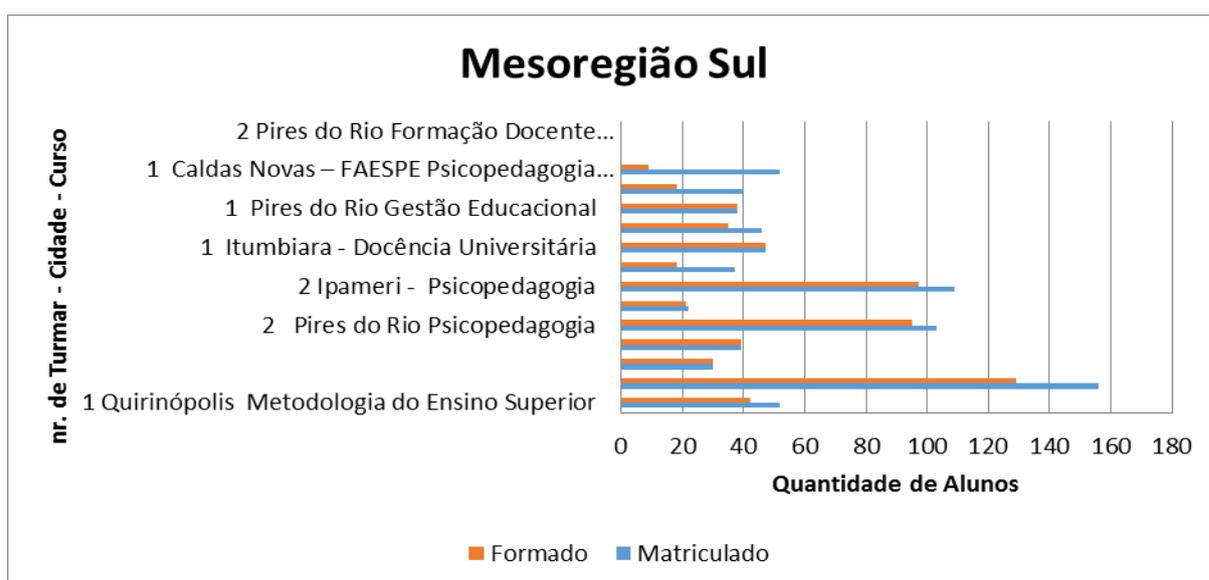
Gráfico 5: Leste, Número de Turmas no município, Campus e Cursos de *Lato Sensu*



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

A Mesoregião Sul é uma região com significativo volume de campus (6) e o que se constatou é que o curso que ressaltou foi o curso de Psicopedagogia, com destaque para o campus de Quirinópolis com 156 alunos matriculados e 129 alunos formados. Esse curso é importante por possibilitar a Formação Continuada de Professores, no sentido de compreender os processos de aprendizagem do indivíduo e ou metodologias para prevenir ou amenizar as dificuldades e supostos distúrbios nesse processo de aprendizagem.

Gráfico 6: Sul, Número de Turmas no município, Campus e Cursos de *Lato Sensu*



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Nessa Mesoregião Sul o destaque para a quantidade de alunos formados é para os



Campus de Morrinhos, seguidos dos de Ipameri e Pires do Rio.

Considerações Finais

A caracterização dos cursos de especialização nas diferentes mesorregiões de Goiás revela um alcance significativo da UEG na contribuição para a área de formação de professores. Esse trabalho possibilitou uma oportunidade de refletir sobre a articulação da formação de professores da educação superior até a educação básica. Considerando que tanto, a escola pública e gratuita, quanto a universidade, assumem o compromisso de oferecer formação cultural e científica aos seus alunos oportunizando a formação dos sujeitos.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo Apoio e Incentivo para a participação nessa pesquisa a partir da Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás PIBIC– UEG.

Referências

- BRASIL. LDBEN. Lei 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. _____ . Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação /Câmara de Educação Superior. Resolução nº 01, de 8 de junho de 2007. Estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação Lato Sensu, em nível de especialização. Brasília/DF: MEC/CNE/CE, 2007.
- _____. Lei n 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2001. Disponível em. Acesso em 9 nov. 2017.
- IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Divisão Regional do Brasil**. 2017. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm?c=1>. Acesso em: 2 nov. 2018.
- IMB, Instituto Mauro Borges. **Estatísticas das Meso e Microrregiões do Estado de Goiás**, 2013. Goiás: SEGEPLAN, 2018, 49 p. Parecer nº 76.058/75



<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116563/SAMWAYS.pdf?sequence=1>
PIRES, Nara; PUGGIAN, Cleonice. **Pós-graduação Lato Sensu**: legislação atual, novas diretrizes e a experiência da UNIGRANRIO. Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa, v. 1, n. 2, 2015.

SOUSA, Rosemeire Soares de. Pós-graduação Lato Sensu da UEG: trajetória, política e formação continuada de professores. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias). PPGIELT – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

UEG. Universidade Estadual de Goiás. Resolução CsA nº 10/2003. Aprovar as Diretrizes Políticas para a Pesquisa e a Pós Graduação. Anápolis/GO: 2003.

_____. Resolução CsA N. 653/2010. Altera a Resolução CsA n. 017/2010 que regulamenta normas para apresentação de projetos de criação de cursos de pós graduação Lato Sensu presenciais e seu trâmite e revoga a Resolução CsA nº02/2001. Anápolis/GO: 2010. Disponível em: Acesso em: 02 out 2017.

SILVA, Yara Fonseca de O. Universidade e o desenvolvimento local: o caso da Universidade Estadual de Goiás. 2014. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CIDADANIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: cidade e as práticas espaciais cidadãs

Ylane da Costa Bezerra¹ (IC)*, Claudia do Carmo Rosa² (PQ)

*E-mail: ylanebezerra2016@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas

Ao vincular-se à pesquisa “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS: CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DOS ALUNOS PARA A ATUAÇÃO CIDADÃ, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás (UEG) pela Profa. Claudia do Carmo Rosa, o presente estudo pretende abordar de forma objetiva uma discussão sobre a cidadania levando em consideração a cidade e as possíveis práticas espaciais cidadãs, a partir do ensino de Geografia desenvolvido nas escolas públicas. É nesse aspecto que se faz necessário um ensino de Geografia que resulte em aprendizagens significativas para a vida dos alunos, estabelecendo relações entre vida cotidiana e práticas cidadãs, Por esse motivo CAVALCANTI (2008) apresenta o pressuposto de uma cidadania ativa e participativa que possa atuar conscientemente na construção/reconstrução coletiva de ambientes urbanos mais compatíveis com princípios democráticos e de justiça social, garantindo assim o direito à cidade. Assim, se pensa em uma cidadania que promova a consciência crítica dos alunos sobre a sua realidade social, sobre seu direito a condições mais dignas de sobrevivência, direito às suas manifestações culturais, sobre o direito de acesso ao conhecimento da geografia escolar e aos espaços da cidade.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Pensamento geográfico. Práticas cidadãs. Cotidiano.

Introdução

O presente estudo se dispõe a apresentar de forma objetiva uma discussão sobre a cidadania levando em consideração a cidade e as possíveis práticas espaciais cidadãs, a partir do ensino de Geografia desenvolvido nas escolas públicas. É nesse aspecto que se faz necessário um ensino de Geografia que resulte em aprendizagens significativas para a vida dos alunos, estabelecendo relações entre vida cotidiana e práticas cidadãs é nesse que foi desenvolvido em 2018 no Colégio CPMG Manoel Vila Verde, Inhumas-GO e iniciou no ano de 2019 no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco também em Inhumas-GO.

Ter como enfoques a cidadania, a cidade e práticas cidadãs requer ir além da dimensão política, é levar em consideração as intensas reivindicações de

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UEG-Câmpus Inhumas e bolsista de iniciação científica da UEG.

² Doutora em Geografia pela UFG, docente efetiva nos cursos de Pedagogia e Psicologia - UEG, Câmpus Inhumas. Integra o Grupo de Estudo, Pesquisa e Assessoria em Currículo (GEPAC) na Pró-Reitoria de Graduação - UEG e também, é membro efetivo do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Pesquisa Geográfica (NEPEG).

inclusão social, de respeito à diversidade e de direitos mais amplos para melhores condições de vida e de sobrevivência da comunidade local. Assim, se pensa em uma cidadania que promova a consciência crítica dos alunos sobre a sua realidade social, sobre seu direito a condições mais dignas de sobrevivência, direito às suas manifestações culturais, sobre o direito de acesso ao conhecimento da geografia escolar e aos espaços da cidade.

Nesse sentido, surgem as questões norteadoras: é possível mobilizar a construção do pensamento geográfico dos alunos para atuarem na prática cidadã? Como os jovens que estão na educação básica constroem um pensamento teórico-conceitual sobre a cidade e a vida urbana capazes de fundamentar sua atuação cidadã? É possível, por meio dos conteúdos geográficos, promover o exercício da cidadania dos alunos no lugar em que vivem? Em que medida os alunos expressam que exercem práticas espaciais cidadãs na sua cidade?

Por esse motivo CAVALCANTI (2008) apresenta o pressuposto de uma cidadania ativa e participativa que possa atuar conscientemente na construção/reconstrução coletiva de ambientes urbanos mais compatíveis com princípios democráticos e de justiça social, garantindo assim o direito à cidade.

É importante compreender a concepção de cidade e cidadania pelo ponto de vista geográfico. É na cidade que se produz o modo de vida dominante na sociedade contemporânea. Dessa forma, o tema cidade, no ensino de Geografia, contribui para a compreensão do espaço urbano, para a prática cidadã e para possibilitar o trabalho com os conceitos geográficos de paisagem, lugar e território, muito presentes nos orientadores curriculares para o ensino de Geografia.

Material e Métodos

O desenvolvimento da pesquisa assenta-se na metodologia qualitativa, com enfoque na pesquisa colaborativa, pelo fato de nessa perspectiva o objeto de análise ser problematizado e investigado em colaboração (THIOLLENT, 2005). Estão sendo considerados os posicionamentos teóricos, as contribuições dos professores e dos alunos do colégio, a partir dos seguintes procedimentos metodológicos:



- 1- Participação no grupo de estudo com leituras previamente indicadas pela orientadora da pesquisa e também, em reunião com o professor do Colégio participante;
- 2- Envolvimento nas atividades a serem realizadas na escola a partir da identificação de problemas locais e realização de trabalho de campo;
- 3- Acompanhamento das aulas de Geografia e registro das contribuições dos professores e dos alunos das escolas participantes;
- 4- Participação do I Seminário “Nós Propomos!” Goiás na Universidade Federal de Goiás.
- 5- Participação das reuniões do “Nós Propomos” realizadas no LEPEG na Universidade Federal de Goiás.

Resultados e Discussão

O desenvolvimento do projeto se iniciou no Colégio CPMG Manuel Vila Verde com reuniões na companhia do professor de Geografia em agosto e setembro de 2018 a fim de tratar dos objetivos e ações a serem realizadas. No mês de outubro apresentamos o projeto aos alunos, juntamente com a presença do professor de Geografia e da equipe gestora. A pesquisa foi desenvolvida numa turma do 1º ano do ensino médio. Após essa apresentação, foram marcados os dias (terça-feira e quinta-feira) para acompanharmos as aulas de Geografia.

Na observação que fizemos nas aulas vivenciamos o professor de Geografia manuseando o fascículo juntamente com os alunos tratando sobre a industrialização, observação dos mapas do fascículo, porém não houve muita participação dos alunos, discutiu sobre a relação campo e cidade, a questão da economia sempre em destaque, o cerrado, indústrias, grandes empresas. O professor também fez uma avaliação oral de tudo que ele abordou durante as aulas.

Tivemos uma reunião em Goiânia no IESA-LEPEG da Universidade Federal de Goiás para tratarmos das questões relacionadas ao I Seminário “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS, de quais seriam as possibilidades e a programação, assuntos que permeiam o processo que se dá na realização do projeto nas salas de



aula, os efeitos que causam e podem causar, foi discutido também alguns dos livros e artigos sobre o projeto e sobre o congresso Ibero-americano foi pontuado algumas questões. A orientadora juntamente com o professor de Geografia organizou grupos de alunos para apresentar os planos de trabalho no I Seminário “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS realizado no dia 04 de dezembro de 2018 em Goiânia no IESA-UFG. Além da apresentação, o grupo também conheceu o IESA, e no momento estamos aguardando as aulas começarem para darmos continuidade aos trabalhos para finalizar nossa pesquisa e apresentá-la no CEPE 2019 e consequentemente no próximo II Seminário “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS.

Por motivos e forças maiores nosso projeto teve algumas mudanças, finalizamos em 2018 com a participação dos alunos do CPMG de Inhumas no seminário, mas iniciamos em 2019 em outra instituição, no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, devido a vinculação do projeto com a UFG e com a submissão da proposta do edital Fundação Carlos Chagas o projeto foi contemplado com um financiamento no valor de R\$ 300 mil reais, afim de não perder esse ganho e atender as exigências propostas tivemos essa necessidade de mudança, uma escola militar para uma escola da rede pública, que na oportunidade recebeu a ideia do projeto com muito entusiasmo e disposição ocasionando a participação da gestão da escola e professores de geografia em uma das reuniões do “Nós Propomos” no LEPEG na UFG em Goiânia juntamente com a orientadora e bolsistas.

Ao participar da reunião realizada no LEPEG a gestão da nova escola participante do projeto pode juntamente com todos os demais participantes, professores de geografia, bolsistas e demais, conhecer de perto o projeto no qual foi apresentado pelas Professoras Doutoras Lana Cavalcanti e Karla Annyelly de Oliveira, também participaram das discussões em relação aos fascículos para que tomasse conhecimento a fim de se trabalhar com esse material nas salas de aula, posteriormente a orientadora do projeto Profa. Dra. Claudia do Carmo Rosa participou de um evento do “Nós Propomos” em São Paulo com o objetivo de estar sempre ativa nas atividades do projeto.

Considerações Finais

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Diante dos fatos mencionados entende-se que esse projeto além de ser de extrema importância para as escolas ele também é para os alunos, não enquanto alunos da escola mas pessoas que vivem em outros espaços, esse projeto leva a quem participa olhar a geografia com um olhar reflexivo e crítico dessa forma também desenvolvendo essa perspectiva nos alunos e os demais como bolsistas.

Logo percebe-se que esse tipo de intervenção dentro das salas de aula não pode limitar-se apenas até o término da realização do projeto pois um dos objetivos foi o de caracterizar as práticas cidadãs, ou seja vai além dos muros da escola.

Dessa forma podemos concluir que esse projeto não se finda nesse momento ele deve dar continuidade, é necessário que ele seja concluído na escola que iniciou no ano de 2019, assim sendo torna-se indispensável o desfecho dos trabalhos na escola Presidente Castelo Branco.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus pela vida.

A universidade UEG Campus Inhumas pela oportunidade de participar de um projeto de iniciação de pesquisa, no qual sabemos que só tem a somar com a minha formação acadêmica e ao programa de bolsas que a mesma ofereceu.

A minha orientadora, Profa. Claudia do Carmo Rosa, que além de ser professora é um ser humano incomparável, que me proporcionou momentos ímpares ao seu lado fazendo a minha passagem na universidade ser um presente para minha futura carreira docente e pessoal. Por essa gratidão deixo meu anseio por continuar nesse projeto já que o mesmo não se findou na escola participante e no cronograma da orientadora.

Referências

CAVALCANTI, Lana de S. **A Geografia escolar e a cidade**. Campinas-SP: Papyrus, 2008.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG

Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável

de 16 a 18/10/2019
Anápolis



THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás